

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Vânia Gutierrez Siems

**A Feira do Beco do Inferno entre um evento e um movimento: juventude e
organização política na cena cultural de Sorocaba**

Sorocaba
2024

Vânia Gutierres Siems

**A Feira do Beco do Inferno entre um evento e um movimento: juventude e
organização política na cena cultural de Sorocaba**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos Campus Sorocaba, para obtenção do título de Mestra em Educação

Orientador: Prof. Dr. Felipe de Souza Tarábola

Sorocaba
2024

Gutierrez Siems, Vânia

A Feira do Beco do Inferno entre um evento e um movimento: juventude e organização política na cena cultural de Sorocaba / Vânia Gutierrez Siems -- 2024. 168f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Felipe de Souza Tarábola

Banca Examinadora: Maria Carla Corrochano, Elmir de Almeida

Bibliografia

1. Movimentos Sociais. 2. Coletivos Culturais. 3. Ação Política. I. Gutierrez Siems, Vânia. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

VÂNIA GUTIERRES SIEMS

A Feira do Beco do Inferno entre um evento e um movimento: juventude e organização política na cena cultural de Sorocaba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos Campus Sorocaba, para obtenção do título de Mestra em Educação

Sorocaba, 9 de agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe de Souza Tarábola UFSCar

Profa. Dra. Maria Carla Corrochano UFSCar

Prof. Dr. Elmir de Almeida USP

“A vida não para para a qualificação”

Maria Edith Romano Siems
Pós Doutora em Educação e Dra. em Educação Especial

Agradecimentos

Trilhar os caminhos do mestrado esteve em meus desejos durante anos, pensei muito, li diversas vezes a ementa do curso e os detalhes das linhas de pesquisa. Busquei variadas instituições e mantive o projeto engavetado por longo tempo. Somente após o nascimento dos meus dois filhos, e quando acreditei que eles poderiam suportar passar por esse processo junto comigo é que retomei os planos de estudo.

Para chegar até aqui o caminho trilhado foi árduo e por ele passaram diversos educadores que me deram base e coragem para seguir. Educadores esses que se fizeram presentes em minha vida escolar e em minha família, que é repleta de professores. Agradeço cada um deles que dedicou seu tempo e seu conhecimento para minha formação. Neste momento especialmente sou grata ao meu orientador, que aceitou seguir nesse trabalho ao meu lado, e sobretudo aceitou trabalhar com um assunto que eu tenho afinidade e apreço, mesmo que para isso tenha sido necessário mudar o projeto ao longo do caminho. Ele não hesitou. Obrigada Felipe Tarábola, por cada orientação, por todos os conselhos e ensinamentos, por me mostrar caminhos, me ajudar a desviar rotas e compreender que a vida humana segue enquanto estudamos, e que sobretudo a vida de uma mãe, que é docente, mestranda e graduanda ao mesmo tempo, é realmente conturbada e atarefada.

Sou imensamente grata a Maria Carla Corrochano, que não só me acolheu como sua aluna de estágio, mas também se tornou uma amiga e conselheira. Sua orientação foi fundamental em minha jornada de aprendizado, e suas aulas foram verdadeiras fontes de inspiração e essenciais para o meu crescimento acadêmico e profissional. Além disso, seus apontamentos na banca de qualificação me direcionaram e auxiliaram nos caminhos dessa pesquisa. Maria Carla e Felipe foram muito mais do que professores.

Agradeço sinceramente ao Professor Elmir de Almeida pelo cuidado e atenção dedicados à leitura do meu texto durante a qualificação, bem como pelas sugestões de caminhos e leituras que foram fundamentais para concluir esta pesquisa e me instigaram a trocar as lentes de observação.

À professora Daniela Auad e à professora Claudia Lahni, que durante a disciplina de Educação, Comunicação e Feminismos, seguraram minha mão nos meus momentos pessoais mais conturbados, sendo compreensivas, empáticas e solidárias.

Nessa jornada, expressei meu sincero agradecimento aos colegas do grupo de estudos, especialmente à Flávia Libâneo, Thamires Reis e Pamela Carvalho, com quem compartilhamos leituras, momentos de tristeza e alegria, sucessos e desafios. Juntas, formamos um grupo que carinhosamente chamamos de "Juntas para não enlouquecer", o qual foi essencial para a nossa trilha acadêmica e pessoal. As trocas de leitura, os conselhos e o apoio constante foram indispensáveis para que não desistíssemos. Espero que possamos continuar juntas em novos caminhos.

Preciso e quero expressar minha gratidão especial à minha tia Maria Edith Romano Siems, que sempre esteve ao meu lado, desde a infância fazia questão de mostrar os caminhos do aprendizado. Para o mestrado, me motivou, apoiou e auxiliou. Ela esteve ao meu lado desde o início da jornada, oferecendo conselhos valiosos e segurando minha mão, minha cabeça e meus problemas, sempre acreditando em mim. Cada palavra, apoio, bronca e abraço dela foram indispensáveis. Enfrentamos muitas dores juntas, especialmente o falecimento do meu primo, seu filho, que foi uma das piores experiências que vivenciei durante este árduo processo de mestrado. Mesmo assim, seguimos firmes e fortes, às vezes mais fortes do que imaginávamos. Não tenho palavras para dizer o quanto a amo e a quero bem.

Outros processos dolorosos atravessaram esse período, como a perda de uma avó, de um sogro e de um casamento. Quem segurou cada minuto, e posso até dizer cada segundo, foi a minha rainha, minha mãe, e o meu pai. Ela me pediu 10 páginas de agradecimento, não vou fazer isso com meu leitor porque eu tenho a certeza de que ela sabe o quanto ela foi e é fundamental na minha vida e o quanto ela e meu pai foram indispensáveis nesse processo. Eles renunciaram à vida deles, o tempo deles, deixaram gostos e desejos próprios esperando, para poderem estar ao meu lado e suportaram absolutamente tudo nesse período. Foram como sempre, amigos, parceiros, companheiros e muito mais do que isso, foram a segurança dos meus filhos, exerceram por diversas vezes com maestria a minha função em tempo quase integral. Foram motoristas,

cozinheiros, recreadores, médicos, faxineiros, babás, mas sobretudo supriram e explicaram todas as vezes com amor e carinho aos meus pequenos meninos que a minha ausência era temporária e necessária, por mim e por eles. O amor que eu tenho por vocês não cabe em um só coração. Obrigada mãe e pai.

Aos dois maiores, mais importantes e grandiosos amores da minha vida, Danielzinho, hoje com 7 anos e Otávio com 5, peço perdão. Espero que um dia eles possam entender a importância do estudo e, cada vez que eles me questionaram o porquê eu trabalho e estudo tanto, faça sentido um dia para eles. Tentei ser e fazer o melhor, mas carrego como todas as mães, culpas imensas. Me desculpo por cada ausência, impaciência, pressa, por cada vez que eu disse que não podia brincar, ou que precisava de silêncio. Na verdade, o silêncio abria espaço na cabeça, mas ensurdecia meu coração.

Ao pai dos meus filhos, ainda que tenhamos rompido matrimônio durante esse processo, o que de fato também foi extremamente desgastante e conturbado, agradeço o apoio e incentivo inicial e contínuo. Obrigada por continuar sendo pai, algo que nem todo homem é capaz, e por também ter suprido muitas ausências minhas na vida dos meninos, tenho certeza de que você ganhou muito com isso, o tempo ao lado deles é especial.

As minhas primas Monise e Aline, serei sempre grata, assim como a minha madrinha Fatima, minha tia Carmem e minha sempre amada sogra, Roseli. Meu sincero obrigada por tudo sempre.

Para finalizar sou imensamente grata a Flávia, organizadora desse maravilhoso evento, que sempre esteve pronta para me ceder informações de forma espontânea, graciosa e generosa. Aos meus entrevistados sou grata por compartilharem suas histórias e trajetórias e se disponibilizarem a participar das entrevistas.

Agradeço aos amigos e colegas de profissão que se fizeram presentes, e aos amigos pessoais, por me apoiarem, incentivarem, me reerguerem quando necessário e vibrarem comigo a cada conquista, foram muitos, ainda bem.

Pretendo seguir estudando, então junto ao agradecimento aproveito para dizer que continuo contando com cada mão que segurou a minha.

RESUMO

Esta dissertação examina o evento "Feira do Beco do Inferno" em Sorocaba, refletindo sobre seu papel como expressão cultural e política de indivíduos e grupos organizados na cidade, mas também como configuração de um movimento cultural e social significativo para Sorocaba. O estudo foi motivado pela necessidade de compreender como a Feira, mais do que uma mera celebração artística, funciona como um espaço de resistência, expressão e engajamento social para a juventude e outros grupos participantes. O objetivo principal foi investigar as interações e o impacto da Feira no contexto social e cultural de Sorocaba, particularmente em relação ao envolvimento dos jovens e à sua influência nas dinâmicas culturais e políticas locais. Utilizando uma metodologia qualitativa, a pesquisa baseou-se em observações participativas, entrevistas semiestruturadas e análise documental para capturar as experiências e percepções dos participantes da Feira. Este enfoque permitiu uma imersão profunda nas dinâmicas do evento e na identificação das suas contribuições para o tecido social e cultural da cidade. Os resultados revelaram que a Feira do Beco do Inferno é um ponto de encontro vital para os jovens, proporcionando um ambiente de desenvolvimento crucial para a arte, o debate político e o ativismo social. O evento se estabeleceu como um movimento cultural que desafia as normas sociais conservadoras, promovendo a inclusão, a diversidade e a participação cívica. Através da arte e da expressão cultural, a Feira facilita o diálogo e a reflexão sobre questões sociais, fomentando um sentido de comunidade e pertencimento entre os participantes. A Feira do Beco do Inferno desempenha um papel crucial na vida cultural e social dos jovens de Sorocaba, agindo como um agente facilitador para o engajamento e a mudança social. Este estudo indica a relação entre espaços culturais como a Feira e a promoção da cidadania ativa e apresenta considerações para formulação de políticas públicas.

Palavras-chave: Movimento cultural; Coletivos culturais; Juventude; Sorocaba; Ação Política.

ABSTRACT

This dissertation examines the event “Feira do Beco do Inferno” in Sorocaba, reflecting on its role as a cultural and political expression of individuals and groups organized in the city, as well as a significant cultural and social movement for Sorocaba. The study was motivated by the need to understand in what ways the Fair functions as a space of resistance, expression and social engagement for the youth and other participating groups, being much more than just an artistic celebration. The main objective was to investigate the interactions and the impact the Fair has on the social and cultural context of Sorocaba, particularly regarding the involvement of the Youth and its influence on the local cultural and political dynamics. Using qualitative methodology, the research relied on participant observations, semi-structured interviews and documentary analysis in order to capture the experiences and perceptions of the Fair participants. This approach allowed for a deep immersion in the dynamics of the event and the identification of its contributions to the social and cultural fabric of the city. The results revealed that the Feira do Beco do Inferno is a vital meeting point for young people, providing an environment of crucial development for art, political debate and social activism. The event has established itself as a cultural movement that challenges conservative social norms, promoting inclusion, diversity and civic participation. Through art and cultural expression, the Fair facilitates the dialogue and the reflection on social issues, fostering a sense of community and belonging among the participants. The Feira do Beco do Inferno plays a crucial role in the cultural and social life of Sorocaba’s youth, acting as a facilitating agent for engagement and social change. This study indicates the relationship between cultural spaces such as the Fair and the promotion of active citizenship, and presents considerations for formulating public policies.

Keywords: Cultural Movements; Cultural Collectives; Youth; Sorocaba; Political Action

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rua Leite Penteado, conhecida popularmente por Beco do Inferno	50
Figura 2:Feira do Beco do Inferno – Rua Leite Penteado em 11.12.2016	50
Figura 3: Mídias de divulgação da XI edição da Feira do Beco do Inferno	52
Figura 4: Divulgação da 1ª edição da Feira do Beco do Inferno 2016	57
Figura 5:Arte de divulgação da XX edição da Feira do Beco do Inferno	61
Figura 6: Anúncio de retomada do evento para 2023	63
Figura 7:Trajectoria burocrática do evento: período de 2016 a 2023	70
Figura 8: Totem da entrada da cidade	76
Figura 9: Divulgação da Drag Andy	126
Figura 10: Programação do 24º evento	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores: Evento, Arte Cultura, Trabalho, Jovens.....	32
Quadro 2: Trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores: Arte, Cultura, Trabalho, Jovens, Movimentos Sociais.....	34
Quadro 3: Trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores: Feira Cultural em Espaços Públicos.....	35
Quadro 4: Trabalhos encontrados na Plataforma Scielo com Marcadores: Evento, Arte, Cultura	37
Quadro 5: Trabalhos encontrados na Plataforma Scielo com marcadores: Feira Cultural em Espaço Público	38
Quadro 6: Perfil das jovens e do jovem entrevistados.	101
Quadro 7: Quadro demonstrativo de alguns grupos presente no evento	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Associação Sorocabana de Artesanato
ATS	Associação de Transgêneros de Sorocaba
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CPS	Centro Paula Souza
EBAP	Escola Brasileira de Administração Pública
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ETEC's	Escolas Técnicas
FACESG	Faculdade Cesgranrio
FAE	Centro Universitário Franciscano do Paraná
FATEC's	Faculdades de Tecnologias
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FIAM/FAAM	Faculdades Metropolitanas Unidas Educacionais
LDB	Lei de diretrizes e bases da educação
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, intersexual, Assexual e identidades outras.
MACS	Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba
MAU	Movimento Artístico Universitário
MEI	Microempreendedor individual
NEM	Novo Ensino Médio.
ONU	Organização das Nações Unidas
PESCD	Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROUNI	Portal Único de Acesso ao Ensino Superior
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul
REPU	Rede Escola Pública e Universidade.
SAS	Sociedade Angolana de Sociologia
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados.
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESB	Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia
UFBA	Universidade Federal Do Sudoeste Da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazonia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar-So	Universidade Federal de São Carlos Campus Sorocaba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNAMA	Universidade da Amazônia
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
Jornada Intelectual. Da ideia à pesquisa.	23
Levantamentos de pesquisas anteriores	30
Organização da escrita	44
1 CONHECENDO A FEIRA - Um evento artístico e cultural em Sorocaba	46
1.1 A Feira do Beco do Inferno.	46
1.2 Os espaços urbanos ocupados pelo evento	49
1.3 História e Trajetória	55
1.4 Pausa pandêmica e ações	59
2 A FEIRA DO (DES)CONFORTO	64
2.1 Percepções contrastantes e entraves	64
2.2 Um “Tiquinho” de Sorocaba	71
2.3 Políticas públicas e avanços para a feira	77
3. AS ARTES E OS JOVENS	85
3.1 Arte, cultura e cidadania	85
3.2 Jovens e a juventude	93
4 EXPERIÊNCIAS E AÇÕES DOS JOVENS	99
4.1 Gil	102
4.2 Amy	106
4.3 Elis	108
4.4 Cassia	110
4.5 (Todes) Juntos e misturados	113
5 A FEIRA É UM EVENTO DE COLETIVOS CULTURAIS OU UM MOVIMENTO SOCIAL?	117
5.1 Não só um evento, mas um movimento. (Tecendo conexões)	117
5.2 Movimentar também educa	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137

REFERÊNCIAS	141
Apêndice A - Modelo aprovado de TCLE	152
Apêndice B - modelo aprovado de termo de captação e uso de imagem, voz e som	154
Anexo 1 - Documento produzido pela organização do evento	156
Anexo 2 - Documentos oficiais da Câmara Municipal de Sorocaba	163

APRESENTAÇÃO

E vamos à luta [...] Eu acredito é na rapaziada. Que segue em frente e segura o rojão. Eu ponho fé é na fé da moçada. Que não foge da fera e enfrenta o leão. Eu vou à luta com essa juventude. Que não corre da raia a troco de nada. Eu vou no bloco dessa mocidade. Que não tá na saudade e constrói. A manhã desejada [...]

Gonzaguinha¹

Construções e sonhos, enfrentamentos e desafios, pensando no amanhã e vivendo o hoje. A rapaziada, essa mocidade da qual fala Gonzaguinha, resume boa parte da vida dos jovens desse país, assim como também resume um pouco da minha vida e caminhada durante a juventude.

Pretendo com essa breve apresentação mostrar que, como Mills (1972) afirma, a minha experiência do passado influi e afeta meu presente, podendo definir a capacidade do meu futuro. Desta forma, segui seus conselhos e controlei dentro do possível minhas interinfluências no assunto pesquisado, buscando isolá-las para usá-las como “guia e prova” (Mills, 1972, p.212) de minhas reflexões. Confio que essa apresentação situe o leitor sobre quem é essa pesquisadora iniciante e do quanto esse trabalho me é importante pessoalmente.

Os trajetos e percursos que me motivam a investigar os jovens atuantes em um evento artístico e cultural são múltiplos e certamente compostos muito mais por ruas vicinais do que por longas avenidas. Ruas essas com curvas, lombadas, subidas, descidas e buracos, mostrando que ao chegar no destino o caminho não acaba e que nas ruas sem saída existe a possibilidade de retorno e mudança de rota.

A escrita deste trabalho vai sendo formada como Freire (1989) afirma, através da precedência da leitura de mundo que antecede a leitura da palavra,

¹A fim de dar destaque a classe artística, todos os artistas mencionados terão breve notas biográficas, sendo estes popularmente conhecidos ou não.

Gonzaguinha: Nome artístico do economista, cantor e compositor brasileiro Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior. Fundador, juntamente com os artistas Aldir Blanc, Ivan Lins, Márcio Proença, Paulo Emílio e César Costa Filho, do Movimento Artístico Universitário (MAU) que nos anos 1970 foi de grande importância para a música popular brasileira. Compositor da música “Eu acredito é na Rapaziada”, que demonstra identificação e solidariedade com lutas e manifestações populares.

o que se faz muito claro na minha jornada de tantas andanças, mudanças de trajetos e vias desconhecidas que foram desbravadas, me possibilitando acumular experiências e vivências que hoje norteiam meus passos e as formas como entendo o mundo e as pessoas com todas as suas pluralidades.

Minha caminhada é muito mais da vida e das experiências do que da academia: universidade pública, projetos de iniciação científica, e grupo de estudos são coisas novas para mim. Essas questões me incomodaram muito no ingresso do mestrado, entendi que seria necessário buscar meios de atenuar o que considero um prejuízo em questões de leituras e conhecimentos acadêmicos.

Com a construção coletiva do saber, auxílio das disciplinas e dos professores, posso dizer que minimizar essa defasagem foi algo intenso e especial. Para além, pude perceber que minhas vivências, experiências plural e acúmulos de conhecimentos outros que trago na bagagem não podem ser considerados poucos e nem desprezados.

Justamente esse percurso é o que vai ao encontro do que busco entender nos participantes da Feira do Beco do Inferno, sobretudo com os jovens. As maneiras como eu enfrentei e lidei com a organização social posta e com a minha condição juvenil servem hoje de base para investigar e compreender as múltiplas maneiras de articulação e movimento da juventude com relação à busca de autonomia, independência e visibilidade para os desejos presentes e futuros para suas construções individuais e de sociedade.

Frequentadora do evento, meu olhar passou a ser mais atento aos múltiplos significados e sentidos que ele proporciona ao público e aos seus integrantes. Moldei esse olhar por dois fatores cruciais: o momento político no qual o Brasil esteve afogado desde o *impeachment*² da presidenta Dilma Rousseff reverberando na eleição de Jair Messias Bolsonaro, e o isolamento imposto pela pandemia de Covid 19.

² Impeachment: Processo político-criminal que tem a intenção de destituir representantes eleitos de seus cargos governativos. O processo de impeachment de Dilma Rousseff começou em 2 de dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceitou o pedido de 3 juristas, após 273 dias, em 31 de agosto de 2016, o processo foi concluído, resultando na cassação do mandato de Dilma, porém sem a perda de seus direitos políticos. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil> Acesso 10.05.2023.

Esses dois fatores me colocaram a pensar as condições individuais e subjetivas de cada ser humano e na minha própria existência; onde estive, os lugares que frequentei, as oportunidades que me foram postas, os cuidados e cenários de vida que me atravessaram.

Sobre minha própria experiência, gosto de dizer como Charlie Brown Jr.³: “Não tão complicado demais, mas nem tão simples assim”. Vale ressaltar um pouco das condições econômicas e estruturais, dos privilégios e dos não direitos especiais que me foram concedidos. Cresci em uma edícula no fundo da casa da minha avó, filha única, de mãe e pai casados com escolaridade incompleta, mas que sempre acreditaram na potência da educação e importância do conhecimento cultural em todas as suas interfaces, sem desprezar a cultura popular e entendendo a dita cultura erudita, em suas diferenças de formação e de classe como destaca Marilena Chaui, em sua obra “Cidadania cultural: O Direito à Cultura”. Esse direito me foi ofertado.

Neta da professora paulistana nascida em 1927, seguramente feminista pelos enfrentamentos e lutas que travou para poder viver tudo aquilo que tinha direito, me incentivou à apreciação de arte, festas, eventos e aguçou minha curiosidade ao diverso. Falo dela por ter me mostrado capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, litorais e museus, clubes e praças entre tantos outros lugares especiais, mostrando quanto Sorocaba era pequena perto do mundo que poderia existir para longe daqui.

A maturidade de hoje faz com que eu me identifique como uma pessoa privilegiada; apesar de grandes dificuldades financeiras, privilégios múltiplos me atravessaram e me atravessam até hoje, como mulher branca, heterossexual que pôde estudar em uma das melhores escolas particulares da cidade de Sorocaba através de esforço máximo dos meus pais e das múltiplas bolsas de estudos, que tem moradia própria, dispõe de veículo, emprego formal, e que se manteve a maior parte da pandemia em isolamento social.

Foi na escola que conforme eu crescia a realidade da diferença social batia cada dia mais à porta: conheci todos os luxos possíveis que eu jamais teria,

³Charlie Brown Jr: Banda brasileira de Rock, formada em Santos-SP no ano de 1992, fundada por Alexandre Magno Abrão, conhecido como Chorão. Com letras de amor, amizade e críticas à sociedade, ganhou uma legião de fãs, especialmente entre os jovens da época. A banda terminou em com a morte do Chorão precocemente no ano de 2013.

lembro da facilidade da vida dos meus colegas e guardo na memória situações nas quais me senti completamente fora do mundo deles.

Construí um espaço e uma história linda nessa escola, mas sempre tive consciência de que precisaria enfrentar o tal “leão” que diz Gonzaguinha se quisesse evoluir, se quisesse ter mais acesso ao mundo o que ele pode oferecer.

Como dizem os Racionais Mc's⁴: “Sempre fui sonhador... e é isso que me mantém vivo”. Fazer um curso superior na minha cidade não foi exatamente uma escolha e sim a condição mais apropriada para o “setor financeiro” residencial. Ainda não foi nesse momento que entendi que ser professora era meu caminho e não fiz curso de Pedagogia, História, Sociologia ou nada parecido: escolhi Hotelaria.

Obviamente, trabalhar para custear meus estudos e minha vida de jovem fez parte do percurso acadêmico. Trabalhar me abriu muitas portas, me ensinou muita coisa, trouxe uma responsabilidade até então distante, um vasto universo foi aberto pelo trabalho.

A faculdade de Hotelaria, curso novo e promissor à época, mas que depois de alguns anos não foi mais ofertado pela universidade, proporcionou a experiência mais significativa da minha vida: ser marinheira, durante três anos, trabalhar em navios. Fazer cruzeiros transatlânticos foi, certamente, mais um pontapé para a paixão por cultura, diversidade e arte.

Poder conhecer mais de 15 países e incontáveis cidades, além de partilhar vivências pessoais e profissionais com pessoas de vários continentes, estimulou minha curiosidade e ampliou pensamentos e percepções com relação ao mundo e ao outro; passei a perceber e indagar os abismos sociais com os quais me deparei em minhas andanças.

Pude notar que, se em relação à bolha da escola particular que frequentei me sentia desfavorecida, em relação ao mundo “real” fora da minha bolha eu era

⁴ Racionais MC's: São um grupo de rap brasileiro conhecido por suas letras que abordam questões sociais, raciais e políticas, com uma forte crítica ao sistema e à desigualdade. Surgiram na periferia de São Paulo na década de 1980 e desde então se tornaram uma referência no cenário do rap nacional. Sua importância se dá não apenas pela qualidade artística, mas também por sua capacidade de escuta às camadas marginalizadas da sociedade, denunciando injustiças e promovendo reflexão e conscientização. Os Racionais MC's são considerados uma influência fundamental para o rap brasileiro, contribuindo significativamente para a sua evolução e reconhecimento como forma de expressão cultural.

imensamente favorecida. Favorecida por onde nasci, pela minha cor de pele, pelas oportunidades que tive.

Esta experiência, além de me agregar valores pessoais também me trouxe inúmeras vivências profissionais e desenvolvimento intelectual, abrindo portas no mercado de trabalho, especialmente em virtude dos idiomas aprendidos.

Quando o mar não era mais minha residência oficial, as ruas de terra e as fazendas passaram a fazer parte da nova experiência; nelas, os grandes eventos musicais, shows e festivais eram erguidos e foram oficialmente os primeiros eventos da carreira que até hoje me acompanha.

Trabalhei com as mais diversas tipologias de eventos, de shows a cerimônias de casamentos, de congressos médicos a feiras culturais, eventos esportivos, empresariais e além. Essa profissão de organizadora de eventos me levou a fazer uma especialização na área, o que mais para frente me conduziria em minha nova e atual profissão: Docente de Ensino Superior e de Ensino Médio e Técnico.

Começou em 2013 a jornada mais bonita, finalmente pude dizer ao meu pai que ele tinha razão, que ser professora era mágico. Desde 2015 componho o quadro de professores do Centro Paula Souza (CPS)⁵, hoje estando alocada na Etec Fernando Prestes, na cidade de Sorocaba, ministrando aulas no “Turismo, Hospitalidade e Lazer”, para os cursos técnicos nas modalidades integrado, concomitante e subsequente⁶.

⁵ O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Presente em 365 municípios, a instituição administra 224 Escolas Técnicas (Etecs) e 75 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 323 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos. Nas Etecs, mais de 226 mil estudantes estão matriculados nos Ensinos Médio, Ensino Médio integrado ao Técnico e no Ensino Técnico, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial, online, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e especialização técnica. As Etecs oferecem 224 cursos, voltados a todos os setores produtivos públicos e privados.

⁶ LDB – Edição atualizada até março de 2017. Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: I – articulada com o ensino médio; II – subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio. Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar: I – os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação; II – as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino; III – as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico. Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do caput do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma: I – integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se

O encantamento pela educação foi me proporcionando a busca por especializações e várias indagações e inquietudes sobre as condições e as possibilidades da educação.

Trabalhar com jovens do ensino público me traz lembranças das dificuldades e dos sonhos da juventude, a proximidade com suas particularidades e histórias me fez vislumbrar o caminho da pós-graduação *stricto sensu*, sempre pensando em como minhas experiências poderiam guiar o percurso das pesquisas e descobertas, além de enriquecer minhas aulas.

Uma inquietude específica me moveu desde o início: entender como os eventos podem proporcionar desenvolvimento pessoal, profissional e como podem ser úteis no campo da educação não escolar.

Foi só depois do ingresso no mestrado e ao cursar as disciplinas que pude entender o que buscava compreender de fato, e o que me motivaria nessa jornada de pesquisadora. As disciplinas cursadas me nortearam em aspectos diferentes, uma delas contribuiu para a escolha do método de pesquisa mais adequado a ser utilizado, colaborando com maiores e melhores resultados e possibilidades de construção mais fiel de dados para análise, outras ampliaram minha visão sobre assuntos ainda pouco explorados por mim, como questões de raça, gênero e feminismo.

Todas as disciplinas, cursos e eventos dos quais participei foram preenchendo minha bagagem e aumentaram a quantia de indagações sobre os diferentes saberes, possibilitando acumular conhecimentos e ricas informações que agregam tanto para esse trabalho, como para meu desenvolvimento humano.

A disciplina de estágio (PESCD⁷), sem dúvida me reposicionou enquanto professora, a intensidade dos saberes partilhados, técnicas em sala de aula e

matrícula única para cada aluno; II – concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer: a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado. (Brasil, 1996, p.29)

⁷ PESCD: Programa De Estágio Supervisionado de Capacitação Docente, realizado na disciplina de Educação e Sociedade para o curso de Biologia da Universidade Federal de São Carlos-Sorocaba.

orientações advindas dos momentos presenciais em classe alargaram minhas perspectivas.

Os encontros com meu orientador foram e ainda são fundamentais para entender os rumos dessa investigação e as possibilidades dos múltiplos olhares e lentes que podemos utilizar ao longo dessa e de outras pesquisas.

Estudar um evento com o qual eu tenho uma relação de muitos anos de participação como espectadora e do qual uma amiga faz parte da organização foi a junção perfeita. O campo escolhido foi a Feira do Beco do Inferno, um evento artístico e cultural, organizado de forma independente pelos próprios artistas, composto por uma boa parcela de jovens e jovens adultos que “vão à luta” e seguem em frente para construir o amanhã.

Esse evento é particularmente especial pela sua constituição e por todas as possibilidades que ele traz de investigações, é um evento que mostra a potência da arte associada à importância da cultura, mostra a capacidade que as pessoas têm de trazer pautas tão profundas e relevantes de forma leve e prazerosa em um momento de lazer, demonstra o potencial de movimento e a força dos participantes.

Essas foram as questões que me motivaram a observar e compreender o funcionamento dessa Feira, que passei a observar atentamente buscando seus sentidos e os ligando às teorias de juventude, movimentos sociais, arte e cultura.

Jornada Intelectual. Da ideia à pesquisa.

Inicialmente, este trabalho buscava compreender os desafios e caminhos da juventude em relação à geração de trabalho e renda, visando compreender se os artistas ali inseridos se consideravam como trabalhadores do campo artístico e conseguiam ter seu sustento através da arte. A questão que norteava este trabalho estava em compreender se a Feira do Beco do Inferno seria um ambiente que, à revelia da cidade e da institucionalização, permitia que os jovens se tornassem profissionais, se inserissem e permanecessem no mundo laboral.

Posteriormente a pesquisa passou a ser guiada pelo interesse na interação desses indivíduos com diferentes grupos sociais, com outros artistas

ou com movimentos sociais, olhando para formação do evento e como as ações políticas estão imbricadas na atuação dos jovens participantes

Ao longo do processo de estudo e pesquisa, deslocamos nosso foco para explorar outras relevantes possibilidades existentes dentro da Feira. Durante essa jornada, percebemos situações que vão além da questão do trabalho. Surgiu então o desejo de entender a interação com a ação política e compreender como a feira funciona de forma coletiva e como isso se entrelaça com o engajamento dos jovens no evento. Assim, emerge a questão da possibilidade de enquadrar a Feira como um evento que se caracterizaria como um movimento social, por si só, ou percebido como um catalisador da expressão e estratégia de visibilidade de diferentes atores individuais e coletivos nesse processo.

Após o início dos estudos e sobretudo das importantes considerações realizadas na banca examinadora no exame de qualificação do projeto de pesquisa do Mestrado, o objetivo geral deste estudo foi redefinido tendo em vista compreender e interpretar o papel e os impactos da Feira do Beco do Inferno não apenas como um evento cultural e artístico, mas considerando também a possibilidade de se tratar esta ação coletiva como um movimento social que organiza as dinâmicas juvenis, culturais e políticas em disputas materiais e simbólicas de transformação social.

Desta forma, pretendo aqui ir além da concepção de movimento social associada a reivindicações mais ou menos organizadas de um grupo social diante de um problema social específico, que se caracterizaria quando “um setor significativo da população desenvolve e define interesses incompatíveis com a ordem social e política existente e (...) os persegue por vias não institucionalizadas” (Santos, 1999). Considerando a polissemia e tensões nas definições dos termos entre diversas teorias e perspectivas teóricas, entendo aqui um movimento social como expressão de uma ação coletiva, decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural, constituído por demandas que configuram identidade, bases e lideranças, aliados e adversários, práticas comunicativas diversas, projetos ou visões de mundo relativas às próprias demandas e constituição de cultura própria (Gohn, 2010).

Para conseguir compreender o cenário investigado e realizar as análises fundamentais dessa pesquisa, as contribuições dos textos do intelectual Alberto

Melucci⁸, da área das ciências sociais, foram indispensáveis, nos possibilitando utilizar lentes mais específicas para enxergar as formas de movimentos sociais.

Assim, os objetivos específicos da pesquisa consistem em levantar as tensões e interações no contexto da Feira, relacionadas às ações políticas e sociais, com foco no engajamento dos jovens, identificar as experiências artísticas e culturais na Feira e relacionar com a reflexão e o debate político entre os jovens de Sorocaba além investigar as potencialidades dessas experiências culturais e artísticas para o desenvolvimento pessoal e social dos envolvidos.

Nesse sentido também refletimos sobre as questões da educação não formal, e como espaços não escolares produzem e transmitem conhecimentos, estando a educação imbricada nas ações que ocorrem durante o evento.

As hipóteses que consideramos é que o evento pode se traduzir na formação de um grande coletivo que desafia as normativas sociais e culturais conservadoras da cidade sendo considerado como um importante sujeito coletivo transgressor na promoção de arte e cultura ao mesmo tempo em que, ainda, se constitui-se como um lócus de aprendizagem, expressão e transformação social.

O período de observação, estudo e compreensão da Feira teve início em julho de 2022, a partir desta data comecei a busca por informações sobre seu funcionamento desde o ano em que foi realizada a primeira edição. A partir desse momento, além das pesquisas para conseguir informações sobre o evento,

⁸ Alberto Melucci é um dos mais conhecidos intelectuais europeus na área das ciências sociais. Ele se tornou famoso no debate europeu e norte-americano acerca da origem dos novos movimentos sociais por haver introduzido o chamado "paradigma da identidade". Para ele, movimentos sociais são, simultaneamente, fenômenos discursivos e políticos localizados na fronteira entre as referências da vida pessoal e a política. Eles estão ligados a um conjunto de redefinições na formação da identidade dos indivíduos nas sociedades modernas, tais como os processos de interferência na estrutura biológica do ser humano, nas formas de organização da natureza, nas formas de comunicação entre os homens e na própria definição da cultura. Com formação em sociologia e psicologia, Melucci entende o seu trabalho como localizado na fronteira entre as duas disciplinas, constituindo uma reação tanto ao behaviorismo na área de psicologia quanto ao estruturalismo no interior das ciências sociais. Alberto Melucci leciona sociologia na Universidade de Milão e é autor de inúmeros artigos sobre movimentos sociais que foram reunidos em um volume que, em inglês, carrega o sugestivo título de Nômades do presente

passei a participar presencialmente de todas as edições e colher informações in loco.

A opção foi trabalhar com a pesquisa qualitativa utilizando como procedimento a técnica de entrevistas semiestruturadas e abertas seguindo as diretrizes de um roteiro pré-estabelecido, tanto para construção de dados junto aos organizadores do evento como para a construção de dados com os feirantes e jovens atuantes da programação cultural. Além disso, realizei uma investigação documental (em fontes físicas e virtuais) e observação participante em edições do próprio evento.

Para a realização das entrevistas foi levado em conta as orientações de Rosália Duarte (Duarte, 2002) sobre entrevistas em pesquisa qualitativa:

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado (Duarte, 2002, p. 141).

A população base escolhida, ou seja, os indivíduos investigados, foram delimitados pensando na variação de seus perfis, dimensões de suas ações e objetivos almejados, ficando definido que era imprescindível entrevistar integrantes da organização da Feira do Beco do Inferno e jovens que trabalham com artes em suas diversas linguagens e artesanatos, além dos jovens que participam com suas criações artísticas corporais, utilizando seus corpos para apresentação durante a programação cultural.

Vale ressaltar que como critério de inclusão dos participantes da pesquisa os indivíduos selecionados são maiores de idade, expositores de obras artísticas e artesanais ou artista performático com até 29 anos de idade. Assim, contempla-se a fase considerada como juventude no Brasil estipulada pelo Estatuto da Juventude. Tal recorte não se aplica para os organizadores da Feira, que hoje

podem ser considerados como jovens adultos, mas que começaram esse importante projeto há quase dez anos.

Já como critério de exclusão da pesquisa, estão os menores de idade, público participante como espectador, indivíduos que atuam na área de alimentação do evento ou na área infantil, assim como os maiores de 29 anos.

Outra questão importante levada em consideração nas análises são características de classe, raça e gênero que, conforme vão ganhando espaço e notoriedade dentro do público pesquisado, também vão sendo aprofundadas nas análises.

As entrevistas foram realizadas de forma remota dentro de plataforma ofertada pela internet para esse tipo de ação. No caso específico deste trabalho empregou-se o Google Meet: software que permite fácil acesso e gravação da reunião, realizadas com a devida autorização do participante e assinatura do termo de consentimento de uso de imagem e som para o fim específico da pesquisa e apenas para acesso do orientador e pesquisadora.

A orientação aos participantes sobre o teor da pesquisa e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido dando anuência ao pesquisador é de extrema importância para um processo claro, seguro e honesto, mesmo entregue de forma remota garantem a liberdade ao participante e o direito de não responder a qualquer pergunta ou de retirar-se da pesquisa em qualquer fase de seu andamento.

Com relação à observação participante, podemos dizer que é um procedimento metodológico que representa uma possibilidade de inserção mais densa nas práticas do grupo que está sendo estudado, possibilitando ao pesquisador vivências mais fiéis ao mesmo tempo em que observa e registra informações, permitindo obter *insights* e compreensões que seriam difíceis de obter por meio de outras técnicas. Para tanto, observei o evento, frequentando todas as edições presenciais desde o retorno após isolamento social até o primeiro semestre de 2024.

May (2001) conceitua a observação participante como:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o

propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (May, 2001: 177).

Visto que não há unanimidade entre os diversos autores sobre esse tipo de pesquisa, considerei essencial utilizar as observações em campo durante minhas participações nas edições do evento para compreender as dinâmicas individuais e coletivas dos jovens em questão. Embora Gil (2002) aponte o risco de subjetividade devido à proximidade, ele enfatiza:

A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano (Gil 2002, p.150).

Como pesquisadora, participei de sete edições presenciais dos eventos, observando atentamente a movimentação e fazendo anotações detalhadas. A vigésima primeira edição foi meu ponto de partida, e entrar no espaço do evento com uma nova perspectiva trouxe uma experiência inovadora já que antes apenas assistia ao evento, fazia minhas compras e em geral estava acompanhada por amigos para me divertir, sem pensar e articular questões aprofundadas sobre seu funcionamento, mesmo que os acontecimentos ali já me trouxessem insights e inquietudes.

Na primeira experiência como pesquisadora, estive acompanhada apenas do meu caderno de anotações e de um celular para registrar algumas imagens e vídeos, que depois foram revisitadas várias vezes. Nesse primeiro momento colhi inúmeros cartões e panfletos dos artistas, o que me possibilitou acessar seus perfis eletrônicos e conhecer um pouco mais sobre os trabalhos que eles realizam. Foi a primeira vez que passei em absolutamente todos os estandes ali montados, e foi a primeira vez que cheguei antes de o evento estar pronto, me possibilitando acompanhar um pouco do processo de montagem.

A investigação documental se deu através da análise de documentos oficiais emitidos pela Câmara Municipal de Sorocaba, de um dossiê criado pela organização do evento que me foi disponibilizado contendo informações e dados numéricos sobre a participação do público e o impacto econômico do evento,

além do Estatuto da Associação criada pelos artistas. Foram utilizados também jornais locais de veiculação eletrônica e publicações em mídias sociais do próprio evento. Com essa abordagem, busquei reunir informações, dados e evidências a partir dos documentos analisados para elucidar as questões desta pesquisa.

A abundância de informações que os documentos oferecem justificou sua utilização. Como explicado por Cellard (2008), a análise documental facilita a observação do processo de maturação ou evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas e outros aspectos, possibilitando a inclusão da dimensão temporal na compreensão social.

Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) mostram que:

Recuperar a palavra “documento” é uma maneira de analisar o conceito e então pensarmos numa definição: “documento: 1. declaração escrita, oficialmente reconhecida, que serve de prova de um acontecimento, fato ou estado; 2. qualquer objeto que comprove, elucide, prove ou registre um fato, acontecimento; 3. arquivo de dados gerado por processadores de texto” (HOUAISS, 2008: 260). Phillips (1974: 187) expõe sua visão ao considerar que documentos são “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p.6).

Assim, os dados construídos foram sendo analisados, tabulados e organizados de maneira lógica e cronológica, cada um seguindo as necessidades de sua técnica, de forma que assegurar a regularidade e qualidade do processo compreensivo. Os procedimentos foram previamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

É importante ressaltar que não é objetivo deste estudo explicar fatos como entende Galliano (1986) sobre a função do conhecimento científico, mas sim dentro da perspectiva histórico-cultural compreender os fatos e suas relações com outros fatos.

Toda essa parte de pesquisa em campo, escolha dos sujeitos e realização de entrevistas foi fundamentada em levantamentos bibliográficos para compreensão dos conceitos que se apresentam dentro da temática e após amplo processo de imersão nos debates sobre Juventude no campo da Educação.

A abordagem qualitativa em pesquisa possibilitou trazer as percepções da realidade de forma sensível e expor o que por vezes está oculto na subjetividade das ações e relações humanas, um modo de produção de conhecimento capaz de compreender a profundidade de alguns fenômenos e ações dos sujeitos observados.

As tradições de análises qualitativas se dão à luz de variadas correntes teóricas, procurando identificar e interpretar os sentidos dos fenômenos com a finalidade de extrair os significados subjetivos com sensibilidade e atenção do pesquisador que traduz e contextualiza suas percepções (Chizzotti, 2003, p. 221).

O percurso de uma pesquisa só é possível se realizado de forma contínua, já que a sociedade contemporânea se modifica e se transforma rapidamente, em especial no que diz respeito às temáticas do mundo juvenil (Sposito e Tarábola, 2019), em que novas questões podem ir surgindo ao longo do trabalho, não sendo possível seguir padrões metodológicos idênticos do início ao fim. Assim, retornar as hipóteses iniciais e corrigi-las várias vezes não somente é possível como salutar a depender do contato com os sujeitos, o que faz emergir novos temas e questões (Ferreira, 2017).

Nessa perspectiva, além da retirada do hiper foco no tema trabalho, também foi alterada a opção inicial de elaborar grupos de discussão a partir do método documentário de análise para buscar a possibilidade de reconstruir o sentido das ações dos sujeitos no contexto social em que estão inseridos, tornando a visão de mundo destes, objeto de análise e interpretação científica.

O curso dos levantamentos e construções de dados através dos contatos direto com o campo sendo pensado em conjunto com o orientador levou a um desenho metodológico, considerando serem suficientes as pesquisas individuais.

Levantamentos de pesquisas anteriores

Além da pesquisa conceitual e bibliográfica também foi realizado um levantamento de trabalhos acadêmicos prévios existentes sobre o assunto em diferentes bases de dados científicos, como se apresenta abaixo.

O ponto de partida foi a busca por trabalhos anteriores produzidos especificamente sobre a Feira do Beco do Inferno, o que trouxe apenas um resultado, um *banner* apresentado no “XXVI Congresso de Iniciação Científica” e “XI Congresso de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CIC e CIDTI, 2019)”, que tinha por objetivo apresentar e discutir os trabalhos dos alunos da UFSCAR dos *campi* de São Carlos, Sorocaba, Araras e Lagoa do Sino. O trabalho exposto pela discente Bianca Cristina Pupo Cruz, graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela UFSCAR-So em parceria com sua orientadora, a Professora Doutora do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Rosalina Burgos, teve como título: “Feira Beco do Inferno. Uso do Espaço Público Pelos Agentes Culturais Independentes no Centro da Cidade de Sorocaba”.

Seu objetivo foi compreender os processos envolvidos na realização do evento e os impactos causados por ele em Sorocaba, com foco no uso do espaço público como um lugar de conflito e encontro de diferentes grupos sociais, temas também abordados nesta pesquisa. Vale ressaltar que o trabalho apresentado no referido *banner* ainda não tinha sido concluído e, portanto, não estava disponível na íntegra para apreciação na época de redação da dissertação.

Em busca por outros resultados que abordassem não especificamente o evento em questão, mas ainda os temas relacionados ao trabalho artístico juvenil, além de cultura, eventos e movimentos sociais, foram realizadas novas pesquisas em plataformas como Scielo, Capes e Google Acadêmico. Para que os resultados fossem relevantes e possíveis de serem analisados, houve necessidade de unir e separar termos de busca.

De forma resumida estão apresentadas produções anteriores encontradas a partir do procedimento descrito, sendo possível construir um espaço de diálogo sobre o assunto com outros trabalhos e autores que produzem conhecimento na área.

Ao longo deste capítulo, serão explorados diversos trabalhos que contribuem para esta pesquisa, trazendo reflexões significativas. Os resultados encontrados em cada plataforma são apresentados em quadros, organizados de acordo com marcadores previamente definidos.

Inicialmente, buscou-se trabalhos que abordassem assuntos próximos ao desta pesquisa, sem levar em consideração o local específico da pesquisa de campo (o município de Sorocaba, no nosso caso). As palavras escolhidas para uma busca geral e inicial na plataforma Capes foram: “Evento, Arte e Cultura”, o que resultou a princípio em 436 trabalhos, após a inclusão de um filtro por período de 10 anos passou para 330 publicações. Dada a quantidade de itens houve a necessidade de junção de novas palavras, e os marcadores escolhidos foram: “Evento, Arte, Cultura, Trabalho e Jovens”, resultando em 5 trabalhos, e logo em seguida a opção foi excluir a palavra “Eventos” e incluir “Movimentos Sociais”, resultando assim em mais 4 publicações.

Quadro 1: Trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores: Evento, Arte Cultura, Trabalho, Jovens

Marcadores: Evento, Arte, Cultura, Trabalho, Jovens				
Título	Autoria	Instituição	Periódico	Ano
Folkers, bardos e barbados: memória, utopia e política no medievalismo brasileiro	Bin, Marco Antonio; Nunes, Mônica Rebecca Ferrari	USP	Comunicação & educação	2020
A lavagem do Bonfim: olhares e clicks cruzados entre as imagens de Weldon Americano e as fotografias da pesquisa Lazer e Corpo	Luís Vítor Castro Junior ; Flávio Cardoso dos Santos Júnior ; Adriana Cavalcanti ; Cales Alves da Costa Júnior	UFJF	Lumina	2011
Música que forma cidadãos	Pimenta, Flavio.	USP	Comunicação & educação	2010

Fonte: Elaboração própria

Após fazer a análise dos trabalhos encontrados, foram utilizados apenas três da primeira busca e um da segunda.

O artigo “Folkers, bardos e barbados: memória, utopia e política no medievalismo brasileiro” aborda grupos de jovens que se reúnem como forma de lazer e com o objetivo de resgatar a memória medieva. O doutor. em Ciências Sociais pela PUC- SP Marco Antônio Bin, juntamente com a Monica Nunes, docente e pesquisadora do programa de Pós graduação em Comunicação e Políticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), tentam traçar relações entre a memória, a utopia e a política, acompanhando os encontros desses grupos. Percebem que mesmo que o grupo tente se distanciar da efervescência política acabam pelos seus modos de ação e organização, se aproximando de práticas que se encaixam nos modelos de gestão empresarial e vão de encontro ao diálogo neoliberal.

O grupo estudado demonstra o desejo utópico de felicidade ligada à natureza, mas, ainda que o utopismo demonstre coragem e audácia, ficou claro que o grupo tem fortes influências racionais neoliberais. Meu questionamento quando ligo essa produção e a pesquisa em curso é se alguns dos nossos artistas tem a utopia com relação a uma sociedade mais justa e se as lutas deles são audaciosas e corajosas o suficiente para buscar os seus objetivos ou se eles também trazem influências que afetam seus objetivos.

O artigo dos pesquisadores da UFRJ sobre a lavagem do Bonfim utiliza fotografias dos eventos como dispositivo de pesquisa para as festas populares, verificando se há equilíbrio entre fé e trabalho e os contextos históricos das manifestações culturais e populares; também analisam as fotografias como meios de comunicação. Nesse sentido foi possível pensar que o evento da Feira do Beco do Inferno também poderia ser analisado pela perspectiva pictográfica, e quanto as fotografias podem ser utilizadas como meio de comunicação e como forma de análise para as subjetividades e sentidos do evento. Não foi o foco da pesquisa, mas uma inquietação sobre essa possibilidade de análise foi aberta.

Já o artigo de Flavio Pimenta apresenta um estudo sobre o projeto modelo “Meninos do Morumbi” composto por jovens músicos que se apresentam em território nacional e internacional, um projeto que já recebeu vários prêmios e que se sustenta através de suas apresentações. A proximidade de análise desse

estudo ao nosso se dá na questão de identidade e pertencimento, fator relevante para os meninos encontrarem uma ligação no projeto que os faça gostar de estar lá e não nas ruas.

Quadro 2: Trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores: Arte, Cultura, Trabalho, Jovens, Movimentos Sociais

Marcadores: Arte, Cultura, Trabalho, Jovens, Movimentos Sociais				
Título	Autoria	Instituição	Periódico	Ano
Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social	Maria da Gloria Gohn	FACESG	META RIO DE JANEIRO	2009

Fonte: Elaboração própria

Dos trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores “Arte, Cultura, Trabalho, Jovens, Movimentos Sociais”, nos restou para diálogo apenas o artigo “Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social”, de Maria da Gloria Gohn, Ph.D. em Sociologia pela New School for Social Research, NY e Professora Titular do Curso de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho/UNINOVE, SP. O texto busca compreender ações coletivas no campo da Educação não formal. A leitura nos trouxe contribuições sobre a compreensão da educação não formal e olhar para a os grupos, instituições e coletivos que se preocupam com questões sociais e o uso da criatividade em projetos com crianças e adolescentes vulneráveis, em uma aproximação com essa pesquisa no que tange a educação não formal e o uso da criatividade por coletivos culturais, também nos auxiliou com relação as referências.

Dando sequência às investigações que pudessem de alguma forma contribuir para essa pesquisa ou ainda ampliar horizontes e trazer novas referências na mesma plataforma, foi realizada uma nova pesquisa, utilizando o termo “Feira Cultural em Espaços Públicos”, que resultou em 28 retornos. Após análise individual dos mesmos por meio de seus títulos, palavras chaves e resumo, se mantiveram para leitura na íntegra, apreciação e buscas por

informações apenas dois textos. A seleção ocorreu devido à proximidade com o assunto em questão, os demais textos não abordavam temas que justificassem a leitura integral, já que se distanciavam desta pesquisa, pois a maioria dos trabalhos abordava temas de ordem econômica sobre feira livre de comércio de alimentos, outros enfatizavam histórias locais específicas sobre disputas culturais, de nomenclatura da praça de localização da feira, ou da vida cotidiana específica da localidade. Outro artigo não escolhido era uma discussão sobre apresentações de humor para pessoas surdas, enquanto outros abordavam questões de infraestrutura.

Quadro 3: Trabalhos encontrados na Plataforma Capes com marcadores: Feira Cultural em Espaços Públicos

Marcadores: Feira Cultural em Espaços Públicos				
Título	Autoria	Instituição	Periódico	Ano
Mudanças simbólicas: análise discursiva das transformações identitárias e espaciais em uma feira	Pimentel, Thiago Duarte Carrieri, Alexandre de Pádua Leite-da-Silva, Alfredo Rodrigues Abate Júnior, Cláudio Borges	UFMG	Cadernos EBAPE.BR	2007
Espetáculos de Rua”: Manifestações Culturais no Largo Glênio Peres e no Brique da Redenção	Neiva Rosa Garcia	UFRGS	Revista Iluminuras	2005

na Cidade de Porto Alegre/Rs				
------------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria

Pimentel, et.al (2007) discutem as transformações identitárias e espaciais na Feira de Arte, Artesanato e Produtores de Variedades de Belo Horizonte. Através da metodologia de análise do discurso, utilizando documentos coletados da prefeitura, de jornais locais e de reportagens, demonstra mudanças e transformações identitárias em um período de 36 anos, observando que uma feira que teve seu início “como forma de expressão de um movimento artístico e cultural” mas que com o tempo sofreu mudanças significativas conforme apresentado:

Em síntese, observou-se que o tema da influência política, juntamente com o tema subjacente do crescimento desordenado da Feira, levou a uma ruptura com a questão da continuidade temporal da Feira. Tais temas evidenciaram a mudança de valores, de normas de conduta, da própria ideologia que rege as formas de utilização da Feira, seja por parte dos políticos que passaram a fazer dela uma espécie de “curral eleitoral”, seja por parte dos comerciantes que passaram a adotar uma “lógica de mercado” para produção e comercialização de seus produtos, em detrimento da antiga lógica de produção e consumo de produtos exclusivos, não-massificados e de consumo racional, que estava vinculada à influência hippie (Pimentel et al 2007, p.17)

Esta pesquisa possibilitou um olhar para a Feira do Beco do Inferno no sentido de perceber quais rumos ela pode vir a tomar dado o seu crescimento, item apontado no texto em questão que explica parte desta transformação identitária pela desordem no crescimento aliada as transformações de visão de mundo e incorporação de novos valores simbólicos de seus participantes, que acabam rompendo com os valores “antigos”. O texto aborda a questão de identidade espacial, sobre a dinâmica do espaço no qual a feira ocorre e identidade sociais, suas construções, reconstruções e significados que se alteram com o tempo e com o aumento do número de sujeitos compõe o evento.

O artigo de Neiva Rosa Garcia (2005), que foi resultado de sua defesa de Mestrado em Antropologia para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defendido em 2001, com enfoque nas manifestações culturais dos artistas de rua e em seus vocabulários fica exposto uma forma de trabalho que se apresenta por vezes sem localização específica, mas que leva diversão e entretenimento ao público que se depara também com deboches e brincadeiras sobre a realidade cotidiana em que vivem.

Ela traz a contribuição de dois autores importantes para tratar da cultura popular: Mikhail Bakhtin, que versa sobre cultura popular na idade média e no renascimento; e Peter Burke, que fala sobre cultura popular na idade moderna, que examinam formas de trabalhos artísticos pelos artistas de rua e de feiras, que transitam pelas cidades.

Nesse sentido, Garcia também traz à tona a questão de adequação das apresentações para o público no sentido de verossimilhança. Nesse ponto do trabalho me indago se as escolhas dos artistas que se apresentam na programação da Feira do Beco, buscam ser verossímeis? Ou na verdade a ideia é justamente ser parcialmente verossímil e afetar de fato as reflexões de outros espectadores que participam do evento?

Na plataforma Scielo os marcadores “Evento, Arte e Cultura” na busca apenas de artigos em português, trouxeram 5 retornos e com os marcadores “Arte, Cultura e Movimentos Sociais”, apenas 2. Destes, apenas 1 foi aproveitado para leitura integral e diálogo com a pesquisa em curso.

Quadro 4: Trabalhos encontrados na Plataforma Scielo com Marcadores: Arte, Cultura, Movimentos Sociais

Marcadores: Arte, Cultura, Movimentos Sociais				
Título	Autoria	Instituição	ARTIGOS	Ano
Vocação de Criar: Anotações Sobre a Cultura e as Culturas Populares	Carlos Rodrigues Brandão	UNICAMP / UFU	Cadernos de Pesquisa	2009

Fonte: Elaboração própria

O artigo de Carlos Rodrigues Brandão da Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, foi selecionado já que Brandão (2009), em seu trabalho intitulado por “Vocação de Criar: Anotações Sobre a Cultura e as Culturas Populares”, busca analisar as dimensões da cultura e das polêmicas sobre o termo, em busca de mostrar como o campo da cultura e da cultura popular foram sendo construídos e a partir de 1960, levados à dimensão da prática política, gerando discussão entre cultura e educação e a complexidade da troca entre culturas populares e do papel de reprodução dos saberes.

O texto coloca questões de extrema importância para grupos, comunidades e movimentos, no sentido de manterem e transmitirem suas culturas, reconhecendo e criando identidade com elas, o que instiga a pensar sobre as relações de intercâmbio cultural existentes no evento e como as práticas culturais são desenvolvidas, disseminadas e qual é o papel dos saberes no ambiente de socialização que é a feira, alargando as reflexões no campo da educação não escolar.

Assim como na plataforma Capes, seguiu-se para Scielo o mesmo procedimento de busca, fazendo uma nova pesquisa com o termo “Feira Cultural em Espaço Público” como marcador. Nessa ocasião foram encontrados 12 resultados, conforme apresentado no quadro 5.

Quadro 5: Trabalhos encontrados na Plataforma Scielo com marcadores: Feira Cultural em Espaço Público

Marcadores: Feira Cultural em Espaço Público				
Título	Autoria	Instituição	ARTIGOS	Ano
A imersão social da economia em mercados alimentares brasileiros: uma abordagem institucionalista	Abel Cassol, Sergio Schneider	UFRGS	Revista de Economia e Sociologia Rural	2022

O Direito nas trincheiras da cidade: urbanismo corporativo e práticas contra-hegemônicas	Adriana Nogueira Vieira Lima, Liana Silvia de Viveiros e Oliveira, Maria José Andrade de Souza	UFBA/UFF	Revista Direito e Práxis	2020
Perfil das Atividades Complementares dos Graduandos em Medicina pela Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009-2017	Marcelo Leandro Santana Cruz, Marcelo Torres Peixoto, Carlos Alberto Lima da Silva, Wanessa Galvão Damas, Ana Beatriz Menezes de Oliveira	UEFS	Revista Brasileira de Educação Médica	2019
Influência da Cultura Organizacional Mediada pelo Assédio Moral na Satisfação no Trabalho	Lindomar Pinto da Silva, Miguel Angel Rivera Castro, Marcos Gilberto Dos-Santos	UFBA	Revista de Administração Contemporânea	2018

Da resistência à desobediência: Augusto Boal e a I Feira Paulista de Opinião (1968)	Miliandre Garcia	UEL	Varia história	2016
Lazer e Trabalho No Espaço Urbano-Metropolitano Contemporâneo	Ângelo Serpa	UFBA	Mercator	2015
A monetarização da vida social dos Paiter Suruí	Nathália Thaís Cosmo da Silva, José Ambrósio Ferreira Neto	Universidad de Santiago de Compostela / UFV	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas	2014
Processos decisórios e aspectos simbólicos: um estudo das culturas organizacionais da Feira do Livro de Porto Alegre	Deise Luiza da Silva Ferraz	FAE	Organizações & Sociedade	2011
Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA)	Ana Cláudia de Sá Teles Minnaert, Maria do Carmo Soares Freitas	UFBA	Ciência & Saúde Coletiva	2010

Trinta e sete dias em Nova York com Adalzira Bittencourt	Peggy Sharpe	Florida State University	Revista Estudos Feministas	2008
Mudanças simbólicas: análise discursiva das transformações identitárias e espaciais em uma feira	Thiago Duarte Pimentel, Alexandre de Pádua Carrieri, Alfredo Rodrigues Leite-da-Silva, Cláudio Borges Abate Júnior	UFMG	Cadernos EBAPE.BR	2007
Formação inicial e permanente do professor de arte na educação básica	Maria Emilia Sardelich	UEFS	Cadernos de Pesquisa	2001

Fonte: Elaboração própria

Dos trabalhos encontrados, todos tiveram seus títulos, palavras chaves e resumos apreciados com a finalidade de encontrar similaridades teóricas e de campo com a pesquisa em curso. Um dos trabalhos, “Mudanças simbólicas: análise discursiva das transformações identitárias e espaciais em uma feira”, já está contemplado no quadro 3. Para leitura integral foi selecionado apenas um, restando assim dez trabalhos não apreciados integralmente. Destes, dois versam sobre questões relacionadas ao ambiente de trabalho, enquanto outros dois discorrem sobre questões econômicas, sendo um no setor de alimentação e outro em uma comunidade indígena.

Identificamos também dois trabalhos com foco em questões educacionais, um sobre cultura organizacional e outros sobre prática de higiene em Feira livre, além de um sobre as viagens de Adalzira Bittencourt para os Estados Unidos

durante 1939 contando detalhes sobre suas visitas a escolas, hospitais, orfanatos à Feira Mundial, na qual ela tece relações entre o processo Eugenista que estava em curso nos Estados Unidos e os projetos de renovação cultural de Getúlio Vargas.

Foi escolhido para leitura integral apenas o intitulado como “O Direito nas trincheiras da cidade: urbanismo corporativo e práticas contra-hegemônicas”, de autoria de Adriana Nogueira Vieira Lima, Pós-Doutora em Direito pela Unb e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia; Liana Silvia de Viveiros e Oliveira, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia e Maria José Andrade de Souza Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense.

Andrade de Souza et al (2020) demonstram as contradições e os sentidos de disputas acerca do direito à cidade tomando como base a análise de três conflitos nomeados como “Centro de Abastecimento de Feira de Santana, Horto Bela Vista e *Elephant and Castle*, inseridos, respectivamente, em Feira de Santana – BA, Salvador – BA e Londres”. Problematizam os conflitos refletindo sobre os recursos jurídicos e as lutas pelo direito à cidade com olhar para ciência política, estudos culturais e teoria crítica do Direito. Buscam

[...] encontrar pontos de intersecção entre o direito e o urbanismo, em perspectivas entrecruzadas, no sentido de: a) investigar como o corpus jurídico do Direito Urbanístico, com seus instrumentos, conceitos e interpretações é disputado pelo urbanismo corporativo e pelos sujeitos coletivos de direito; b) discutir como as múltiplas formas de juridicidade (positivadas ou não) são acionadas pelos habitantes nas reivindicações do direito à cidade e c) refletir sobre os sentidos da luta pelo direito à cidade a partir dessas tensões em torno dos usos de territórios populares, frente à interesses empresariais. (Andrade de Souza, et all, 2020, p.615)

Dos três conflitos abordados no texto, o que se aproxima do caso da Feira do Beco do Inferno é justamente o conflito no Centro de Abastecimento de Feira de Santana (CAF), Bahia. Existe um projeto de requalificação do Centro Comercial da cidade, que inclui a demolição de parte do CAF, utilizada para comercializar artesanato para a construção do Centro de Comércio Popular. O CAF é o maior entreposto comercial do interior do Nordeste, desempenha um papel crucial na vida cotidiana das classes populares, envolvendo interações

comerciais e culturais, com práticas e rituais que marcam a vida diária dos trabalhadores. Também se apresenta como um local importante para eventos religiosos, como os festejos de Santa Bárbara, que simbolizam o sincretismo religioso e a devoção dos comerciantes e feirantes locais.

Os três conflitos mostram o interesse do capital em detrimento de questões territoriais, materiais, simbólicas, culturais, afetando a vida em especial da população mais vulnerável, usando a lógica de produção e crescimento material como forma de silenciamento de sujeitos.

O texto mostra as lutas para garantir o direito à cidade e os sentidos desse direito por diversos coletivos:

Os sentidos conferidos ao direito à cidade pelos diversos coletivos, nos casos estudados, envolvem a luta pela centralidade, visibilidade, participação, construção de espaço público/comum, preservação das expressões e práticas culturais, e apesar das pressões e limites definidos pelas relações de força nos respectivos contextos, apontam que os acúmulos vivenciados podem seguir na direção de um direito: direito à cidade, isto é, à vida urbana, condição de um humanismo e de uma democracia renovados. (Lefebvre, 1991 apud Andrade de Souza et all, 2020, p. 641)

De certa forma, o empenho dos artistas e artesãos de Sorocaba se aproximam das lutas dos sujeitos do texto em questão e nos mostram as possibilidades que emergem em nosso campo de estudo, sobre o direito à cidade e a importância dos coletivos nesse processo, que ficam aberta para futuras investigações e reflexões.

Um trecho importante do texto fala sobre a “compreensão do Direito enquanto instrumento histórico de sustentação das condições de hegemonia capitalista” (Andrade de Souza, et all, 2020 p.638), mostrando a importância de perceber esse campo como um espaço de luta aberto e indefinido, onde é possível emergir construções contra-hegemônicas, a partir de suas próprias contradições.

Além das contribuições citadas acima, foi feita a leitura integral da tese de Doutorado “Empreendimentos Sociais, Negócios Culturais: Uma Etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo”, de autoria da Dra. Gleicy Mailly da Silva, apresentada em 2017 ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora.

Em sua tese, Silva (2017) discorre sobre as imbricações entre política e economia no evento Feira Preta, voltado para a comunidade negra, que acontece uma vez ao ano em São Paulo. Analisa os jovens e suas redes de relações no contexto do evento como “empreendedores da cultura”, no cenário político econômico dos 15 anos antecedentes à tese e na perspectiva de ampliação do acesso ao nível superior de educação e ao estímulo de manifestações culturais não hegemônicas, observando as questões de diferentes lógicas econômicas e de privilégios, destacando o protagonismo de mulheres negras.

A pesquisa apresentada na tese avança no sentido de observar as manifestações culturais não hegemônicas e as diferentes lógicas econômicas, se aproximando muito do observado na Feira do Beco do Inferno. Além disso, no referido trabalho há um grande debate acerca da questão racial e de gênero, também uma importante contribuição que traz um olhar mais atento para as análises desta pesquisa.

Vale ressaltar que as leituras desses trabalhos foram extremamente proveitosas e trouxeram além de aprendizados ímpares novas lentes de observação e outros teóricos importantes que contribuíram no sentido de ampliar conhecimentos e horizontes sobre temas como cultura, movimentos sociais, educação não escolar, raça, gênero, patrimônio, identidade cultural entre outros que se conectam com a produção deste trabalho.

Organização da escrita

Este trabalho começa a ser desenvolvido a partir do meu envolvimento pessoal com o evento a Feira do Beco do Inferno e da minha condição de docente de ensino profissional no curso Técnico em Eventos na Etec Fernando Prestes Sorocaba, que me possibilita trabalhar com jovens do ensino médio e jovens adultos matriculados no curso noturno dentro da área de eventos.

Já apresentadas minhas motivações e jornada de pesquisa, a partir de agora este trabalho irá apresentar a Feira do Beco do Inferno, sua história e

trajetória; trazer discussões e conceitos necessários para compreensão do tema e posteriormente entrar nas análises de estudo.

No primeiro capítulo, o leitor irá conhecer a Feira, entender o espaço urbano no qual ela está inserida, sua história, desde quando foi concebida enquanto ideia de evento e como foi seu funcionamento durante a pandemia e ações que foram necessárias para seu retorno presencial.

Na sequência, serão apresentados ao leitor questões de entraves na realização do evento, as percepções variadas que a Feira pode gerar em virtude de seu conteúdo artístico e cultural, um panorama da cidade de Sorocaba que serve para situar o leitor a respeito da organização política do contexto local, aspectos sociais e religiosos do município e um tópico que irá abordar questões relacionadas a políticas públicas e os avanços conquistados pelo evento.

Já no terceiro capítulo será apresentado um embasamento teórico sobre as questões que versam este trabalho, como arte, cultura, cidadania e juventude, que será essencial para a compreensão dos próximos itens.

No quarto capítulo serão contadas as experiências dos jovens e apresentados ao leitor os pontos de aproximação e distanciamento entre suas vivências, percepção de mundo e de sua própria condição de jovem.

Na sequência o esforço está em fazer as conexões entre o evento, os jovens e como a Feira se comporta enquanto espaço possível de manifestações, debates, local de exercício de cidadania. É nesse momento que serão apresentados mais dados de pesquisa, e um pouco da compreensão que pudemos formular sobre o evento no sentido de um grande coletivo / movimento social.

As considerações finais fecham o texto e trazem a possibilidade de emergirem novos trabalhos e pesquisas a partir do que está exposto. Além disso, apresentam-se ainda apêndices e anexos ao leitor contendo documentos utilizados no processo de pesquisa.

1 CONHECENDO A FEIRA - Um evento artístico e cultural em Sorocaba

“Se eu souber onde mora a minha esperança, terei razões para viver e razões para morrer. E a vida ficará bela mesmo no meio das lutas”

Rubem Alves⁹

1.1 A Feira do Beco do Inferno.

Em 5 de junho de 2016, acontecia a primeira edição de um evento que perdura até os dias de hoje, um evento que mostra para a sociedade de Sorocaba o potencial de sua classe artística e que dá oportunidade aos artistas locais de exporem e venderem as suas obras, dando visibilidade para uma classe que não tem um espaço consolidado no mercado tradicional. A grande maioria não tem portas de lojas abertas e nem marcas conhecidas, não são populares e nem reconhecidos por trabalharem com arte. Muitos encontraram ali uma oportunidade de venda e divulgação de seus trabalhos, além da possibilidade de fazerem contatos e expressarem suas vivências, trajetórias de vida, opiniões e visões de mundo.

A pequena rua Leite Penteado, localizada no centro de Sorocaba, em geral agitada durante a semana e tranquila nos finais de semana, conhecida popularmente como "Beco do Inferno", é o local que abrigou dez edições do evento considerado mais transgressor da cidade, que leva seu nome: Feira do Beco do Inferno.

Além de resgatar parte da história e da identidade de Sorocaba utilizando o antigo nome popular desta rua, a feira também revigora formas alternativas de comércio, alheias à perspectiva capitalista predominante, muitas trocas ocorrem no ambiente, produtos por serviços, produtos por produtos, serviços por serviços.

Com um início que se pretendia tímido, o evento foi criando uma legião de fãs, fazendo com que após a décima edição fosse necessária a mudança de

⁹ Rubem Alves: (1933-2014) Nascido em Minas Gerais, mudou-se para o Rio de Janeiro com 12 anos de idade, foi teólogo, educador, tradutor, psicanalista e escritor brasileiro. Autor de livros de filosofia, teologia, psicologia e de histórias infantis.

local, devido ao aumento gradual do número de expositores e do público apreciador.

A concepção da Feira surgiu em resposta às dificuldades enfrentadas por artistas em encontrar meios dignos e viáveis para expor e vender suas obras. Esses artistas se uniram com o objetivo de encontrar uma fonte de renda e opções para divulgar suas criações e culturas.

Estruturalmente, o evento é composto principalmente por artistas e artesãos que expõem e vendem seus trabalhos, mas também conta com uma área gastronômica, um espaço infantil e uma programação cultural que ocorre ao longo do dia todo, deixando claro que o ambiente está aberto a todos os públicos e que é um espaço de convivência e harmonia.

A Feira do Beco do Inferno passou a se destacar por oferecer um ambiente propício para expressões políticas e sociais, abrindo caminho para discussões sobre temas como raça, gênero e as diversas formas de marginalização, discriminação e desigualdades que afetam grupos vulneráveis na sociedade. As temáticas são cada vez mais incorporados nas apresentações culturais e evidenciadas nas obras expostas, assim como os próprios grupos minoritários encontram no evento um ambiente que os acolhe e oferece espaço, incorporando essas pessoas nas apresentações culturais e dando prioridade para que elas exponham suas artes.

Com o tempo, a Feira ganhou grande relevância e destaque na cidade, sendo notícia nos principais veículos de comunicação. A primeira menção ocorreu no jornal local, Cruzeiro do Sul, um dos mais importantes da região naquela época, e recebeu destaque na agenda virtual da prefeitura municipal. A vice-prefeita que acumulava também o cargo de secretária de Desenvolvimento Social, na ocasião, expressou entusiasmo, descrevendo o movimento dos jovens como "fantástico" e atribuindo ao programa Ocupação Jovem, realizado pela prefeitura nos anos anteriores, o mérito de fomentar a cultura local.¹⁰

O Programa Ocupação Jovem em Sorocaba, idealizado e realizado pela Coordenadoria da Juventude da Secretaria do Desenvolvimento Social entre os anos de 2014 e 2015, foi uma iniciativa que ocorria em espaços públicos da

¹⁰ A informações sobre a fala da vice prefeita, estão disponíveis no site: <https://agencia.sorocaba.sp.gov.br/feira-beco-do-inferno-reunira-mais-de-50-artistas-em-rua-de-sorocaba/> acesso em 23.01.2024.

cidade. O programa promovia intervenções artísticas e culturais, além de oferecer espaços para a venda de artes e artesanatos. O principal objetivo do programa era levar atividades variadas para regiões mais carentes da cidade, oferecendo alternativas para os jovens dessas áreas. As atividades incluíam apresentações artísticas, oficinas, workshops, atividades esportivas, venda de alimentação entre outras formas de expressão cultural, com a intenção de engajar a juventude, estimular a criatividade e proporcionar oportunidades de aprendizado e desenvolvimento pessoal. O programa não existe mais, e a Secretaria de Desenvolvimento Social hoje passou a ser a Secretaria da Cidadania.

Como já afirmado anteriormente, antes mesmo da realização desta pesquisa, sou uma frequentadora do evento e, com o tempo, fui moldando meu olhar e meu interesse por ele, que passou a ser cada vez mais político após o golpe sofrido pela presidenta Dilma. Em cada espaço do evento era possível ver manifestações, das mais singelas às mais enfáticas. A Feira, ao se expandir e captar novos adeptos, foi criando força no cenário artístico e de certa forma impactando a sociedade.

Ali misturam-se várias “tribos” - no sentido de grupos com gostos e estilos diferentes - diferentes que mantêm a harmonia, alegria e leveza no ambiente. Artes visuais, artes plásticas, artesanatos se mesclam aos brechós, às bancas de literatura, de simbologias religiosas, arte e cultura indígena, esoterismo, ioga, terapias alternativas, veganismo, capoeira e até barracas de campanhas solidárias, como a “Brigada Solidária Sorocaba”, grupo que se intitula como “Frente antifascista e anticapitalista que luta por moradia e pelo poder popular”.

O espaço vai sendo permeado pelo som advindo da programação cultural, sempre recheada de música, apresentações teatrais, circenses, declamações de poemas, danças, com um repertório que inclui debates, oficinas, aulas de artes marciais entre tantas outras atratividades variadas e por vezes transgressoras e contra hegemônicas.

Atualmente, a feira é realizada na Praça Frei Baraúna, um espaço maior, mas que igualmente reserva grande significado histórico, muita memória e identidade do povo sorocabano. Em meio às árvores, sombras, bancos e gramados a Feira tende a crescer cada vez mais.

1.2 Os espaços urbanos ocupados pelo evento

Segundo depoimento da organizadora, a escolha do local inicial de realização do evento se deu após a participação de Flávia (uma das idealizadoras da feira) em um passeio pelo centro histórico de Sorocaba, organizado pelo historiador Sr. José Rubens Incão, uma figura importante da cidade e atual responsável pela Biblioteca Infantil Municipal.

Durante o trajeto, o Sr. Incão mencionou a existência da rua Leite Penteado, popularmente conhecida como: "Beco do Inferno". Apelido esse que remonta ao séc. XVIII e que foi substituído apenas na década de 1960.

As histórias sobre a origem do nome são diversas, narradas em livros e por antigos moradores da cidade, eu as apreciava ao ouvi-las da bisavó dos meus filhos, nascida em 1928, com tenras memórias das histórias contadas por seus pais e avós além de suas próprias. Infelizmente falecida durante o meu processo de escrita sobre o assunto, Dona Esmeralda Oliva Corrá, a "bisa", costumava dizer que o nome foi dado devido ao intenso calor que as casas da rua enfrentavam em virtude da pouca ventilação, dizia ainda que seu pai relatava que nas calçadas, era possível ver os escravos libertos sentados, aguardando uma brisa soprar.

Já no livro escrito por Maurício Sérgio Dias, intitulado de "Minha Rua, Nossa História. Personagens e fatos que dão nome às ruas de Sorocaba", publicado no ano de 2002, é possível encontrar outras versões, uma delas diz que o nome deriva da prática de despejo de barris de fezes e urina naquele local, provenientes da cadeia e da câmara municipal de Sorocaba, localizadas próximas a rua, resultando em um odor fétido. Como outra suposição, está o caminho feito com os condenados ao suplício, que por ali passavam e teriam suas penas cumpridas no Pelourinho¹¹, ideia essa que o historiador diz ser "menos provável" (Dias, 2002, p.154).

Com ar de história contada sobre o local pelos mais velhos, existe ainda mais uma versão, a de que era mal-assombrada e que os desavisados que por ali passassem a noite, poderiam ser sugados por um alçapão. O fato é que o

¹¹ Pelourinho: Edificação erguida pelo Governador D. Francisco de Souza em 1599 quando de sua passagem pela cidade em virtude da descoberta de Minério de Ferro no morro Araçoiaba como símbolo do poder real. Fonte: <http://www.memorialsorocaba.com.br/historia-de-sorocaba/> acesso: 10.05.2023

nome “Beco do Inferno” faz parte da História da cidade e foi escolhido para dar nome e vida à Feira.

Figura 1: Rua Leite Penteadado, conhecida popularmente por Beco do Inferno



Fonte: Facebook¹²

Figura 2:Feira do Beco do Inferno – Rua Leite Penteadado em 11.12.2016



Fonte: Centro de Memória Operária de Sorocaba¹³

¹² Disponível em: <https://web.facebook.com/feiradobecodoinferno/photos> Último acesso: 3/05/2023

¹³ Disponível em : <https://www.memoriaoperariasorocaba.com.br> Último acesso 03/05/2023.
Foto de: Carlos Carvalho Cavalheiro.

Dez edições se deram nesse primeiro espaço e, a partir da XI, a Feira passou a acontecer bimestralmente em novo local, devido a sua crescente dimensão. Desde então, e até os dias atuais, o evento ocorre na Praça Frei Baraúna, localizada na região central da cidade. Vale destacar que essa praça abriga um edifício que foi a sede da Oficina Cultural Grande Otelo por vinte e dois anos, em um prédio que recebeu a proteção do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico de Sorocaba desde 2012.

A Oficina Cultural Grande Otelo foi inaugurada em 1994, no antigo prédio do Fórum Municipal. O local foi abrigo para diversas atividades culturais e artísticas, com oficinas de teatro, música, dança, fotografia entre outras, tudo de forma gratuita, através de um projeto da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo que ficou em funcionamento até 2014, quando o governo do estado anunciou a necessidade de reforma. As atividades foram transferidas para um outro local na cidade, mas foram encerradas pelo governo sob o pretexto de cortar gastos.

A Praça Frei Baraúna também é conhecida por sediar o marco zero da cidade e o Obelisco, em homenagem aos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutaram na Segunda Guerra Mundial, na Itália. Além disso, foi o local do primeiro jardim público de Sorocaba, com plantas e animais.

O ambiente, que conta com quase 4 mil m² de piso de pedras portuguesas e passa de 8mil m² de jardins, gramados, árvores centenárias, flores e bancos, ficou por muito tempo abandonado, desprezado pelo poder público local, sendo alvo de vandalismo, e abrigo para desocupados, profissionais do sexo, moradores de rua, entre outros.

No mesmo período da mudança de endereço da Feira, a classe artística estava profundamente envolvida em protestos relacionados ao abandono da praça, em especial da antiga Oficina Cultural, fechada em 2014 para reforma, que culminou na realocação de seus cursos para outras instalações. Esses cursos posteriormente foram cancelados pelo governo estadual, como amplamente relatado em várias reportagens da época, incluindo uma publicação

no portal local G1¹⁴ em novembro de 2017. Nesse contexto, o evento manifestou-se sobre essa questão, compartilhando nas redes sociais de divulgação eletrônica sua posição¹⁵.

Figura 3: Mídias de divulgação da XI edição da Feira do Beco do Inferno



Fonte: Instagram¹⁶

Nesse contexto, é fundamental destacar o direito ao uso do espaço público. As análises dos espaços públicos inevitavelmente abordam questões que dizem respeito à sociedade e suas práticas de convívio, abrangendo tanto aspectos relacionados à infraestrutura quanto à vida cotidiana e como esta é moldada pelas pessoas. Isso ocorre por meio da intervenção do planejamento urbano, que define aspectos como habitação, percursos a serem realizados, áreas e ambientes disponíveis para uso. Essas intervenções acabam por

¹⁴ Porta G1: Portal eletrônico de notícias da rede Globo de televisão. Manchetes da notícia: “Artistas reclamam de abandono do prédio da Oficina Cultural Grande Otelo em Sorocaba”. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/artistas-reclamam-de-abandono-do-predio-da-oficina-cultural-grande-otelo-em-sorocaba.ghtml> acesso em 12.05.2023.

Essa manchete acontece seis meses antes da primeira edição na Praça Frei Baraúna.

¹⁵ Texto transcrito da Figura 3. “Vem aí a décima primeira edição da nossa querida Feira Beco do Inferno! E se trata de uma edição muito especial. Para entender o motivo, vamos lá! Pela primeira vez em quase dois anos de existência, a Feira Beco do Inferno deixa a rua Leite Penteadado para ocupar a praça Frei Baraúna. Estando a par e de acordo com todas as manifestações com relação às oficinas culturais e à importância da Grande Otelo para a cidade de Sorocaba, essa edição da feira busca ser parte da reflexão diante do nosso cenário e tem como principal objetivo firmar a nossa posição de resistência diante de todo retrocesso. Estejamos conscientes e estejamos juntxs”

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bh9bXpBjeUN/>. Acesso: 03/05/2023

influenciar e direcionar o desenvolvimento da vida cotidiana, por vezes limitando a espontaneidade.

Quanto aos espaços públicos e ao direito à cidade, é importante apontar alguns fundamentos para a compreensão da discussão sobre como as engrenagens da *urbis* se movimentam.

Lefebvre (2008) analisa as separações dos grupos sociais e a segregação desses grupos que sentem a necessidade de pertencimento, de integração e de participação, já que vivenciam a exclusão da cidade, do urbano. A Oficina Cultural sediada em plena região central da cidade abrigou por anos jovens artistas de variadas áreas em seus cursos, dando a oportunidade para essas pessoas conviverem naquele espaço/região da cidade, sendo para além de um ambiente de aprendizado e trabalho um espaço de convergência e inspiração.

O sucateamento da Oficina Cultural Grande Otelo é um exemplo preocupante dos desafios enfrentados pela classe artística em muitas comunidades. A falta de recursos financeiros, questões de gestão e interesse público, além da falta de apoio governamental são comuns e muitas vezes orquestrados por razões políticas, representando não apenas uma perda física do espaço, mas também um golpe simbólico.

No sentido de simbolismo, a Feira do Beco do Inferno que passou a ocupar com arte e cultura esse mesmo ambiente da antiga Oficina Cultural, ao redor de toda antiga edificação (que hoje fica fechada), é conhecida por abrir espaço para que as pessoas se sintam pertencentes; sentimento esmiuçado no trabalho de Hermes e Silva, (2019), em que articulam os conceitos de memória e identidade a partir de bell hooks em seu livro “Bone Black: memories of girlhood (1996)”, deixando claro que esse sentimento está associado ao lugar, ao acolhimento, às memórias da infância, das experiências e formação identitária.

Mais um aspecto fundamental sobre o direito à cidade e em questão à participação, é a projeção da morte da cidade e do fator de recuperação com o questionamento sobre a possibilidade de recuperar e intensificar a capacidade dessa participação e de integração pelo sujeito segregado, pensando em uma reformulação das estruturas da cidade sob a ótica das necessidades sociais, como aponta Lefebvre (2008).

Estudos diversos, no âmbito teórico, nacional e regional, abordam a questão do direito à cidade, da desigualdade e da importância de documentos

norteadores. No assunto destacam-se, Tavolari (2016), Meira (2005) e Oliveira (2011), conforme apresentado a seguir:

[...] E, hoje, todo autor que se pretenda crítico no campo dos estudos urbanos necessariamente menciona o direito à cidade ou procura dar uma interpretação própria sobre o conceito — o que envolve, portanto, retornar às obras de Lefebvre.” (Tavolari, 2016, p.6).

No mesmo sentido e tratando de outros aspectos referentes ao uso do espaço, assim Oliveira (2011, p. 4) se manifesta:

O consumo do espaço se dá, dentre outras coisas, a partir do usufruto das localizações, bem como do acesso que se tem a elas, que pode ser analisado, a partir circulação e da possibilidade do indivíduo em se deslocar na cidade e, portanto, usufruir dela.

Já Meira (2005), apoiando-se no Estatuto da Cidade, indica que:

O Estatuto da Cidade veio reforçar o que há muitos anos se questionava no Brasil sobre uma legislação urbana específica, e fortalece uma discussão diferenciada no nível das cidades, pela implantação plena das diretrizes e instrumentos de política urbana previstos nesta lei, que muitas vezes são colocadas de maneira paliativa ou totalmente negligenciadas nos planos municipais. (Meira, 2005, p. 37)

É notório que as questões relacionadas ao direito à cidade são inesgotáveis, sendo relevante abordar algumas questões transversais no que diz respeito ao uso do espaço público, já que esse é considerado um lugar comum e de posse de todos os cidadãos.

O espaço público para Martins (2016a) deve ser encarado como direito fundamental de circulação e vivência, sendo espaços vitais para a sociedade, que refletem a cultura, os costumes e podem ser palco de convivência democrática, além de espaços de estímulo produtivos no âmbito cultural e político.

Dentre as ações que os governos podem escolher executar, trabalhar os eventos como uma ferramenta a ser utilizada é uma estratégia que pode dar espaço à exposição da cultura das comunidades e trazer à diferentes parcelas

da população, visibilidade. Em seu livro sobre criatividade em eventos, Francisco Paulo de Melo Neto afirma que: “o evento amplia os espaços para a vida social e pública e conduz as pessoas para a experimentação conjunta das emoções” (Melo Neto, 2000, p.14).

Nessa perspectiva, a realização do evento em praça pública é de considerável relevância para a população e para os agentes envolvidos em sua produção, que têm a oportunidade de expor e comercializar seus trabalhos em ambiente público e, ao mesmo tempo, apresentar as pautas de suas lutas sociais e políticas.

1.3 História e Trajetória

Através de entrevista semiestruturada realizada com Flavia Aguilera¹⁷, artista plástica e hoje organizadora da Feira do Beco do Inferno, foi relatado que alguns artistas que hoje também fazem parte da produção da Feira já haviam experienciado expor suas obras em outros eventos, como um produzido pelo Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS) e outros produzidos pela Associação Sorocabana de Artesanato (ASA), porém encontraram dificuldades nesses espaços.

Algumas dessas dificuldades estão relacionadas a falta de compreensão dos artesãos para as artes visuais, gráficas, plásticas e outros tipos de arte, além disso, os custos para poder expor, como altos valores para inscrição e exigências de padronização dos estandes com mesas e barracas iguais para todos dificultava o processo de participação, o que aliado à pouca quantidade de público participante e potencial apreciador e comprador das obras, geravam desânimo em continuar no processo.

Durante uma sessão de modelo vivo, na qual Flávia desenhava outra artista, sua amiga Lígia, elas perceberam a necessidade de um espaço acessível e visível para todos os artistas se reunirem. Essa percepção levou à ideia de promover um evento artístico desta natureza.

¹⁷ Flavia, além de conceder as entrevistas e disponibilizar valiosas informações, autorizou a inserir seu nome nessa pesquisa

Após as duas amadurecerem a ideia com relação a esse evento, Lígia, artista que hoje também compõe o grupo de organizadores, utilizou as redes sociais, especificamente o *Facebook*, plataforma de rede social na internet, para criar um grupo, no qual foram adicionados mais de mil integrantes supostamente interessados naquele movimento inicial do evento artístico.

Com uma pesquisa subsequente à visita ao centro histórico de Sorocaba que passou pela rua Leite Penteado, os participantes envolvidos na organização do evento compreenderam que este seria o lugar perfeito. Eles notaram que a localização sediada na travessa da rua principal, XV de Novembro, o tornava ideal, percebendo que a ausência de estabelecimentos comerciais na área, juntamente com um baixo fluxo de veículos, facilitaria a obtenção da aprovação da prefeitura para interdição da via.

O próximo passo que esses artistas empenhados em organizar um evento por conta própria tiveram que tomar foi consultar as autoridades municipais para entender como seria a parte burocrática para a produção e desenvolvimento do evento. A equipe da Secretaria de Desenvolvimento Social forneceu orientações sobre as regulamentações e procedimentos legais necessários para a realização de um evento público em espaço aberto, tendo em vista que nenhum dos organizadores tinham experiência da produção e realização de eventos em espaço público.

A primeira edição foi organizada de forma independente (maneira como os produtores da Feira se referem a ela) por seis jovens artistas locais: Dah Fiore, Flavia Aguilera, Rafael Assis, Lígia Mazzer, Pedro Alberto e Carol Paiffer e contou com a participação de mais de 50 artistas da cidade que foram expor e vender suas obras.

Além da exposição e venda de artesanatos, pinturas, gravuras, ocorreram também apresentações musicais, de poesia, participação de palhaços, entre outras atrações. Isso proporcionou um valioso encontro e intercâmbio entre os representantes da comunidade artística local, tornando-se um elemento crucial para o estímulo de futuros eventos.

Na Rua Leite Penteado, realizaram-se dez edições da Feira. A comunicação entre os envolvidos era predominantemente conduzida pelas redes sociais, onde muitos detalhes e informações foram compartilhados e acordados.

Figura 4: Divulgação da 1ª edição da Feira do Beco do Inferno 2016



Fonte: Facebook¹⁸

Sendo profissional da área de eventos, e por se tratar da idealização e produção de um evento grande e complexo, acho importante fazer o diálogo com alguns autores específicos da área, como Carmem Zitta, referência em planejamento, idealização e organização de eventos, Roberto Porto Simões referência na área de Relações Públicas e Bianca Pugen, Turismóloga que desenvolveu um trabalho de Pós Graduação sobre a impotência de inserir a comunidade na gestão de eventos locais e priorizar seus interesses e anseios.

A Feira do Beco do Inferno se intitula como evento independente, aberto ao público e gratuito, podendo ser caracterizada pela definição de Zitta, (2011), que entende o evento como um acontecimento onde se reúnem diversas pessoas com objetivos e interesses comuns.

Já Simões (1995, p.170) apresenta a seguinte interpretação: evento seria “um acontecimento criado com a finalidade específica de alterar a história da relação organização-público em face das necessidades observadas. Caso ele não ocorresse, a relação tomaria rumo diferente e, certamente, problemático.”

A realização de um evento, pode envolver diversos profissionais, gerar vários postos de emprego e proporcionar lazer e diversão para a comunidade, além de poderem ser trabalhados com a finalidade de despertar na comunidade dos locais onde acontecem um sentido de valorização de seus costumes, tradições e manifestações culturais (Pugen, 2008), afirmação que definitivamente é percebida dentro da Feira do Beco do Inferno.

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/posts?q=feira%20beco%20do%20inferno>
Último acesso: 03/05/2023

A Feira pode ser considerada um evento complexo em seu sentido de produção, atendendo minuciosamente todos os processos de planejamento e organização, que de acordo com Matias (2004), são: concepção (momento da idealização), pré-evento (fase de planejamento e criação), transevento (fase em que acontece o evento) e pós-evento (finalização).

É um evento que tem trazido notoriedade e oportunidade para a classe artística e cultural da cidade de Sorocaba, ampliando as possibilidades dessa categoria, tem sido o ponto de partida para muitos artistas, tornando-se um local crucial para os já estabelecidos e uma oportunidade valiosa para os novos talentos. O evento se destacou como um ambiente especial de estreia, especialmente para músicos, poetas e outros artistas performáticos que não têm acesso a uma grande quantidade de shows. Para eles, a feira se tornou uma estrutura essencial para expor e promover seus talentos.

O evento que ocorreu durante dez edições na Rua Leite Penteado e que, devido ao seu crescimento contínuo, passou a ser realizado na Praça Frei Baraúna, agora ocupa os espaços ao redor da Oficina Cultural Grande Otelo e se estende por todo o ambiente da praça.

Atualmente, a comissão encarregada pela organização abre um período de inscrições antecipadas para aqueles que desejam participar, disponibilizando um formulário online, processo que costuma atrair mais de 350 interessados, dos quais, geralmente, cerca de 180 profissionais de artes e artesanato são selecionados, número que tem aumentado ao longo das edições.

No processo de seleção dos expositores, são considerados diversos critérios, com ênfase na inclusão daqueles que têm menos oportunidades de vendas em outros locais. Isso inclui indivíduos que não possuem lojas físicas ou que nunca participaram do evento anteriormente. Além disso, mulheres e pessoas que dependem exclusivamente da venda de suas obras de arte e artesanato para sobrevivência são priorizadas nas escolhas.

A organização do evento busca democratizar o acesso dos feirantes, sem fazer grandes exigências para a montagem de seus estandes. Uma regra essencial é que o espaço não passe da medida de 3 metros, porém cada artista pode montar o ambiente de acordo com suas possibilidades, utilizando tendas, mesas, panos no chão ou qualquer estrutura que viabilize sua participação, o

que em geral não gera um custo extra para aqueles que não dispõem de recursos de investimento.

Uma taxa de participação é requerida para viabilizar a locação de banheiros químicos e cobrir outras necessidades estruturais. No entanto, em entrevista concedida para esta pesquisa, a organizadora Flavia enfatiza que, no caso de um participante não ter recursos para pagar a taxa, ele receberá isenção, garantindo assim a oportunidade de participar, isenção essa que deve ser solicitada através de um formulário.

Um dado importante é que 85% das pessoas que compõem o evento são mulheres, e essas isenções em geral são ofertadas para grupos sociais minoritários ou vulneráveis, incluindo mães solo.

Os artistas que compõem a parte cultural, com as apresentações ao longo do dia, em geral não são remunerados, apenas recebem uma ajuda de custo para transporte e alimentação. Segundo a organização, tal característica não seria encarada como um problema ou uma exploração pelos artistas não remunerados, já que a feira não gera lucro para os seus organizadores e a grande maioria dos artistas gosta de estar presente e se oferece para estar lá.

1.4 Pausa pandêmica e ações

Salientamos que, assim como todas as atividades não essenciais, as edições deste evento foram impactadas pela pandemia de COVID-19, especialmente durante os momentos de maior transmissão da doença e a necessidade de distanciamento social.

Oito edições foram realizadas no novo endereço, Praça Frei Baraúna, de forma presencial, sendo necessário o adiamento da nona edição em virtude do momento do isolamento social decorrente das medidas de biossegurança da pandemia de Covid 19.

De acordo com as informações obtidas nesta pesquisa, para o adiamento foram realizadas várias reuniões entre os organizadores, que sentiam a necessidade de parar com o evento e também a dificuldade que envolveria o cancelamento, de forma que a situação foi colocada em votação, definindo assim

cancelar o nono evento. Todos os feirantes inscritos permaneceram com suas vagas garantidas para uma futura realização presencial.

Durante a pandemia, uma das atuais organizadoras, Magda, resolveu fazer uma pesquisa com os participantes e conseguiu criar dados que demonstram a importância do evento. Esse documento produzido pelos organizadores está integralmente disponível nos anexos deste texto e mostra que a feira teve 6.450 artistas inscritos nos últimos anos.

Os dados coletados no levantamento feito pela organização também mostram que, a partir de 2018, em média participam do evento 120 expositores de artes visuais, artesanato e literatura. Ainda que não tenha relevância específica para esse projeto, o documento também apresenta a participação de 30 feirantes na área de alimentação vegana e vegetariana, o que indica preocupação com saúde e bem-estar.

Com referência às apresentações artísticas e culturais, a partir do mesmo documento temos que, em média, são sete diferentes expressões artísticas que ocorrem alternando-se entre música, teatro, dança, performance e poesia. Em relação ao público que prestigia o evento, o contingente gira em torno de três mil pessoas por edição, com faixa etária entre 18 e 46 anos. Entre os visitantes identifica-se inclusive turistas de São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Ubatuba, Minas Gerais, e cidades da região metropolitana de Sorocaba.

Além disso, os dados econômicos extraídos desta pesquisa, indicam que a rentabilidade pode chegar a 80% da margem de investimento, garantindo lucros, e que 76% dos expositores contam com a feira como um “respiro” financeiro e suprimento de contas domésticas.

Durante o período de pausa, do formato presencial, a internet desempenhou um papel crucial, servindo como aliada tanto para auxiliar os feirantes quanto para manter o contato com o público. Por meio do perfil no *Instagram*¹⁹ foram promovidas transmissões ao vivo (*live streams*) em apoio aos artistas, à comunidade LGBTQIA+²⁰ e aos coletivos de arte e de mulheres. Além

¹⁹ Instagram: Plataforma de rede social na internet, inclusive mais utilizada atualmente do que o *facebook*,

²⁰ LGBTQIA+ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual e identidades outras.

disso, foram criados grupos no *WhatsApp*²¹, para que os feirantes pudessem discutir novas alternativas, compartilhar ideias e fortalecer sua comunidade de maneira colaborativa.

Em 2021, foi lançada uma iniciativa online para celebrar o Dia das Mães, denominada "Mães do Beco". Durante os dias 2 a 9 de maio, foram realizadas oito transmissões ao vivo, popularmente conhecidas como "lives". Nestas transmissões, os artistas tiveram a oportunidade de exibir suas obras, compartilhar suas habilidades e, ao término, promoveram sorteios de produtos.

Além da esperança, essas ações mantiveram o engajamento entre artistas e público. Assim, foram essenciais para dar fôlego ao evento enquanto este não poderia acontecer de forma presencial, retornando suas atividades na Praça Frei Baraúna no dia 12 de junho do ano de 2022 e mantendo o acordo de permanecer com os expositores inscritos para o evento que foi adiado em virtude da pandemia.

Figura 5:Arte de divulgação da XX edição da Feira do Beco do Inferno



Fonte: Facebook²²

Com a expectativa da retomada das atividades no formato bimestral, foi anunciada já na edição de retorno uma ação de premiação para agentes culturais da cidade de Sorocaba, intitulada de: "Primeira Medalha Cultural – Alzira Sucuri".

²¹WhatsApp: Aplicativo de conversa online muito importante para comunicação entre as pessoas nesse momento histórico.

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/feiradobecodoinferno> Último acesso: 05.06.2023.

Alzira Sucuri²³ é tida como uma personalidade sorocabana cujo verdadeiro é Alzira Corrêa, uma lenda entre os anos de 1960 e 1980. O historiador e pesquisador sorocabano Carlos Carvalho Cavalheiro, autor do livro “Folclore em Sorocaba” (Cavalheiro, 1999) caracteriza a falecida Alzira como personagens do povo. Ela andava pelas ruas da cidade contando que havia sido abandonada no altar por pessoas da alta sociedade de Sorocaba, proferia frases ríspidas aos moleques que a chamavam de sucuri, ela também caminhava pelas ruas carregando uma boneca, que simbolizava um bebê que teve e faleceu, fato esse que a deixou com sérios problemas psiquiátricos. Alzira chegou a ser internada no hospital psiquiátrico Jardim das Acácias e terminou seus dias em um lar para idosos.

A ação de premiar agentes culturais tratava-se de uma honraria simbólica aos escolhidos como melhores agentes culturais do município, a partir de indicação anterior pela população através de um formulário eletrônico. A premiação contava com uma medalha artesanal e com o direito de fala aos premiados no tempo de 3 minutos durante a XXI edição do evento, prevista para acontecer inicialmente em 14 de agosto de 2022.

A "Medalha Cultural Alzira Sucuri" além de ter sido estabelecida como uma honraria simbólica destinada a reconhecer os contribuintes culturais da cidade que possuem uma trajetória notável de resistência, teve ainda o propósito de chamar a atenção para as deficiências das políticas públicas culturais em Sorocaba.

A XXI edição foi cancelada pelo poder público municipal, que alegou incompatibilidade com a data, tendo em vista que o aniversário da cidade, no dia seguinte ao evento, contaria com um desfile cívico. É importante observar que as datas não coincidem e que o local do desfile também não é o mesmo da Feira, o que foi encarado pelos organizadores, pela classe artística participante e pelo público como um boicote da Prefeitura Municipal. O reagendamento ficou para o dia 11 de setembro, ocorrendo com algumas alterações na programação em virtude da coincidência de outros compromissos assumidos pelos participantes.

²³ Algumas histórias de Alzira Sucuri são encontradas em jornais da cidade. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br> e <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai> Acesso em 15.06.2024

As duas edições seguintes deste ano tiveram lugar em outubro e dezembro. Segundo os responsáveis, essas edições se destacaram pela sua exaustiva preparação e planejamento, devido às diversas exigências municipais que precisaram ser atendidas para sua realização, coisa que anteriormente não acontecia.

O primeiro semestre de 2023 foi dedicado à reorganização e reestruturação do evento, que logo no primeiro mês do ano fez uma ação nas plataformas de redes sociais chamando participantes e público para se envolverem e colaborarem dando força ao evento.

Os anúncios demonstraram três passos considerados importantes para a continuidade dos eventos, sendo o passo 1: Ajudar o *Instagram* da feira a passar de 10k²⁴ de seguidores; passo 2: comparecer aos eventos propostos pela produção da Feira do Beco do Inferno; e passo 3: Comprar os produtos da Feira que passaram a ter uma pré-venda.

Figura 6: Anúncio de retomada do evento para 2023



Fonte: Instagram²⁵

²⁴ A letra K na plataforma Instagram, significa uma unidade de medida para a quantidade de mil seguidores da página e de curtidas em postagem.

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cn4qUY0OoS5/>. Último acesso em 20/02/2023. Texto: A Feira do Beco do Inferno pretende voltar com tudo em 2023. Mas para isso teremos três passos fundamentais para tornar viável retornar as edições bimestrais. 1 ajude o Instagram da feira a passar de 10 mil seguidores, 2 Compareça aos eventos propostos pela produção da Feira do Beco do Inferno. 3 Compre produtos da Feira que serão lançados em uma pré venda especial

Ocorreram quatro edições no ano de 2023, realizados em junho, agosto, outubro e dezembro. Para que fosse possível a realização da Feira, inúmeros procedimentos tiveram que ser adotados para atender às normas municipais vigentes de realização de evento em espaço público, já que as normas foram alteradas em 2022.

2 A FEIRA DO (DES)CONFORTO

Balanço

*tempo
que traz a noite
reverte em dia
clareia as ideias
que faz chover.
ao grito
o tempo a resposta
de longe, espera
cura e tempo
ao sábio saturno pedimos alento
se hoje a paz não veio
ela passa amanhã?
Thamires Andrade²⁶*

2.1 Percepções contrastantes e entraves

Através das pesquisas sobre o evento e de minhas observações durante a participação na Feira do Beco, pude perceber que ela é considerada muito importante e atrativa para uns e extremamente desagradável e perturbadora para outros. Já em sua primeira edição, a Feira trouxe a promessa de muita cultura, informação, arte, divertimento, denúncias, tudo em único ambiente. Os

em breve. A Feira do Beco do Inferno é uma referência muito grande na cidade de Sorocaba e região. Desde 2016 construindo um espaço de vendas de arte autoral e artesanato. Precisamos do envolvimento de todos para retornar com força. Apoie a faça parte desse movimento. Dia 10.02 tem show com as bandas @anticorpos @thebiggsrock e @mardelobosbanda no Isla Cultura e Arte. @islaculturaearte.

²⁶ Thamires Andrade: Poeta, com formação em Psicologia e Psicanálise, Educadora, Mestre em Educação pela UFScar Sorocaba e atual doutoranda do programa.

artistas anunciados para fazerem parte da programação cultural já mostraram o “tom” do evento.

Um dos presentes, Pedro Caboatan, é artista gráfico urbano que escolheu o nome artístico Discórdia como uma alusão às desigualdades sociais presentes no Brasil. Ele desenvolve projetos gráficos impressos de forma artesanal usando a técnica de Stencil, aplicando-os em superfícies como lambe-lambe, telas e paredes, levando para suas obras denúncias sobre as mazelas da sociedade.

Outro, o Evandro Aranha, é poeta, declamador e escritor do livro intitulado “Fragmentos de um Córtex Perturbado”, esteve presente declamando suas poesias e buscando recursos (doações dos participantes) para publicação do segundo volume de seu livro: “Fragmentos de um Córtex Perturbado – Volume II: A Resistência Poética & Amor e Outras Dores do Cotidiano”.

Assim como esses dois artistas, outros da cena do Rap, do Hip Hop, do funk também estiveram presentes em várias edições. Vale ressaltar que o evento dá espaço para diversidade: um venezuelano artista de rua, uma mulher preta *slammer*, um grupo de indígenas, outro de capoeira, uma roda de mulheres debatendo pautas feministas, homens e mulheres transgênero, grupos LGBTQIA+, drag queen, homens e mulheres negras protagonizando apresentações, discussões e denúncias no palco da maior praça da cidade, são encarados por alguns como um movimento incrível, importante e necessário, ao mesmo tempo que por outros é visto com inquietude.

Durante a programação da XX edição, Lourdes Jéssika Moraes, Jakeline Moraes e Laryssa deram voz a apresentação intitulada: “A cada 23 min”, versando sobre o dado lançado em campanha²⁷ pela ONU – Organização das Nações Unidas, que no Brasil um jovem negro morre a cada 23 minutos.

Na sequência dessa apresentação ao seguir para um bar de esquina com a praça, me deparo com vários homens sentados em uma mesa bebendo cerveja e tecendo comentários sobre as artistas, tanto comentários sobre seus corpos e vestimentas, como comentários sobre a apresentação: “Se morresse tudo isso não tinha mais preto (risos)”.

²⁷ Campanha Vidas Negras: Lançada pela ONU Brasil em 7 de novembro de 2017 com o intuito de sensibilizar a sociedade, autoridades públicas, sistema judicial, setor privado e movimentos sociais sobre a importância de políticas de prevenção e combate à discriminação racial. Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/78104-onu-brasil-lan%C3%A7a-campanha-pelo-fim-da-viol%C3%A2ncia-contra-juventude-negra> Último Acesso: 20.01.2024

A zombaria, falta de conhecimento ou de caráter mesmo, ignora dados oficiais e de pesquisa científica sobre o assunto. Sobre a questão do jovem negro, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA enfatiza que:

[...] Jovens negros morrem de forma violenta em maior número que jovens brancos e têm probabilidades menores de encontrar um emprego. Se encontrarem um emprego, recebem menos da metade do salário recebido pelos brancos, o que leva a que se aposentem mais tarde e com valores inferiores, quando o fazem. Ao longo de toda a vida, sofrem com o pior atendimento no sistema de saúde e terminam por viver menos e em maior pobreza que brancos!. (IPEA 2007, p. 281).

Esse tipo de comentário vai sendo observado a cada evento, obviamente não pelos participantes, mas sempre no entorno do espaço por aqueles que ali transitam. Na XXV Feira durante a apresentação da artista trans “Cacauzey, do verbo causar”, uma Dj que comandou o tradicional baile do beco que começa às 19h, pude ouvir os comentários de duas senhoras que haviam acabado de sair de um restaurante nas redondezas. Uma senhora diz indignada: “Jesus, que coisa horrível é aquela, que que tá acontecendo ali? Aquilo é mulher ou homem?”, a outra olhando sobre os ombros respondeu: “O mundo está perdido, não tem mais jeito, que gente é essa?”.

As vidas das pessoas LGBTQIA+ são frequentemente relegadas à abjeção, um espaço "inóspito" e "inabitável" em que são colocados corpos que não possuem o status de sujeito (Butler, 2018), exatamente como parece ser para tal senhora quando termina sua frase questionando que tipo de gente é essa.

Esse é mais um diálogo que demonstra de forma muito clara a aversão que certos habitantes da cidade que por ali circulam têm pela diversidade: a transfobia se faz evidente, assim como fica explícito que a Feira do Beco do Inferno gera constrangimentos e desagradados para essa parcela da população.

Os organizadores do evento acreditam que as pautas trazidas à Feira e a diversidade de pessoas que a compõem são os motivos principais para essa situação de “desconforto” (a qual poderíamos facilmente chamar de preconceito e até mesmo crime). O fato é que com o passar do tempo a realização do evento passou a não ser facilitada pelo poder público, o que eles acreditam que tenha relação com essas questões.

Quando a concepção da Feira do Beco do Inferno teve início e as primeiras edições foram realizadas, as orientações e requisitos relacionados à documentação eram fornecidos diretamente pelas secretarias municipais envolvidas no processo. Não eram exigidas grandes documentações ou providências. Os órgãos competentes solicitavam autorização para bloquear o tráfego de veículos na rua, auxílio da prefeitura para instalação de alguns banheiros químicos e autorização da vigilância sanitária para venda de alimentos.

À medida que as edições foram acontecendo, o evento ganhava mais público e visibilidade, tornando-se notícia nos principais veículos de comunicação da cidade, o que exigia uma organização cada vez mais complexa. Enquanto planejamento de eventos, as burocracias para realização aumentaram, desde os pedidos de autorização de uso do espaço, taxas que deveriam ser recolhidas para o município, estruturas a serem montadas, banheiros químicos, geradores de energia, entre outros.

A Feira passou a enfrentar problemas para sua realização relacionados a documentação e exigências do poder público municipal, tendo que lidar com mais entraves, visto que as exigências foram ampliadas após a reestruturação que ocorreu com a entrada do novo prefeito, (Missionário) Rodrigo Manga, nas eleições de 2022.

Em março de 2023, entrou em vigor uma nova legislação municipal para a produção de eventos em espaços públicos, que segue as diretrizes da legislação estadual. Esta legislação inclui itens que antes não eram exigidos, como a necessidade de pagamento pela utilização do ambiente dependendo de seu tamanho, além de outras normas relacionadas a palco, segurança, necessidade de ambulância, entre outras exigências anteriormente inexistentes.

A organizadora Flavia Aguilera, entrevistada nesta pesquisa, explicou que a parte burocrática tem sido um desafio que aumenta os custos do processo. No entanto, após várias idas e vindas de reuniões e documentos, foi possível reduzir algumas das exigências. Isso se deve ao fato de que o evento não utiliza estruturas de palco, uma vez que as apresentações culturais ocorrem no chão, como também à dispensa da necessidade de uma ambulância, já que o evento reúne menos de 5 mil pessoas no local ao mesmo tempo.

De qualquer forma, os gastos com o espaço e a necessidade de alugar um gerador de energia, devido à impossibilidade de utilizar a fiação elétrica disponível na rua, aumentam os custos do processo de realização, que, no final das contas, são repassados para os feirantes.

Assim, fica evidente que a Feira do Beco do Inferno, que já era vista por parte da população como um espaço transgressor e contra hegemônico, passou a ser também um incômodo para o novo governo municipal, que possui uma orientação de direita com pautas extremamente conservadoras e de grande teor religioso. Isso transparece na situação de solicitação de inclusão do evento no calendário oficial do município.

A vereadora, Fernanda Garcia, do partido político PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), fez um projeto de lei²⁸ em maio do ano de 2022, solicitando a inclusão da Feira do Beco do Inferno no calendário municipal de eventos da cidade, justificando o pedido em virtude da importância do evento, da quantidade de pessoas que participam movimentando assim a economia local e enaltecendo a importância do sentimento de pertencimento ao grupo envolvido.

O poder público municipal recusou o pedido, alegando que o nome do evento, que inclui a palavra "inferno", entra em conflito com os princípios normativos estabelecidos pela Constituição Federal e pela lei orgânica do município, que fazem referência à proteção de Deus em seus preâmbulos. Nesse contexto, parece que não está sendo considerada a história da cidade nem o princípio de um Estado laico.

Um site de notícias da cidade, chamado Portal Sorocaba, veiculou uma matéria sobre esse assunto no dia 19 de agosto de 2022, e deu voz à autora do projeto, Vereadora Fernanda Garcia, que se pronunciou indignada, classificando a posição da Câmara do Vereadores como uma vergonha e como forma de perseguição, fez ainda a seguinte declaração:

Essa Comissão deveria zelar pela constitucionalidade dos projetos, fazendo parecer de natureza técnica, embasados no regramento jurídico. Entretanto, eles usam a 'proteção de Deus' do preâmbulo da Constituição como fundamentação para um parecer jurídico. O próprio Supremo Tribunal de Federal (STF) já se manifestou no sentido de que a disposição do preâmbulo

²⁸ O documento referente a projeto de lei encontra-se integralmente nos anexos.

não tem caráter normativo. É inaceitável! (Fernanda Garcia – “Portal Sorocaba”²⁹)

Ainda com o apoio da mesma vereadora, que solicitou reconsideração deste parecer, foi possível destinar recursos da Secretaria de Cultura para a Feira do Beco do Inferno, totalizando cerca de vinte mil reais. Esses recursos deveriam ser utilizados para locação de tendas, cadeiras, banheiros e outras necessidades. No entanto, há relatos de dificuldade na utilização dessa verba, uma vez que os produtos ou serviços são fornecidos por empresas que já possuem contratos com a Prefeitura e nem sempre atendem às necessidades para a realização plena do evento.

Vale ressaltar que dentro da seção de Cultura a Constituição Federal em seu Art. 216-A apresenta-se o seguinte texto:

O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade, tendo por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais (BRASIL, 1988).

A Constituição da República Federativa do Brasil, deveria servir como um amparo, já que consigna importantes direitos dos cidadãos e dos deveres dos órgãos públicos a nível federal, estadual e municipal sobre as questões de promoção de cultura, desenvolvimento humano e social.

Sandro Ivo de Meira em sua dissertação de mestrado na área da Geografia que versa sobre planejamento e gestão urbana em Sorocaba com foco em políticas públicas de habitação popular, aborda a responsabilidade municipal sobre as ações a serem tomadas para a garantia de direitos da população acerca do desenvolvimento urbano de maneira a garantir o bem-estar dos habitantes, o direito à cidade, e o cumprimento da função social da cidade e da propriedade (Meira, 2005)

²⁹ As matéria veiculada pelo Portal Sorocaba pode ser visualizada no seguinte endereço eletrônico: <https://sorocaba.com.br/cultura/comissao-da-camara-veta-feira-do-beco-do-inferno-no-calendario-oficial/> e foi acessada no dia 15 de fevereiro de 2024.

É nesse contexto de abordagem que destacamos a importância dos órgãos públicos para auxiliarem o processo de produção do evento, porém o que tem sido percebido é a falta de apoio e interesse das secretarias responsáveis.

Foi elaborado pelos responsáveis pelo evento um documento ao qual eles chamam de Dossiê, apresentando como vem sendo as tratativas com o poder público municipal desde 2016 até 2023.

Figura 7: Trajetória burocrática do evento: período de 2016 a 2023

Trajetória burocrática Feira Beco do Inferno 2016 a 2023

VISÃO GERAL:

Ano	Situação burocrática	Autorização	Quantidade de feiras	Quantidade de artistas selecionados por feira
2016	Inscrição grátis, solicitação de banheiros atendidas sazonalmente, energia elétrica de moradores autorizados.	autorização SECID	4	50
2017 a 2018	Contribuição taxa de 10 reais, energia elétrica da praça, locação de 5 banheiros e mais 2 da Secult sazonalmente	autorização SEPLAN, banheiros SECULT	11	120
2019	Contribuição de 10 reais, com energia elétrica da praça e sem apoio para banheiros	autorização SEPLAN, banheiros SECULT	5	150
2020 - 2021	Pandemia, feira online, lives com bate papo, loja online no facebook, sorteios, etc			25
2022	Sem orientação onde conseguir a autorização, conversas com SECULT, Jorge SEDETUR, Noemi SEURB, Kely SEGOV	sem autorização	3	170
2023	Com orientação da Kely SEGOV, cumprindo uma pequena parte da emenda	com autorização SEURB	3	190

Fonte: Organizadores da Feira do Beco do Inferno³⁰

Nesse documento é possível perceber também o descaso com os retornos de e-mail e solicitações de auxílio enviados para os órgãos municipais responsáveis ao longo do período.

³⁰ Documento cedido pelos organizadores do evento e disponível na íntegra na parte de anexos deste trabalho.

Conhecer o contexto municipal de Sorocaba, levando em consideração a configuração política em nível administrativo atual e as características populacionais da cidade nos traz uma luz para compreender esses entraves, dificuldades e falta de interesse do poder público em apoiar e auxiliar para a viabilidade do evento.

2.2 Um “Tiquinho” de Sorocaba

Começar utilizando uma palavra no diminutivo para esse tópico, faz muito sentido se o leitor for sorocabano ou morador/frequentador da cidade. É comum escutarmos várias palavras no diminutivo por aqui: “chovendinho”, “correndinho”, “rapidinho”, “devargazinho”, “leitinho”, “quentinho”, e assim segue.

Para situar o leitor um “pouquinho” sobre as características da cidade busquei autores e pesquisadores que desenvolveram trabalhos com importantes contribuições sobre o município, quatro dissertações de mestrado foram fundamentais: A Dissertação de Sandro Ivo de Meira para seu mestrado em Geografia, realizado na Universidade Federal do Paraná que aborda o Planejamento e gestão urbana em Sorocaba na análise de políticas públicas de habitação popular; a Dissertação de Mestrado de Ivanilson Bezerra da Silva, defendida em 2010 na USP que traz abordagens sobre a cidade, a Igreja, a escola e as relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX, a Dissertação de Arnaldo Pinto Junior, intitulada de A invenção da “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914), defendida em 2003 na Unicamp e a Dissertação de Mestrado de Marco Antônio Nunes Oliveira, que pesquisou o Sarau Palavra Encantada no Cantinho do Girassol, um espaço cultural na periferia da cidade de Sorocaba e foi defendida pela UFSCAR-So em 2018 pelo programa de Educação.

Além desses trabalhos, o artigo disponível no repositório da Unicamp, escrito por Júlio Gonçalves e Jorge Luis Cammarano González sobre os princípios da escola pública na cidade, trouxe valiosas contribuições sobre a história local.

O município de Sorocaba tem uma população estimada em mais de 687 mil habitantes e uma extensão territorial de 450.382km² de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. O Instituto ainda aponta

a cidade com um IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, crescente entres os anos de 1991 e 2010 (IBGE, 2020).

Dentre os dados coletados, é possível observar que da totalidade de pessoas que correspondiam à população da cidade de Sorocaba até 2010, aproximadamente 145 mil estavam na sua fase de juventude. De acordo com a SEADE³¹ representa 21,5% de pessoas de idade entre 15 e 29 anos, a mesma fonte indica um aumento de mais de 8% nesse número se considerarmos os (jovens) adultos entre 30 e 34 anos.

Por sua concentração de instalações industriais e com uma localização privilegiada com relação às suas divisas regionais, que abrangem a Região Metropolitana de São Paulo e Região Metropolitana de Campinas, a cidade tem apresentado nos últimos anos grande desenvolvimento urbano, com investimentos nos setores industrial, de serviços e no comércio, que, como consequência, geraram inúmeros postos de trabalho. Conforme destacado pelo “Jornal Cruzeiro do Sul”, periódico de grande circulação na cidade, na data de 20/09/20 isso fez com que Sorocaba se torne chamativa na região e atraia a população, aumentando assim a quantidade de habitantes e trazendo implicações em diversas áreas, impactando inclusive na qualidade de vida:

A cronologia do planejamento urbano em Sorocaba demonstra que, à medida que a cidade foi crescendo, a necessidade por novos parâmetros e instrumentos de ordenamento urbano foi se tornando mais comum [...]. No caso de Sorocaba, nota-se uma evolução na elaboração de instrumentos a respeito do meio urbano na segunda metade do século XX, notadamente no seu último quartel, em que o planejamento configura-se como um meio para a correção de situações que demonstram o crescimento desordenado desde o período comercial-tropeiro. (Meira, 2005, p. 64.)

Ao analisar o estudo de Sandro Ivo Meira no que diz respeito ao crescimento da cidade de Sorocaba e sua estrutura organizacional urbana, nota-se o grande investimento em diversos setores da economia, incluindo o setor imobiliário. Porém todas as leituras apontam para um crescimento pautado pelos

³¹ SEADE: Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados. <https://municipios.seade.gov.br/>

interesses do capital e que tende a não considerar os aspectos humanos e sociais de qualidade de vida da população.

Os interesses pelo capital após a chegada dos colonizadores, sempre estiveram em pauta na cidade que inicialmente era ocupada por povos indígenas e levava o nome de Terra Rasgada, em Tupi Guarani. As atividades principais giravam em torno da agricultura de subsistência, criação de gado e produção de açúcar.

Com o ciclo do tropeirismo, que tem início em meados do século XVIII, a cidade inicia sua ascensão econômica através das atividades mercantis de compra e venda de muare e da taxaço de impostos sobre as vendas (Gonçalves, et all, 2007, p.193), a cidade que era ponto estratégico de parada para os tropeiros também vê seu comércio local ser impulsionado dada a necessidade da prestação de serviços a esses viajantes.

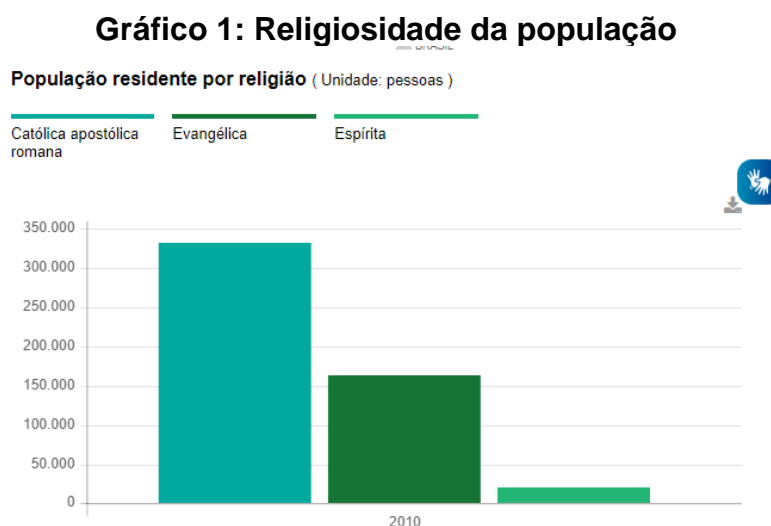
É possível perceber, já desde o século XVI, época marcada historicamente pela chegada do bandeirante Baltazar Fernandes na cidade em busca de metais preciosos, que Sorocaba teria uma expansão econômica, mas é somente com a chegada da industrialização que a cidade recebe o título de *Manchester* Paulista (Pinto Júnior, 2003), que vem juntamente com as indústrias têxtil e metalúrgicas.

De acordo com Aluísio de Almeida (1969), que traça estudos históricos da cidade, a presença do bandeirante Baltazar Fernandes é retratada como a de um agente civilizador, um indivíduo comprometido com a disseminação da cultura europeia. É importante dizer que a religiosidade e seus ensinamentos e preceitos já faziam parte da perspectiva civilizatória da época, que se uniu ao processo de civilização europeu. (Pinto Júnior, 2003).

Até a chegada da República, Sorocaba, assim como muitas outras regiões do Brasil, encontrava-se sob a influência do conservadorismo monárquico, estreitamente entrelaçado com o catolicismo e a preservação das tradições imperiais. A Igreja Católica desfrutava de uma posição de poder e influência marcantes na sociedade do país, desempenhando um papel de grande relevância no campo da educação, cultura e na definição da moral pública

Silva (2010) estudou a elite sorocabana e a influência da maçonaria no processo de liderança política dessa elite. As lojas maçônicas exerciam considerável influência política e lideravam várias organizações, incluindo o Gabinete de Leitura, o Partido Liberal, a Câmara Municipal, hospitais e escolas. Além disso, elas tinham presença significativa na mídia, controlando jornais importantes da época.

Para compreender um pouco melhor as características da cidade atualmente, vale ressaltar que o governo tem se alternado há décadas entre partidos conservadores de direita e centro-direita, influenciados por essa elite que dominou por anos o cenário político. O conservadorismo acentua-se quando a questão é a religiosidade: Sorocaba é majoritariamente cristã, com uma ampla massa de católicos e evangélicos, como mostra o gráfico abaixo extraído do IBGE:



Fonte: IBGE³²

Muitos dos vereadores que compõem a Câmara Municipal de Sorocaba são ligados a doutrinas religiosas, chegando essa situação a ser notícia em um dos principais jornais de veiculação municipal, que trouxe a seguinte manchete com relação às eleições de 2012: “Sete vereadores eleitos são ligados a doutrinas religiosas” (Jornal Cruzeiro do Sul, 2012).

³² Fonte: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama>. Último acesso 23.02.2023

Existe uma parcela da população que aparentemente sente necessidade de mudança, já que nas eleições de 2016 o candidato Raul Marcelo (PSOL) chegou ao segundo turno e teve 41,52% dos votos válidos, porém o cenário em 2020 voltou a ser disputado por partidos conservadores, se consolidando como prefeito o representante Rodrigo Manga vinculado ao partido Republicanos, que já fazia parte do cenário político e por ser ligado à instituição religiosa, conhecido popularmente como Missionário Manga.

Guilherme Gomes Ferreira, Doutor em Serviço Social pelo Instituto Universitário de Lisboa, e professor da UFRS, afirma que no contexto histórico do Brasil, observamos o conservadorismo moral e político emergir como algo novo e transformador, impulsionado pelo anseio por democracia e discursos de apelo à nação, o pensamento conservador se dissemina por várias esferas da agenda política brasileira, (Ferreira 2016).

Mas como ficou demonstrado nas eleições de 2016, não é todo cidadão sorocabano que está satisfeito com esse cenário, de acordo com o sociólogo e professor Marco Aurélio de Oliveira (2018):

[...] se de um lado Sorocaba é uma cidade de *ethos* conservador hegemônico, também é uma cidade que abriga cada vez mais movimentos de contestação. A vinda da UFSCar para Sorocaba, em 2006, contribuiu para a expansão dos coletivos culturais pela cidade, bem como para a vinda de estudantes e trabalhadores de outros locais do estado e do país. (Oliveira, 2018. p.58)

O movimento de contestação mencionado anteriormente se manifesta das mais diversas formas. Uma breve pesquisa na internet possibilita encontrar inúmeros coletivos que tratam de pautas contra hegemônicas na cidade, como o coletivo Mandala, por exemplo, um movimento social e político para o grupo de pessoas LGBTQIA+, que alia também pautas feministas e interseccionais gerais. Nesse mesmo segmento tem o Traga Drag, que se intitula como grupo informal ou coletivo e trata-se de um projeto produzido e articulado por *drag queens* e para *drag queens*.

A participação dos poucos representantes de esquerda eleitos pela população na Câmara Municipal, associações, sindicatos e eventos são também forças de manifestação; a Ufscar é importante aliada nesse processo, com a criação de vários projetos que possibilitam abertura para esses temas.

Um exemplo emblemático das tensões no campo político e social da cidade está nas divergências relativas ao *totem* instalado em uma das principais vias de acesso à cidade, com os seguintes dizeres: “Sorocaba é do Senhor Jesus Cristo”. Esse totem já foi alvo de inúmeras pichações, assim como o nome da praça no qual está instalado, “Praça do Cristão”. Fica evidente que em uma cidade conservadora e de maioria cristã, o princípio da laicidade do Estado está sendo ameaçada.

Figura 8: Totem da entrada da cidade



Fonte: Jornal eletrônico G1³³

A Feira do Beco do Inferno se enquadra como um exemplo de tensão relacionada aos aspectos conservadores e cristãos da cidade. De acordo com Maria Lúcia Barroco (2009, p.172):

[...] o conservadorismo fundamenta-se na valorização do passado, da tradição, da autoridade baseada na hierarquia e na ordem [...]. Para Burke, a história é a experiência trazida do passado e legitimada no presente pelas tradições [...]. Segundo Nisbet, uma das marcas do pensamento conservador é sua oposição ao racionalismo e sua valorização da experiência e do preconceito.

É possível estabelecer uma conexão entre os entraves encontrados para a realização do evento e as características da cidade e de seus cidadãos. Está

³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/07/totem-religioso-de-sorocaba-sp-e-encontrado-pichado.html> Último acesso 15.02.2023

evidenciado que um evento que tem um escuta sensível para as ditas minorias sociais, que são de fato maioria, e serve como palco para ações políticas e sociais gera incômodo, sobretudo carregando no nome a palavra Inferno.

2.3 Políticas públicas e avanços para a feira

No estudo sobre o conceito e significados de “políticas públicas” fica evidenciado que políticas públicas tratam das ações que os governos tomam ou deixam de tomar e que irão influenciar e nortear a vida das pessoas.

Não existe apenas uma definição para a interpretação do conceito de políticas públicas. Ao longo das décadas o conceito foi sendo ressignificado. A definição instituída por Thomas Dye (1984) é sempre citada como aceitável quanto ao que seria uma política pública, “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. (Agum, Riscado e Menezes, 2015, p. 15)

Mesmo com essa afirmação é importante ressaltar que existem outros olhares para os significados de políticas públicas e do como podem ser desenvolvidas, Marília Sposito e Paulo Carrano trazem um importante contribuição para esse olhar:

Em sua acepção mais genérica, a idéia de políticas públicas está associada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos), envolve uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. Ela não se reduz à implantação de serviços, pois engloba projetos de natureza ético-política e compreende níveis diversos de relações entre o Estado e a sociedade civil na sua constituição. Situa-se também no campo de conflitos entre atores que disputam orientações na esfera pública e os recursos destinados à sua implantação. É preciso não confundir políticas públicas com políticas governamentais. Órgãos legislativos e judiciários também são responsáveis por desenhar políticas públicas. De toda a forma, um traço definidor característico é a presença do aparelho público-estatal na definição de políticas, no acompanhamento e na avaliação, assegurando seu caráter público, mesmo que em sua realização ocorram algumas parcerias. (Sposito & Carrano, 2003, p.17)

Um das estratégias de política pública que deve compor o planejamento municipal é o Plano Municipal de Cultura – PMC (Sorocaba, 2016), que precisa dialogar com diversas áreas, valorizando a diversidade e os interesses existentes no território municipal, com foco na pluralidade, multiplicidade, heterogeneidade, variedade e intersecção de diferenças, expressando os

sentidos e sentimentos que envolvem uma sociedade e identificando suas demandas e os caminhos a serem seguidos a fim de supri-las.³⁴

No ano de 2013, Sorocaba dá início a um trabalho processual realizado na construção do projeto de política cultural para a cidade instaurado pela Secretaria de Cultura – SECULT, durante a 4ª Conferência Municipal de Cultura, que debateu “Cultura e Desenvolvimento” o que resultou na instituição de um Plano Municipal de Cultura (Sorocaba, 2016), que está em vigência até o ano de 2026.

O trabalho processual para a construção do projeto de política cultural para Sorocaba, teve como princípio fundamental a ideia de que a comunidade é quem faz cultura. Esse processo foi marcado pela abertura ao diálogo e pela participação da sociedade civil, visando criar uma política cultural sensível às necessidades e expectativas do setor. Foram adotados diversos mecanismos de participação, como reuniões do Conselho Municipal de Política Cultural, organização de Câmaras Setoriais, Rodas de Conversas, entre outros. O compromisso firmado foi pela construção de uma política cultural transversal, multidisciplinar e permanente, baseada no respeito à diversidade e no reconhecimento das diferentes realidades sociais, culturais, econômicas e ambientais. O resultado desse processo foi um Plano Municipal de Cultura; com a criação de espaços políticos de participação crítica e reflexiva, onde a sociedade civil foi protagonista.

Isaura Botelho (2001) enfatiza que a atenção para uma dimensão mais antropológica e complexa de uma política pública de cultura não diminui a importância dos desafios e do que ocorre na dimensão sociológica, aquela de produção elaborada com intenção de produzir sentidos específicos e alcançar um público através de formas de expressões. Nessa dimensão, o quadro institucionalizado para a produção artística torna as tarefas mais viáveis com os recursos da própria área da cultura.

O que acontece com o passar do tempo, assim como em muitos municípios, é a alternância do poder público através de eleições municipais, fazendo com que todo corpo administrativo e quadro funcional que exerce

³⁴ PMC- Plano Municipal de Cultura da Cidade de Sorocaba. Disponível em: <https://cultura.sorocaba.sp.gov.br/planomunicipaldecultura/> acessado em 19/08/21

atividades nas mais diversas áreas seja substituído por outros de conveniência do governo empossado, de tal forma que todo trabalho realizado corre o risco de não ser continuado pelo sucessor.

Em Sorocaba não foi diferente. Após o Plano Municipal de Cultura ser aprovado e começar a ser colocado em prática, ocorreram novas eleições municipais e o governo que assumiu a gestão escolheu outros secretários, já que esses são cargos de confiança e comissionados, a Secretaria de Cultura passou por essa situação assim como outras secretarias.

O grande problema para a parte cultural da cidade de Sorocaba entre a gestão de 2017-2020 não está apenas no fato da troca inicial de profissional da pasta, mas também nas sucessivas alternâncias e escândalos que abalaram o governo de forma geral. O secretário de cultura precisou ser substituído em virtude de investigação em crimes relacionados a licitações públicas, assim como o próprio prefeito foi afastado posteriormente. Em um mesmo período de gestão passaram ao menos 5 secretários pela pasta da Cultura de Sorocaba, o que fez com que o trabalho não tivesse continuidade.

Já a gestão seguinte, iniciada em 2020 e atualmente no comando do município, tendo como prefeito o Missionário Rodrigo Manga, convidou à pasta da cultura o sr. Luiz Antônio Zamuner, um cirurgião dentista de formação e músico amador, que se diz amante de artes em geral. Ele tem experiência como diretor e presidente da Fundação de Desenvolvimento Cultural de Sorocaba (Fundec³⁵), que é uma entidade civil de direito privado e sem fins lucrativos nascida em 1992 com a proposta de administrar a Orquestra Sinfônica de Sorocaba.

³⁵ Fundec: A Fundec firmou contrato com a prefeitura 6 anos após seu surgimento com intuito de formar músicos, e tem como instituidores a Fundação Ubaldino do Amaral (entidade sem fins lucrativos, voltada para o desenvolvimento da filantropia que administra o Jornal Cruzeiro do Sul, de veiculação local) a Fundação Cultural Cruzeiro do Sul (mantenedora da rádio Cruzeiro do Sul) a Associação de Eventos Culturais-Assec (organização da sociedade civil com atuação cultural, sem finalidade lucrativa, com autonomia administrativa e financeira) e a Metalac S/A Indústria e Comércio. (indústria automotiva). Atualmente, além de gerenciar a Orquestra Sinfônica de Sorocaba e o Instituto Municipal de Música de Sorocaba (IMMS), a instituição também administra diversos outros projetos. Entre eles estão a Banda Sinfônica da FUNDEC, a Orquestra Experimental da FUNDEC, a Orquestra Orff, a Big Band FUNDEC, "The Little Big Band" formada por alunos do Instituto, a Orquestra de Câmara da FUNDEC, o Coral Adulto e Infantil da FUNDEC, o Grupo de Choro da FUNDEC, o Madrigal FUNDEC, o Grupo de Percussão, o Quarteto de Cordas, o Quinteto de Metais, e os Duos (piano e flauta, flauta e violão, e piano e trompete), além do Núcleo de Artes Cênicas.

Fonte: <https://fundecsorocaba.com.br/a-fundec/> Acesso em 10.06.2024

Em entrevista concedida ao Jornal Cruzeiro do sul quando assumiu seu mandato, o atual secretário afirmou se propor a encontrar maneiras criativas de fazer fruir as atividades culturais na cidade, mas deixou claro que não seguiria o plano municipal de cultura por acreditar que ele não fosse realista, tachando-o, inclusive, de “peça de ficção”. Na mesma ocasião, também falou em dar prioridade para as culturas populares, porém disse pensar em trabalhar a fim de fomentar a cultura erudita³⁶.

Nessa reportagem o atual secretário deixou claro que não tem nada de muito novo para garantir uma política pública de cultura que pense em transformação, qualidade de vida para a população e que proponha uma “diretriz global de governo” (Botelho, 2001, p.76), e ainda enfatizou que não utilizaria o Plano Municipal de Cultura mesmo estando em vigência, e sendo um documento com as diretrizes e planejamento a longo prazo, produzido em conjunto com a classe artística.

Ao abandonar o plano existente e deixar claro para a população que irá desprezar esse documento institucional, elaborado juntamente com a comunidade artística, o secretário de certa maneira informa aos agentes culturais, artistas e aos coletivos da sociedade civil de Sorocaba que trabalham no campo da cultura que ele irá trabalhar de forma a fazer uma política da “improvisação”. Quando isso está posto, a pasta da Cultura passa a atuar naquilo que há de mais perverso e cruel do autoritarismo e conservadorismo da ação política do poder local.

Quando de sua candidatura, o atual prefeito colocou como projeto de governo para o setor da cultura dentre outros itens, a proposta de revisar, readequar e garantir a aplicação do Plano Municipal de Cultura. Além disso, em outro ponto propõe garantir o reconhecimento e valorização dos artistas locais. Conforme se depreende do apelo do professor e crítico teatral, José Simões, que também já esteve à frente das pastas públicas da cultura e da educação de Sorocaba, não é o que se percebe:

Um apelo

³⁶ A reportagem completa está disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/cultura/secretario-fala-dos-novos-desafios-da-cultura-em-sorocaba/> Último acesso: 27/02/2024

Prefeito Manga, não ignore a Cultura e as Artes do município de Sorocaba. Não reduza a complexidade do fazer e da vida cultural e das artes da cidade às questões da Economia Criativa ou a palavra mágica “iniciativa privada”. Sempre que puder valorize, escute e assista o que produzem os artistas populares e não populares (prefeito, mesmo sem apoio da prefeitura muitos artistas têm produzido importantes trabalhos). Utilize as artes como exemplaridade de cidadania e do fazer coletivo no governo sorocabano. Democratize o acesso as artes e a cultura (mesmo não sendo fácil). Sempre que puder valorize os trabalhadores da Cultura. Nossa cidade tem artistas e agentes culturais potentes. Trabalhadores que arregaçam as mangas, brigam, discutem e fazem (basta ver a quantidade de artistas que foram premiados pelo PROAC e outros editais estaduais e nacionais). Enfim, os dias não estão sendo nada fáceis para os artistas e trabalhadores da Cultura e das Artes sorocabanos. Escute-os, discuta outros pontos de vista e, principalmente, não torne invisível as questões relacionadas à Cultura e as Artes no seu governo. Mais do que nunca precisamos do apoio do poder público para reconstruir os espaços de fruição artística e estética nas cidades. (José Simões, 2021)³⁷

Esse apelo vem da coluna publicada no jornal “Ipanema online” do município de Sorocaba, que relata a fragilidade do que foi prometido e não está sendo cumprido, além de questionar as formas e atitudes do governo com relação a efetiva defesa da cultura, das artes e dos trabalhadores da cultura da cidade.

Ao considerarmos novamente essa exortação, é possível perceber um apelo específico em determinado momento, que ressalta a importância de não simplificar a complexidade das atividades culturais e artísticas urbanas apenas às noções da Economia Criativa ou à simples menção da “iniciativa privada”.

Livia Tommasi, estudiosa do campo da juventude, relacionou as atividades artísticas e culturais ao trabalho juvenil estabelecendo um diálogo com as políticas neoliberais e o fomento da ideia de empreendedorismo. A pesquisadora afirma que nos últimos anos, em especial nas camadas mais populares da sociedade, é perceptível o aumento do número de jovens que se declaram como “empreendedores culturais”. Além dessa terminologia, esse grupo de trabalhadores também se identificam como “empreendedores da cultura”, “produtores culturais”, trabalhadores da cultura”, uma representação

³⁷ A reportagem disponível em: <https://jornalipanema.com.br/?url=noticia/por-que-o-plano-de-governo-do-prefeito-manga-para-a-cultura-no-saiu-do-papel-veja-a-coluna-de-jose-simes> Último acesso: 28.03.2024

paradigmática “para compreender as transformações ocorridas, nos últimos decênios, no mundo do trabalho” (Tommasi e Silva, 2020, p. 199)

Em grande medida, para a juventude de modo geral, este panorama se dá a partir da reivindicação juvenil sobre o direito a um trabalho gratificante do qual gostem, somado ao desejo de que suas práticas culturais diversas (dança, grafite, capoeira, música, teatro, poesia etc.) tragam retorno financeiro e à vontade de trabalhar sem patrão. Em síntese, “Trabalhar com o que se gosta e se sabe fazer parecia, para muitos daqueles jovens, ser sinônimo de trabalhar com ‘arte e cultura’ e como trabalhador autônomo” (Tommasi, 2016, p. 101).

Além de tais fatores a autora argumenta ainda que essa situação se agrava para a juventude periférica, devido a fatores como a falta de emprego, ou baixa qualidade dos empregos conseguidos por esses jovens ainda cita a questão de não haver exigência de uma formação universitária específica para área (Tommasi, 2016). Houve a partir dos anos 1990 ações de iniciativas governamentais ou da sociedade civil organizada oferecendo cursos de artes ou no campo da cultura como alternativas de profissionalização, ocupando o tempo ocioso dos jovens e, assim, tirando-os da proximidade com o tráfico e a violência. Formulações como “cultura como antídoto” explicitavam já à época a “função civilizadora da cultura” (Tommasi, 2018, p. 178).

De modo semelhante às considerações de Tommasi (2016), outras investigações apresentam achados de indiferenciação entre tempo livre, tempo de geração de renda e “trabalho no qual a sociabilidade se mistura ao lazer, o ativismo à diversão, lugar de moradia a espaços laborais em busca de autorrealização” (Corrochano e Tarábola, 2023, p. 8).

Gleicy Mailly da Silva em sua tese, destaca as diferentes lógicas econômicas que são marcadas pelas relações de reciprocidade e de mercado que acabam se confundindo, demonstrando que por vezes as complexas dinâmicas de trocas são mais importantes do que de fato o desenvolvimento financeiro individual, e que os laços de solidariedade são tão importantes quanto as lutas por ascensão social, demonstrando que as relações envolvidas no empreendedorismo vão além das denominações comuns. (Silva, 2017, p.209)

Livia Tommasi lembra que, porém, não se pode isolar esse olhar da questão de insegurança, informalidade, pouca remuneração e muito trabalho, como afirma:

Os indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem projetos, a se tornar, cada um, empresário de si mesmo. No âmbito da racionalidade neoliberal, a autonomia do self é, ao mesmo tempo, objetivo e instrumento das estratégias de governo. (Tommasi, 2016, p.59)

Assim, refletindo sobre os estudos mencionados anteriormente, e sabendo que o Prefeito Rodrigo Manga é um forte adepto das parcerias com empresas privadas, um tipo de política pública característico do neoliberalismo, devemos observar com especial atenção as medidas e ações tomadas no campo da cultura em Sorocaba. Botelho (2001) enfatiza que o financiamento e a parceria com os setores privados fazem parte das políticas públicas, mas que devem ser feitos com responsabilidade e dentro de um planejamento estratégico no qual o Estado deve ser fomentador e reconhecer os problemas da área cultural em todas as etapas, como produção, difusão e consumo, e saber colaborar com outros órgãos governamentais para resolver esses problemas. Ela ainda completa:

Claro que os poderes públicos sozinhos não dão conta da tarefa. No entanto, é através da formulação de uma política cultural que se poderá hierarquizar as prioridades e pensar numa política de diversificação de fontes de financiamento, quadro dentro do qual uma lei de benefício fiscal é apenas um dos aspectos possíveis. Isto implica também estratégias de comprometimento de outras instâncias do poder público, nas quais a negociação política é fundamental. Trata-se aqui do estabelecimento de mecanismos que forcem a participação de Estados e municípios – além da conquista da iniciativa privada. No caso desta última, vale insistir que mesmo esta fonte depende, em última instância, de uma vontade política do poder público, que abre mão de parte de impostos que lhe são devidos e transfere, para a sociedade civil, o direito de escolher os projetos ou instituições para investir estes recursos. (Botelho, 2001 p.78).

Nessa perspectiva, pensar em políticas públicas de cultura vai além de transmitir o problema de fomento para empresas privadas. Conhecer as atividades culturais do município, as necessidades de seus produtores e planejar ações que viabilizem projetos culturais demanda muito mais do que somente transmitir a responsabilidade.

A luta travada entre os artistas organizadores da Feira do Beco do Inferno e o poder público municipal parece ter tido alguns avanços nos últimos tempos, depois de várias tentativas e de muita pressão popular. Juntamente com o auxílio de alguns vereadores que se interessaram por esse evento e por todo um projeto de cultura elaborado pelos organizadores da Feira, foi aprovada uma emenda de aproximadamente 120 mil reais para auxílio na execução da Feira e de outras atividades culturais paralelas.

Esse auxílio é visto como essencial pelos produtores do evento para que a Feira possa ocorrer de forma organizada, confortável e segura para todos os envolvidos no processo e para o público participante.

Outro avanço importante está na estruturação de uma associação criada para que a feira possa continuar existindo, já que entre as exigências atuais para realização de evento em espaço público em Sorocaba está o fato da necessidade de um registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ. A associação foi criada e registrada com o nome de Associação Cultural de Fomento à Arte e Memória de Sorocaba e Região e tem como membros diretores o seguintes componentes:

Diretora Presidente - Flávia Antunes Aguilera – Artista visual e produtora cultural

Diretora Vice Presidente – Hercília de Oliveira - Artesã

Diretora Administrativa – Ana Claudia Fernandes de Castro Scuderi – Fotografa e Advogada

Diretora Financeira – Verônica Heidemann – Professora e Artista Visual

Coselheira Fiscal – Tania Aparecida Rosa – Advogada

Conselheira Fiscal – Silvia de Souza Penteado – Musicista

Conselheira Fiscal – Alessandra da Silva Rodrigues – Terapeuta e Curadora de Arte

Suplente do Conselho Fiscal – Felipe Rocha Shikamutra - Jornalista

Percebe-se que a maioria dos componentes da diretoria dessa associação estão ligados à arte e suas manifestações. Essa associação é considerada por eles como um grande avanço para que a Feira do Beco do Inferno possa continuar existindo e para que outras iniciativas também possam ser pensadas idealizadas e produzidas. Não ficou claro em nenhum momento se

há existência de conflitos entre os organizadores do evento, nem em conversas despreziosas e nem no momento das entrevistas feitas com a Flávia. Nesse sentido, para compreender se existem questões de conflitos internos entre os organizadores, acredito que o uso dos grupos de discussões pudessem ter sido úteis, e até mesmo poderíamos entrar em outros debates e diálogos sobre as dificuldades internas de movimentação do grupo.

3. AS ARTES E OS JOVENS

Reinvenção

*A vida só é possível
reinventada.*

*Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...*

*Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.*

*Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*

*Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.*

*Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.*

*Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.*

Não te encontro, não te alcanço...

*Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.*

*Só — na treva,
fico: recebida e dada.*

*Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*

Cecília Meireles³⁸

3.1 Arte, cultura e cidadania

A tarefa de identificar obras, artesanatos, atividades culturais, músicas, peças teatrais, espetáculos de dança, desenhos, gravuras, objetos manufaturados entre outras, como arte é de difícil percepção para muitas pessoas.

³⁸ Cecília Meireles: Cecília Benevides de Carvalho Meireles, poeta, escritora e educadora, nascida no Rio de Janeiro em 1901, considerada uma das melhores poetisas brasileiras, publicou o poema Reinvenção, no livro Vaga Música em 1942. Fonte: <https://www.culturagenial.com/poemas-cecilia-meireles/>.

A discussão conceitual e histórica de arte pode ser extremamente longa, produtiva, porém também pode levar o debate à exaustão, afinal quem pode dizer o que é arte ou não? Como é possível compreender como arte músicas como: “*Run For Your Life*” dos Beatles³⁹, ou várias das canções machistas e misóginas de Chico Buarque⁴⁰ e Dorival Caymmi⁴¹? E os quadros coloridos de Romero Britto⁴² ou a escultura invisível do Italiano Salvatore Garau⁴³? Ao mesmo tempo como puderam ignorar a genialidade de Vincent Van Gogh⁴⁴ por tanto tempo?

É elementar situar o leitor sobre a significância da arte e sua função social, de manifestação e de transformação já que no campo de estudos ao qual estamos inseridos, uma feira artística e cultural, a arte é peça fundamental. Para além, indispensável lembrar que durante a pandemia de coronavírus enfrentada desde o início de 2020 no Brasil, as diversas formas de arte e o mercado de produtos artísticos foram fundamentais no quesito de manter a sanidade mental, encontrar meios de lazer, diversão e fuga dentro do isolamento social necessário.

Enquanto Sócrates acreditava que a arte é uma reprodução ou simulação da realidade da vida, se tomarmos por base a palavra/conceito arte, para o filósofo Hegel (2015) é possível perceber o quanto o seu sentido é profundo ao entender que a filosofia da arte está atrelada à investigação do belo

³⁹ *Run For Your Life* – Título de uma música da banda Inglesa The Beatles, composta em 1965 para o álbum *Rubber Soul*. Música de letra machista e misógina, da qual o próprio John Lennon (integrante vocalista da banda) chegou a dizer várias vezes que não gostava e que poderia ser uma música descartada.

⁴⁰ Chico Buarque - Francisco Buarque de Hollanda é cantor, compositor, dramaturgo e escritor, nascido em 1944 no Rio de Janeiro, um dos maiores nomes da música popular brasileira com mais de 40 álbuns produzidos. Algumas de suas canções são hoje consideradas machistas. Chico em um documentário produzido pela plataforma *Gobloplay* afirmou não mais cantar tais músicas.

⁴¹ Dorival Caymmi – Cantor, compositor, poeta e ator brasileiro nascido em 1914 na Bahia e falecido em 2008. Suas músicas traziam as tradições da Bahia. Algumas de suas composições também são hoje consideradas como apologia à violência contra mulher, machistas, misóginas.

⁴² Romero Britto - Romero Francisco da Silva Brito, pintor e escultor brasileiro radicado nos Estados Unidos. Considerado por muitos um grande e prestigiado artista e indagado com relação a qualidade artística de suas produções e os aspectos mercantis, comerciais de suas obras.

⁴³ Salvatore Garau – Nascido em 1953 na Itália é um pintor e escultor considerado como revolucionário da arte contemporânea da Europa. Vendeu em 2021 uma obra considerada por ele como “imaterial” e “invisível”, por U\$\$ 18.300,00 no Art-Rite, casa de leilões em Milão na Itália.

⁴⁴ Vincent Van Gogh - Vincent Willem van Gogh, nascido em 1853 na Holanda, foi um pintor pós-impressionista do final do século XIX, conhecido por ter temperamento difícil e transtornos psiquiátricos, teve suas obras reconhecidas após sua morte.

artístico que seria objeto de uma ciência, diferente do belo natural, exigindo uma compreensão da ideia. A questão de compreensão e definição de arte não é algo concreto que se estabelece através de conceitos e lógicas e mesmo com a falta de uma definição clara, Coli (1987) aponta que nossas vivências e cultura nos possibilitam identificar algumas produções artísticas sem contestá-las.

Desde os tempos mais remotos a arte esteve presente na humanidade, deixando claro que ela é essencial para vida do homem, para suas maneiras de se expressar, segundo Fischer (1987, p. 20) “A arte é quase tão antiga quanto o homem.”, e isso fica comprovado a cada descoberta histórica sobre a humanidade, que sempre utilizou de arte em suas manifestações simbólicas, seja através de desenhos, danças, pinturas ou pela criação de objetos.

O mesmo autor ainda afirma que a arte é uma produção de necessidade coletiva e não individual, sendo utilizada como forma de diálogo com o meio em que se vive fazendo sentido apenas quando sua representação é social (Fischer, 1987), modificando-se a cada período histórico, e moldando também a formas de compreensão do homem sobre o mundo.

Nesse sentido, a arte não é apenas um entretenimento apreciativo ela desempenha uma função social se apresentando em forma de manifestação social, podendo ser criada dada as circunstâncias do momento vivenciado, se aproveitando da liberdade para expressar hábitos, crenças, valores, pensamentos e desejos de transformação.

Fischer (1987, p. 231) afirma que uma das funções da arte está em “[...] mostrar que existem decisões livres, que o homem é capaz de criar situações de que precisa, as situações para as quais se inclina a sua vontade.” Enquanto Coli sustenta que “os objetos artísticos encontram-se intimamente ligados aos contextos culturais” (Coli, 1987 p. 118) e que “qualquer objeto aceito como arte, torna-se artístico” (idem, p.68).

Para entender melhor como se dá essa aceitação da arte vale retomar as noções de capital de Pierre Bourdieu e sua compreensão sobre a hierarquização das classes sociais. As noções de "capital cultural" e "capital simbólico" são centrais para Bourdieu no que se refere a uma estrutura social e cultural na qual os agentes e instituições que operam no mundo da arte interagem e competem pelo reconhecimento, prestígio e poder, “o volume e a estrutura do capital

definido, por sua vez, na sincronia e na diacronia, constituem o princípio da divisão das práticas e das preferências culturais” (Bourdieu, 1979, p. 301).

Para Bourdieu, justamente quem está em posição dominante em um campo é quem controla os efeitos de legitimidade que operam dentro dele; ou seja: são alguns artistas consagrados (e instituições consideradas legítimas) que possuem as condições de fazer tal classificação. Isso fica explícito no texto de Monique de Saint Martin, socióloga, diretora de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e membro do Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Enjeux Sociaux (IRIS):

[o] campo do poder é um campo de forças definido, em sua estrutura, pelo estado da relação de força entre formas de poder ou de espécies diferentes de capital. Ele também é, inseparavelmente, um campo de lutas pelo poder entre detentores de poderes diferentes, um espaço de jogo em que agentes e instituições – tendo em comum o fato de possuir uma quantidade específica de capital (econômica ou cultural, notadamente) suficiente para ocupar posições dominantes no âmago de seus respectivos campos – se enfrentam com estratégias destinadas a conservar ou transformar essa relação de força” (Bourdieu, 1989, p. 375 apud Martin 2022, p.226).

No estudo realizado por Maria Benedita Portugal e Mello (1999) intitulado "O campo artístico e a formação dos gostos culturais nas sociedades modernas", são explorados os conceitos de Bourdieu para explicar que os gostos culturais são reflexos das dinâmicas de poder e que a maneira como os indivíduos se relacionam com as obras culturais está intrinsecamente ligada às suas posições sociais. Retomando discussões seminais do sociólogo francês presentes em textos como “Gostos de classe e estilos de vida” (Bourdieu, 1983), Mello destaca que a homologia que se estabelece entre o campo de produção artística e o campo da recepção cultural é especialmente relevante, pois oferece estratégias de distinção entre diferentes classes e grupos sociais, influenciando, assim, os gostos culturais. Além disso, ela complementa:

Nessa ordem de ideias, a cultura e o consumo traduzem-se em instrumentos que veiculam a linguagem da autoridade legítima (Bourdieu, 1990:96), já que são os oriundos das classes favorecidas que detêm um capital e uma competência cultural que lhes permite imporem os seus arbitrários culturais. (Mello, 1999, p.182).

Portanto, é importante dizer ao leitor que nessa pesquisa entendemos que a arte é produzida e manifestada por artistas dentro de um contexto histórico e cultural. A arte permite ao apreciador através da sua vivência em um mesmo tempo e espaço e com sua bagagem cultural, compreender os sentidos que o criador da obra tentou introduzir através de suas inspirações. Além disso, compactuamos com o princípio de que as criações podem ter intenção e potencial de transformação exercendo assim uma função social.

É relevante ainda uma breve compreensão do termo cultura enquanto conceito e como ele será tomado neste trabalho, de modo a não restringí-lo demasiadamente, nem, contudo ampliá-lo a ponto de não ser possível estabelecer relações, como com questões de cidadania. Aqui, é fundamental poder relacionar a noção de cultura aos direitos e deveres dos indivíduos e sua participação em sociedade visando sua construção e manutenção democrática, inclusiva e participativa, que para Machado Pais marca linhas de pertencimento e de exclusão:

Tradicionalmente, o conceito de cidadania estabelece fronteiras e margens entre sociedades e grupos. Uns são enquadrados (os “incluídos”), outros desenquadrados (os excluídos, os marginais). Mas as margens são definidas a partir do centro, isto é, de valores que são próprios de “nós” (os enquadrados) por contraposição a “eles” (os excluídos). (Pais. 2005, p.57)

Deste modo, tomando por base essa questão de inclusão ou de exclusão anunciada por Pais, é comum ouvirmos dizer que certa pessoa não tem cultura, ou que certo grupo de pessoas são sem educação e sem cultura, mas seria possível alguém “desaculturado”? Existem pessoas que não tenham cultura? Mas de qual cultura estamos falando?

Roberto da Matta (1986) argumenta que, no senso comum, a palavra cultura é frequentemente empregada para categorizar pessoas e grupos sociais, podendo até mesmo ser utilizada de maneira discriminatória. No entanto, fora desse contexto do senso comum, a cultura se torna um conceito fundamental para os estudiosos da antropologia social, desempenhando um papel central na interpretação da vida social. Para ele, a cultura vai além de ser apenas um indicador que estabelece uma hierarquia de "civilização".

Ela representa, de fato, a totalidade da maneira de viver de um grupo, sociedade, país ou indivíduo. Nas áreas da Antropologia Social e Sociologia, a cultura é conceituada como um mapa, um manual, um conjunto de códigos pelos quais os membros de um grupo específico interpretam, categorizam, exploram e influenciam tanto o mundo ao seu redor quanto sua própria identidade. É justamente porque compartilham partes substanciais desse conjunto de códigos culturais que indivíduos com interesses e capacidades distintos, e até mesmo opiniões divergentes, conseguem se unir e coexistir harmoniosamente como parte de uma mesma entidade coesa. (Da Matta, 1986).

No Dicionário Básico de Filosofia, a definição do conceito para cultura está como “tesouro coletivo de saberes possuído pela humanidade ou por certas civilizações: a cultura helênica, a cultura ocidental etc.” assim como também [...] “conjunto das representações e dos comportamentos adquiridos pelo homem enquanto ser social” (Japiassu e Marcondes, 1996 p. 61).

Além dessas definições o dicionário deixa claro que cultura é um conjunto de elementos e características que definem histórica e geograficamente uma população, seus costumes, hábitos, crenças, modos políticos e vida cotidiana, maneira de comunicação, comportamentos, regras de conduta compreensão de códigos e símbolos entre seus pares.

O antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia (2001) esclarece de modo bastante preciso a concepção do significado de Cultura, demonstrando que se trata de um processo intrincado, que surge da interação entre seres humanos. Deste modo, percebe-se pontos de consenso entre os pesquisadores sobre a definição de cultura, que são apresentados por Lima (2015):

a) culturas tratam-se dos sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades dos homens as suas condições biológicas, sendo que o modo de vida das comunidades inclui tecnologias e meios de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas etc.;

b) mudança cultural é basicamente um processo de adaptação que equivale à seleção natural, ou seja, o homem é um animal, assim, precisa manter uma relação adaptativa com o meio circundante para alcançar a sobrevivência. Apesar de o homem conseguir esta adaptação por meio da cultura, o processo é conduzido pelas mesmas regras de seleção natural que comandam sua adaptação biológica;

- c) a economia de subsistência, tecnologia e os elementos da organização social ligados à produção formam o domínio mais adaptativo da cultura. Neste domínio normalmente iniciam as mudanças adaptativas que depois se espalham. Existem, todavia, divergências sobre como opera este processo, as quais podem ser percebidas nas posições do materialismo cultural, criado por Marvin Harris, na dialética social dos marxistas, no evolucionismo cultural de Elman Service e entre os ecologistas culturais, como Steward;
- d) os pressupostos ideológicos dos sistemas culturais podem ter resultados adaptativos no controle da população, da subsistência, da manutenção do ecossistema etc. (Lima, 2015, p. 201)

Assim, quando se ouve falar que alguém não tem cultura, não está sendo levado em conta que todo ser humano é provido de cultura, daquela que vem de seu povo, da sua família, da sua região, cidade, bairro e até mesmo das instituições socializadoras das quais tenha feito parte ao longo da sua vida.

Vale ressaltar que a Constituição Brasileira de 1988 não traz uma definição específica do termo "cultura", no entanto, a cultura é mencionada em vários artigos da Constituição em relação a direitos culturais, patrimônio cultural, proteção cultural e promoção da cultura.

Na interface entre cultura e cidadania apresentam-se as pessoas e suas pluralidades de características e modos de vivência e ações que acabam tendo seus direitos de existir violados, cerceados cotidianamente, situação que em contexto de ascensão do neoliberalismo acirra ainda mais as tensões entre grupos hegemônicos e contra hegemônicos.

Marilena Chauí ao chegar no entendimento do ser humano como um ser natural que precisa ser moldado com os costumes de sua sociedade para que possa alcançar sua humanidade afirma que “[...] A cultura é uma segunda natureza, que a educação e os costumes acrescentam à primeira natureza, isto é, uma natureza adquirida, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza inata de cada um.” (Chauí, 2006 p.107)

Cultura e cidadania se interseccionam no momento das interações dos seres humanos de forma individual ou coletiva sendo imprescindível estabelecer uma vivência democrática e justa para todos as pessoas garantindo o direito às suas manifestações e expressões, englobando todos os adjacentes que possam estar contidos, como: religião, música, vestimenta, alimentação, artes, danças, etc.

É preciso destacar ainda que há um laço constitutivo entre cultura e política, para além da concepção de “política cultural” como ações do Estado ou de outras instituições com relação à cultura, tida como um terreno apartado e específico da política pública (geralmente reduzido à dimensão de produção e consumo de bens culturais). A cultura entendida como concepção de mundo, conjunto de significados que integram as ações, interações, visões de mundo e práticas sociais deve levar em conta as relações de poder. Mas, além disso, a própria concepção das configurações atuais das relações de poder pode e deve também ser analisada do ponto de vista de uma expressão cultural, “na medida em que expressam, produzem e comunicam significados” (Alvarez, Dagnino e Escobar, 2000, p. 17).

Vale ressaltar que nas relações de poder, é um dever do Estado garantir a todos o direito de suas manifestações culturais e o acesso à cultura. Na Constituição Federal o texto do artigo 215 diz que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Brasil, 1988). A pensar nessa garantia do Estado, entendemos como Alvarez, (2000) que as políticas culturais adotadas, implementadas e expandidas são parte de um processo que torna a cultura um fato político.

Como fato político a cultura e suas manifestações podem ser utilizadas como forma de minimizar as desigualdades nas relações sociais, e nesse sentido (Alvarez, 2000) afirma que nos movimentos populares todos põe em prática uma política cultural:

Em suas lutas contínuas contra os projetos dominantes de construção de nação, desenvolvimento e repressão, os atores populares mobilizam-se coletivamente com base em conjuntos muito diferentes de significados e objetivos. Dessa forma, as identidades e estratégias coletivas de todos os movimentos sociais estão inevitavelmente vinculadas à cultura. (Alvarez, Dagnino e Escobar, 2000, p. 23).

Na riqueza de dizeres de Marilena Chauí, mesmo fazendo referência à cidade de São Paulo especificamente, encontramos uma perspectiva que tranquilamente cabe no cenário de Sorocaba:

Numa cidade polarizada por carências profundas e privilégios cristalizados, propor uma política cultural supõe decisões mais amplas, definição clara de prioridades, planejamento rigoroso dos recursos, sobretudo em tempo de crise econômica, quando um órgão público precisa fazer mais com menos. Numa perspectiva democrática, as prioridades são claras: trata-se de garantir direitos existentes, criar novos direitos e desmontar privilégios. (Chauí, 2006 p. 65)

Portanto, nesta pesquisa, tomamos por entendimento de cultura e cidadania o direito de manifestação da população em especial neste caso, dos artistas, com a finalidade de demonstrar, defender, difundir e valorizar suas culturas à população em praça pública. São pessoas em busca de resistir e encontrar espaço para existir com suas singularidades, representando assim tantas outras pessoas que partilham de suas mesmas culturas, na esperança de encontrar apoio do Estado e no sentido de forçá-lo a cumprir seu dever.

3.2 Jovens e a juventude

Para este trabalho que se propõe a investigar a Feira do Beco do Inferno e os jovens artistas que a compõem, se faz importante compreender um pouco dessa fase da vida, a qual de forma geral, é percebida pelas pessoas como uma etapa aparentemente simples de se explicar.

No senso comum encontramos definições relacionadas à “pessoa não velha” ou como “a que já não é mais criança”. Também é possível perceber que, ao falar de juventude, os mais velhos esboçam reações positivas ou negativas e os mais novos demonstram que estão à sua espera. Fica clara a noção de uma fase transitória, com aspectos de desenvolvimento físico, psíquico, intelectual e de preparação para um futuro.

Embora pareça óbvia, a complexidade do termo não deve ser subestimada. Os conceitos formulados ao longo dos anos por diferentes estudiosos e pesquisadores que se dedicaram ao tema aparecem de maneiras diversas ao longo da história, conforme se nota na organização e sistematização da discussão proposta pelo sociólogo Luís Antonio Groppo (2015) que aborda as teorias críticas da juventude passando pelas variações de conceitos que ressignificaram as concepções tradicionais, abordando as teorias de moratória

social e seus limites, as questões geracionais propostas por Mannheim, o reconhecimento da diversidade de vivências possíveis da juventude, e por fim a valorização das subculturas juvenis.

Existem características do desenvolvimento biológico comuns em pessoas de determinadas faixas etárias que não podem ser negadas, porém suas formas de agir, pensar e se expressar assim como seus modos de viver e constituir-se como sujeitos não seguem padrões exclusivos relativos à idade, sendo necessário ampliar a compreensão sobre os múltiplos fatores que condicionam os aspectos de construção dessas características

O desenvolvimento dos conceitos de criança e de adulto, separados, foi um passo muito importante para o surgimento do conceito de juventude, fato que se alarga com a escolarização, quando os não adultos são retirados do universo do trabalho.

A ideia de juventude como uma categoria social distinta, com características e desafios próprios, não é fixa, mas sim uma construção histórica e cultural que muda de acordo com o contexto espaço-temporal. Ela está ligada a mudanças nas estruturas familiares, no sistema educacional e nas relações de trabalho ao longo da história.

Ressaltando que a juventude não nasceu dada e sim foi se constituindo historicamente com o tempo, retomamos a obra de Phillippe Ariès (1981), que explicita essa constituição, passando pela transformação da família, profissão e vida social, observando que, se na idade média a criança era percebida como um “adulto em miniatura”, na modernidade ela passa a ser objeto de atenção e cuidado da família e do Estado, enfatizando a escola como a instituição que separa a criança do adulto.

Entender que os processos dessa separação ocorreram de diferentes formas para os representantes da burguesia e das classes populares se faz significativo ao destacar que, os mais favorecidos economicamente, foram os primeiros a terem acesso à escolarização e ao distanciamento do trabalho.

O destaque também se dá nas diferenças relacionadas a gênero: os meninos eram privilegiados em detrimento das meninas que, por diversas razões, inclusive pelas obrigações sociais do casamento e com a constituição de uma família, entravam para o mundo dos adultos mais cedo.

Durante a fase da juventude, frequentemente vista como um período de transição em que os jovens se preparam para o futuro, fica evidenciado que as diferenças sociais influenciam a forma como esses indivíduos vivenciam essa etapa, com experiências distintas que variam significativamente de acordo com a classe econômica, entre outras perspectivas.

A vida diária trouxe à tona pesquisas que questionam os desejos e desafios enfrentados pela juventude. Uma das ideias mais fundamentais é a concepção da juventude como um processo de "vir a ser" (Dayrell, 2003, p. 40), no qual suas ações são orientadas em direção ao futuro.

Leccardi (2005) sugere que o futuro desempenha um papel crucial na formação do sujeito, que constrói sua identidade pessoal a partir de uma projeção de si mesmo no tempo futuro. Nessa perspectiva, não apenas o passado adquire significado, mas o futuro é concebido como um projeto de vida, ainda que de modo abreviado na contemporaneidade.

Ao pensar a juventude apenas como um processo de construção para o futuro, reduzimos a sua participação na sociedade e deixamos de valorizar a complexidade de fenômenos que caracterizam suas ações no presente e as trocas que esses protagonizam com o meio em que estão inseridos. Os jovens já são, existem e movimentam o espaço e tempo histórico em que vivem.

A noção homogeneizada de juventude, com padrões estabelecidos e modelos específicos, foi sendo projetada ao longo da história e em cada época, o que nos leva a uma tendência perigosa de reduzir a juventude a mero período de transição, ou a fase de experimentação sem maiores responsabilidades (Reguillo, 2003).

Helena Abramo (1994, p.1), afirma que a juventude pode ser compreendida como socialmente variável: "A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas".

A juventude vista frequentemente de forma romântica, uma percepção que, segundo Dayrell (2003), começou a se consolidar a partir dos anos 1960, década em que os estudantes eram o foco dos estudos sobre juventude, coincidindo com os movimentos estudantis e as diversas formas de protesto

político na América do Sul durante os regimes militares (Sposito, Almeida e Corrochano, 2020).

Esse período, marcado por significativas mudanças como o aumento da oferta educacional, a expansão dos meios de comunicação e o crescimento da população urbana, acabou sendo associado a uma ideia de modernidade e novos hábitos (Abramo, 1994), culminando no "florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo direcionado aos jovens, refletido em moda, adornos, locais de lazer, músicas, revistas, etc." (Dayrell, 2003, p. 41).

Essas mudanças contribuíram para uma percepção da juventude como portadora de novos hábitos e símbolos de modernidade acarretando uma visão ambígua. Por um lado, ela é vista como "transformadora", capaz de desafiar a ordem existente e representar uma solução para os problemas futuros, como apontado por Abramo (1994) e Abramo e León (2005). Por outro lado, também é vista como problemática e irracional, refletindo uma preocupação dos excessos ou desvios de comportamento associados a essa fase da vida.

A via de identificação relacionada a uma etapa problemática da vida, em muito se dá pela noção cristalizada historicamente de socialização, na qual o indivíduo deve agir de determinada maneira como extensão de uma sociedade através das ações exercidas sobre ele pelos outros ou pelo meio (Durkheim, 1995). Quando tal internalização não acontece, tendo o jovem dificuldade de se integrar ou quando resiste à socialização não se enquadrando aos padrões, emerge a percepção de desviados, delinquentes. Invariavelmente, as acusações de jovens como problemáticos ou de comportamento anormal tendem a ser associados às desigualdades, como as de classe e renda (Peralva, 1997; Abramo, 1994).

No evento da Feira do Beco do Inferno em questão, os jovens são muito mais do que participantes; são agentes produtores de transformação social e cultural através da arte, podendo expressar suas identidades, ideias e visões de mundo ao mesmo momento em que contribuem de certa forma para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica.

Como já afirmara anteriormente Rossana Reguillo (2003) acerca da juventude mexicana, a cultura opera como importante elemento de medição para a construção identitária de jovens, fornecendo marcas visíveis para pertencimentos dos jovens, como também para a criação de um modo próprio -

e distinto dos outros e, em especial do mundo adulto - de “estilo”, de visão de mundo demarcando a tensão simbólica de identificação-diferenciação. Neste jogo, os jovens sorocabanos produtores culturais e participantes da Feira do Beco do Inferno acabam sendo representados e percebidos como delinquentes, sobretudo por performarem e proporem obras e estilos contra hegemônicos tidos como transgressores.

Como a ideia já apontada anteriormente por Novaes (2007) quando expõe questões de insubordinação à família e à sociedade por parte dos jovens, por exemplo. No caso estudado nesta pesquisa, eles em sua maioria são artistas que não se enquadram no padrão homogêneo da cidade de Sorocaba e muitas vezes nem em seus próprios padrões familiares e utilizam a arte para chamar atenção, denunciar, colocar temas que julgam importante em pauta.

Essa visão de delinquência que vem enraizada das décadas de 1980 e 1990, relacionadas ao consumo abusivo de drogas, sexo e violência, foi tema abordado por autores como Abramo (1994) e Abramo e León (2005) e também trazidos por Fraga (2008) que versa sobre a violência juvenil nos aspectos de jovens promotores e vítimas dessa condição.

Angelina Peralva (1997), por sua vez, destaca que os desvios são inerentes à experiência juvenil:

Não por acaso, parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo. Se as formas do desvio variam, em função de níveis distintos de estratificação social e cultural, o desvio enquanto tal, ainda que não sempre em suas modalidades extremas, é inerente à experiência juvenil, conforme propôs David Matza (1961), em sua análise das tradições ocultas da juventude (Peralva, 1997, p.18).

A vasta repercussão sobre as questões sociais, sobretudo à violência juvenil, fez com que fossem desenvolvidas pautas de políticas públicas para esse grupo que pertence a um ciclo etário entre 15 e 29 anos, conforme aponta o Estatuto da Juventude, seguindo o mesmo padrão da OMS (Organização Mundial de Saúde), ressaltando que a idade entre 15 e 18 anos é entendida como adolescência e também está contemplada em outra regulamentação: o Estatuto da Criança e do Adolescente (Sposito, 2009).

Uma parte importante desse documento diz respeito às políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE⁴⁵, que aborda o direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil, que dentre seus vários aspectos norteia as questões de inclusão do jovem nos espaços públicos e seu envolvimento em ações políticas.

Podemos considerar que a Feira em tela nesta pesquisa, atua como um espaço que integra jovens, proporcionando-lhes participação social e envolvimento em questões políticas. Essa ideia é reforçada ao analisarmos as próprias ferramentas de divulgação do evento, em que encontramos frases que ressaltam esse engajamento e no próprio ambiente em dias de evento, onde é possível ver o protagonismo dos jovens.

O reconhecimento do jovem como ser social é um marco do avanço das conquistas dessa categoria, e mais uma forma de enxergar e perceber o jovem, cuja importância é enfatizada por Dayrell:

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (Dayrell, 2003, p.42).

Entender que o jovem é um ser humano concreto, não apenas um “vir a ser”, amplia as questões que devem ser investigadas dentro desse universo. Abramo (2008) não coloca um “s” ao final da palavra juventude por acaso, mas sim com intenção de retratar a diversidade, trazendo um importante questionamento sobre as possibilidades de se viver as diversas juventudes e sobre quais condicionalidades isso ocorre, indicando a necessidade de considerar todas as diferenças e desigualdades que transcorrem nos processos.

É possível dizer que os processos construtivos da juventude são desenvolvidos por meio de suas relações e formas de socialização e são alicerçados pelas diferentes realidades com as quais os jovens se deparam,

⁴⁵ SINAJUVE: Sistema Nacional de Juventude, instituído pela Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.

influenciando e norteando seus caminhos e trajetórias que dão sentido aos dilemas e anseios vivenciados.

Dayrell (2007) enfatiza que existe uma dupla dimensão ao se falar em condição juvenil, referindo-se ao modo que a sociedade atribui significado a esse momento do ciclo da vida, mas também à situação em que de fato ela é vivida a partir dos contextos das diferenças sociais, raciais e de gênero. Segundo Abramo (2005) se trata menos de discutir se existe ou não a possibilidade de viver a juventude, mas se perguntar sobre os diferentes modos pelos quais tal condição pode ser vivida.

A juventude e suas possibilidades de vivência vão se alternando ao longo dos anos, historicamente e todo contexto social, político de inovações tecnológicas e fatos e ocorrências globais como a última crise sanitária da pandemia de Covid 19, são fatores que configuram os modos de viver de toda população, sobretudo da população jovem.

As maneiras como se dão os rumos de suas vidas são modificados e influenciados de acordo com a condição histórica vivenciada. Tais fatores influenciam as condições de trabalho, de estudo, constituição de família, crenças e hábitos que vão sendo adotados, assim como as perspectivas de presente e futuro, de como os jovens podem vivenciar o hoje e planejar suas trajetórias.

Os jovens na Feira Beco do Inferno desempenham múltiplos papéis em dimensões diversas da vida social contemporânea. Eles não são apenas frequentadores de um evento, mas também trabalhadores, corpos políticos e seres sociais ativos em sua comunidade, indo de encontro com a sistematização feita por Groppo (2015) que por fim mostra que as teorias críticas da juventude passaram a presenciar novas configurações.

4 EXPERIÊNCIAS E AÇÕES DOS JOVENS

“A periferia pensante também aos poucos foi tomando as universidades. A partir do encontro chocante entre quebrada e universidade, nem periferia, nem quebrada e nem universidade voltariam a ser as mesmas”.

Nesse momento serão apresentadas as entrevistas realizadas com 4 jovens artistas inseridos no evento, com a finalidade de aprofundar o que foi investigado até o momento e compreender para além daquilo que foi visto e observado *in loco*, como esses jovens se sentem, o que eles buscam e as formas como eles percebem e constroem sentidos à própria participação no evento, as disputas que ocorrem nesse espaço, as tensões das ações políticas e sociais e como a experiência de participação na Feira os toca, se amplia ou modifica suas narrativas.

As primeiras entrevistas foram realizadas com jovens expositores de arte e artesanato, inicialmente três jovens com idade entre 18 e 25 anos, brancos, residentes na cidade de Sorocaba que moram com suas famílias. Algumas diferenças foram identificadas com relação ao local de moradia, sendo dois deles residentes em regiões mais centrais da cidade e outro residente em uma região mais afastada, considerada antigamente como periférica, que hoje conta com uma infraestrutura mais completa e dado avanço do município já não está mais vista como tão afastada da região central.

A quarta entrevista se deu com uma artista que participa da programação cultural do evento, uma jovem preta de vinte anos que vive na zona norte da cidade de Sorocaba, órfã de mãe e com pouco contato com o pai, vive com o namorado e cursa de forma remota uma faculdade de Publicidade e Propaganda.

As pessoas foram escolhidas após algumas participações na feira, na qual busquei identificar os jovens e compreender as atividades que realizavam. Os cartões que colhi em minha primeira visita ao evento enquanto pesquisadora me possibilitaram investigar um pouco de suas trajetórias e produções através das páginas particulares em redes sociais. Após esse processo entrei em contato com várias pessoas explicando sobre esse projeto de pesquisa, meus objetivos e questionando o interesse e possibilidade deles em participar do processo na condição de entrevistados.

⁴⁶ É Pós-Doutor em Filosofia, Doutor em Sociologia da Cultura e Mestre em Sociologia Urbana pela Universidade de São Paulo. Professor da Unifesp/Campus Zona Leste e Coordenador do Centro de Estudos Periféricos (CEP). Escritor do Livro 40 Ideias de Periferia, de onde foi extraído o trecho acima.

Algumas pessoas me deram uma negativa, alegando não ter tempo, e não estarem interessadas, mas a maioria mostrou-se aberta e disposta a participar. A princípio 6 entrevistas foram agendadas, sendo duas delas para ocorrerem de forma presencial e 4 de forma remota através da plataforma google meet. Infelizmente as duas entrevistas presenciais foram canceladas, uma em virtude de um falecimento na família do possível entrevistado, que depois não conseguiu uma nova data e outra por problemas particulares, sem que tivesse sucesso no reagendamento já que a pessoa passou a não responder mais as tentativas de contato.

Todos os entrevistados tiveram seus nomes preservados e para identificá-los foram utilizados codinomes que remetem a artistas consagrados. E essa escolha foi feita por mim pensando em minhas afinidades com esses famosos artistas.

Antes da apresentação individual de cada um(a) das/os jovens entrevistados nesta pesquisa, apresentamos de modo sintético o perfil sociodemográfico deles no quadro abaixo

Quadro 6: Perfil das jovens e do jovem entrevistados.

Jovens	Cor/Raça	Religião	Estado Civil	Cidade Nascimento	Distrito de Moradia	Filhos	Reside m Na casa	Renda da Casa é de até:
Gil	Branco	Não tem	Solteiro	Sorocaba	Piazza de Roma	0	3	3 salários mínimos
Amy	Branca	Não tem, mas crê em Deus	Solteira	Sorocaba	Central Parque	0	5	3 salários mínimos
Elis	Branca	Católica	Solteira	Sorocaba	Vila Barão	0	3	2 salários mínimo
Cassia	Preta	Afro-brasileiras	Vive Junto	São Paulo	Nova Sorocaba	0	2	Sem resposta

Fonte: Elaboração própria

4.1 Gil

Gil, nome escolhido fazendo referência à Gilberto Gil⁴⁷, foi o primeiro entrevistado. É um homem trans⁴⁸ de 18 anos, com ensino médio completo, que vive com a mãe e com o irmão e que sempre foi morador da cidade de Sorocaba. Ele é artista visual e divide seu tempo entre a produção artística o trabalho como professor de inglês e como auxiliar de cozinha, atividades que desenvolve como microempreendedor individual - MEI e como *freelancer*⁴⁹ respectivamente.

No que diz respeito aos estudos, compartilha que concluiu o ensino médio e realizou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2022. No entanto, ele fala que não obteve um desempenho satisfatório, atribuindo isso à falta de dedicação aos estudos.

Esse sentimento partilhado por Gil de culpa que, aparentemente, carrega e intitula como falta de dedicação, abre caminhos para análises mais profundas relacionadas ao período de isolamento da pandemia de covid19 (justamente período em que cursava o Ensino Médio) e as dificuldades com relação ao sistema de educação essencialmente potencializadas pelos efeitos da reforma no Ensino Médio implementado no Brasil a partir da Lei nº 13.415/2017 que trouxe mudanças significativas na estrutura e organização curricular, visando uma maior flexibilização e integração entre a formação geral e a formação técnica-profissional, se mostrando como um desafio para escolas e estudantes.

É preciso dar um destaque a esse assunto, dada a importância do tema nesse momento histórico, no qual está instaurada uma luta pela revogação dessa reforma. Não é foco desta pesquisa esmiuçar questões educacionais, mas é válido olhar para o sujeito e perceber que situações como essa acabam recaindo em seus colos como culpa.

⁴⁷ Gilberto Gil: Gilberto Passos Gil Moreira. Uma das personalidades mais influentes na música popular brasileira, é cantor, compositor, instrumentista, produtor e escritor. Ocupou o cargo de Ministro da Cultura no governo de Luiz Inácio Lula da Silva entre os anos de 2003 e 2008.

⁴⁸ Homem trans é a pessoa que nasceu com o órgão genital designado como do sexo feminino, com base em características físicas, mas que se identifica e vive como um homem. Isso significa que, embora seu sexo biológico seja feminino, sua identidade de gênero é masculina.

⁴⁹ Freelancer: Profissional que trabalha de forma autônoma, sem nenhum tipo de contrato de trabalho ou garantias profissionais, um trabalho esporádico e muitas vezes precarizado.

A implementação efetiva das mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio requer investimentos em infraestrutura, formação de professores e adequação dos currículos, o que nem sempre é realizado de forma adequada. Além disso, a desigualdade socioeconômica também é um fator relevante que contribui para a dificuldade dos alunos. Uma pesquisa realizada pela REPU (Rede Escola Pública e Universidade) destaca que no Estado de São Paulo que foi o pioneiro na implementação do NEM (Novo Ensino Médio) os efeitos devastadores já começaram a aparecer, mostrando a limitada liberdade de escolha dos estudantes, a falta de professores causada pelo precário planejamento da atribuição docente nas aulas e pela expansão da carga horária, que vem acarretando precarização da qualidade do ensino não melhorias. (REPU, 2022).

Em virtude desse resultado não satisfatório obtido no ENEM, Gil optou por não se candidatar a vagas de nenhuma universidade, porém tem como planos retomar essa meta em breve, tendo como suas principais áreas de interesse Artes Visuais e Ciências Sociais. Além disso, considera também a possibilidade de se envolver em alguma área relacionada à gastronomia.

Gil divide seu tempo dando aulas de inglês e desenvolvendo seus desenhos, dedicando os períodos livres da tarde à elaboração e produção de obras. Ele destaca que todos os custos e investimentos artísticos são feitos por si mesmo e quando questionado sobre o maior desafio de trabalhar com arte, destaca a constante busca por reconhecimento e valorização e também as questões financeiras e a instabilidade no mercado artístico, como afirma:

Eu acho que o maior problema, financeiramente falando é que é isso né, pro resto da minha vida eu vou ter que ter um emprego e trabalhar de lado assim... a não ser que eu trabalhe com isso assim assinado no futuro, sei lá. Mas por enquanto de forma autônoma, tipo eu não posso depender disso né, eu tenho conta para pagar né, então eu acho que esse é o maior desafio né, principalmente porque, além das feiras que eu participo, eu não vendo direto assim na internet tal, então acaba ficando uma vez a cada dois meses. (Gil).

Essa “uma vez a cada dois meses” citada por ele corresponde exatamente ao período de realização da Feira do Beco do Inferno. O jovem expressa seu desejo e perspectiva de subsistir exclusivamente por meio da arte, e poder deixar

suas outras ocupações para se dedicar integralmente à produção artística, desde que essa atividade lhe proporcionasse um sustento mais substancial.

Destacando a amplitude e diversidade do campo cultural, Borges e Faria (2015), afirmam que o setor das atividades culturais que abrangem uma ampla gama de formas de expressão, tanto as consideradas artes tradicionais quanto atividades culturais que não são facilmente classificadas como arte tem em comum a incerteza e a informalidade (Borges e Faria, 2015)

Quanto ao seu processo de aprendizado no trabalho artístico, Gil menciona que aprendeu de forma autodidata, utilizando recursos da internet para estimular sua criatividade, aproveita e destaca a importância da Feira como um ambiente fundamental para troca de experiências, aprendizado e construção de parcerias:

Eu acho que mais importante assim para me manter mais atualizado e inspirado é redes soais, Instagram, twitter, tik tok, todas essas coisas, é muito conteúdo né, e é... a Feira eu acho que assim, pra aprender eu uso mais a internet, mas para criar conexões né.. de fala mesmo é durante a Feira do Beco, que eu conheço pessoas, que também trabalham né.. e fala ó.. povo vamos fazer um negócio ali, a vamos fazer isso aqui.

No que diz respeito à sua participação no evento, ele destaca que o público demonstra abertura e interesse genuíno em consumir o tipo de arte que vende. Ao comparar com suas experiências em outras feiras, observa diferenças significativas, tanto na compreensão do público em relação às suas obras quanto nos lucros gerados. Além disso, Gil elogia a Feira do Beco do Inferno como um espaço acolhedor, onde todos são vistos como iguais, “gente como a gente”. Ele se sente plenamente incluído nesse ambiente e destaca que nunca foi julgado ou diminuído pelas pessoas presentes lá.

Isso vai ao encontro do que Melucci (1989) discute sobre a questão simbólica que tem se apresentado nos novos moldes de movimentos sociais, que focam na tentativa de mudar a vida das pessoas e da sociedade.

Mesmo inserido no contexto do evento, Gil afirma não fazer parte de nenhum grupo, coletivo, associação ou movimento social, o que nos faz indagar que talvez ele não reconheça o evento como tal ou não tenha se dado conta desse processo existente ali, ainda tendo enraizado em seus conhecimentos os moldes tradicionais de movimentos sociais.

Gil se mostra uma pessoa engajada, crítica e conhecedor de várias ações, incluindo sua mãe como referência a si próprio. Enfatiza que ela é filiada ao partido político PSOL e trabalha de forma voluntária no cursinho Salvadora Lopes, da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular⁵⁰ como psicóloga e diz ter planos de se envolver mais em ações sociais e coletivas, inclusive disse estar se organizando para ofertar aulas de inglês voluntárias para pessoas trans na organização ATS, Associação de Transgêneros de Sorocaba.

Porém em dado momento ele reconhece que o próprio evento é um importante motor de mudança social, sendo visto como um local de troca, acolhimento e exposição. Ele destaca que o ambiente é marcado por sua maneira inclusiva e pela receptividade com os participantes, além de mencionar o apoio a variadas causas sociais. Percebe a Feira como um espaço educativo que acolhe diversas expressões políticas e sociais e de cidadania e ressalta que essa abertura é motivadora para si e ao mesmo tempo motivo de desconforto para as pessoas de tendências mais conservadoras e para as autoridades municipais:

[...] inclusive uma das coisas bem comum, de manhã na praça está sempre passando, famílias caminhando, ou idosos caminhando e sempre alguém vai olhar muito torto, então eu acho que causa um impacto, por que são coisas que ninguém quer ver né... eu não quero ver você falando quanto você sofre, ou ver um desenho do corpo trans e tal, então eu acho que causa um impacto bem grande por que acho que nos olhos das pessoas mais conservadoras, tudo isso fica muito explicito, sendo que não é, nem... é normal... eu acho que e isso.

[...] eu acho que é porque a cidade de Sorocaba é muito conservadora, então, o nome aí Feira do Beco do Inferno, pronto acabou, porque a prefeitura do Manga é meio que baseada em Deus e nos valores familiares, então... [...] tudo que está presente na feira vai contra o que ele acredita e presa, então eu acho que isso incomoda bastante porque é um evento grande. É um evento que eles sabem que sempre vai bombar, mas é mais fácil, eu acho que eles cortarem, pra dizer assim, nossa tá vendo que porcaria de evento, não tem nem um banheiro químico, sendo que é culpa deles que não tem um banheiro químico.

⁵⁰ Emancipa: “Fundada em 2007, a Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular, atua de forma gratuita na educação de jovens de escolas públicas e de baixa renda, oferecendo cursinhos populares pré-universitários, por todo o território brasileiro, em Cabo Verde e Angola. O Cursinho Salvadora Lopes foi fundado em 2014, por um grupo de estudantes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba, visando aproximar a universidade pública da população. Recebeu esse nome como uma homenagem à Salvadora Lopes Peres, militante operária e sindical, eleita a primeira mulher vereadora de Sorocaba, em 1947” Referência: <https://agendasorocaba.com.br/listas-novidades/cursinho-popular-pre-universitario-comeca-neste-sabado-na-maloca-centro-cultural/> Acesso em 11.11.23

Gil enfatiza que a diversidade de tópicos abordados na programação cultural - que inclui rodas de conversa e debates - colabora com o aspecto educativo, emancipatório e esclarecedor. Acredita que as obras de arte disponíveis para compra durante o evento têm uma dimensão política e democrática muito abrangente, emergindo delas pautas próprias de debate. Além disso, destaca que sua participação não se limita ao interesse financeiro, mas que é principalmente motivada por esses aspectos educativos, políticos e sociais. A participação no evento é encarada como uma maneira de dar força e de se fazer presente nesse espaço na intenção de ressignificação, de resistência e luta.

4.2 Amy

A segunda entrevistada será chamada de Amy, escolha do codinome está associada a Amy Winehouse⁵¹. Ela é uma mulher cisgênero branca, solteira, que vive com os pais, em uma região central da cidade, possui ensino médio completo e duas formações de nível técnico profissional. Atualmente, Amy cursa faculdade de arquitetura em universidade particular com bolsa de 100% pelo PROUNI, é uma artista que trabalha com artesanato e desenvolve estágio remunerado em um escritório de arquitetura.

Amy como grande parte dos jovens brasileiros divide seu tempo entre trabalho e estudo e tem se dedicado intensamente às obrigações acadêmicas, o que a leva a investir menos tempo em sua produção artística. Em parceria com uma amiga, elas criam e vendem seus artesanatos, tendo participado da Feira do Beco do Inferno em torno de 4 a 5 vezes. Amy percebe que o evento impacta significativamente seus ganhos financeiros e aumenta a visibilidade de seus trabalhos, uma vez que atrai um público numeroso e genuinamente interessado na temática artística.

⁵¹ Amy Winehouse: Cantora e compositora britânica, nascida em 1983, conhecida por uma poderosa voz que aliava no estilo musical Jazz, Soul e R&B. Faleceu aos 27 anos por intoxicação alcoólica aguda, após alcançar relevância mundial com suas canções.

Quando questionada se o público entende a arte como um trabalho legítimo Amy diz:

Sim, eu acho que a grande maioria sim, pelo menos 95% do público eu sinto que sim, que vê de fato como uma coisa séria né.. digamos assim, acho que realmente é um público bem alvo mesmo da feira, acredito que o pessoal vê mesmo assim.

Ao refletir sobre as razões que a impulsionam a participar da Feira do Beco do Inferno, Amy enfatiza que, além das oportunidades de lucro financeiro e da visibilidade para sua expressão artística, também é profundamente motivada por questões de natureza política e social. Embora ela também a princípio não demonstre reconhecer o evento como um movimento social, já que afirma não estar vinculada a nenhum grupo, coletivo ou movimento específico, revela que sua parceira de trabalho está envolvida com o Levante Popular da Juventude⁵² e que vários de seus amigos são engajados em coletivos culturais, grupos de mulheres ou outras iniciativas sociais.

Amy diz que o ambiente da Feira do Beco é extremamente acolhedor:

Acho que a Feira é um espaço socialmente muito, muito aberto, então eu tenho muito pra mim que é um ambiente que todo mundo lá, principalmente em relação a mim tem uma mentalidade muito parecida mesmo que sejam pessoas de idades distintas, é, eu vejo muito como um ambiente onde eu também me sinto muito confortável, por ser muito socialmente aberto e popular, então acho que não muito nesse quesito de idade, mas de questões políticas e sociais.

Essa fala demonstra que a Feira atravessa sua vida de uma forma impactante no sentido de poder ter trocas com pessoas distintas, mas as quais ela se identifica pelos mesmos ideais. Ela também afirma que acredita que o evento seja um ambiente muito impactante e educativo, já que abre espaço para diversidade e inclui várias culturas sempre de forma muito respeitosa. No mais

⁵² Levante Popular da Juventude: “Organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação estrutural da sociedade brasileira. Somos a juventude do Projeto Popular, e nos propomos a ser o fermento na massa de jovens do país. Quando falamos sobre entendermos quem somos estamos falando da história da construção do nosso movimento, do que somos e de com quem nos relacionamos hoje, mas também de nos colocarmos como herdeiros de uma série de experiências da esquerda que nos inspira e nos vincula a uma forma de olhar para a realidade e agir sobre ela. Trata-se, portanto, de conhecermos a nossa história propriamente dita, a história e as características do nosso campo político e o leito histórico ao qual nos filiamos” Fonte: <https://levante.org.br/quem-somos/> Acesso: 11.11.2023

também deixa claro que não fez nenhuma formação para a carreira artística e que seu aprendizado se deu por interesse próprio, a partir de observações de pessoas, em especial da família que já lidavam arte e artesanato.

4.3 Elis

Elis, a terceira entrevistada, nome em referência a Elis Regina⁵³, é uma mulher cisgênero branca, envolvida na produção de artesanato juntamente com sua mãe. Desde o seu nascimento, Elis reside em Sorocaba e, atualmente, compartilha moradia com seus avós em uma região considerada periférica da cidade.

Ela está matriculada no quarto ano do curso de Medicina Veterinária em uma universidade particular, sendo beneficiária de uma bolsa integral pelo PROUNI. Além de seu trabalho como artesã, Elis busca complementar sua renda por meio da venda de doces, da elaboração de resumos das aulas ministradas na faculdade e de trabalhos ocasionais como cuidadora de cachorros. Deixa claro que compõe a parcela dos jovens que “se viram” para manter sua condição de jovem.

Elis se autodenomina empreendedora na produção de artesanato. Ela destaca que embora tenha um grande apreço pela arte e sempre tenha se dedicado a ela, tem um talento especial para comunicação, e sua aptidão se destaca no processo de venda dos produtos, o que me deu a impressão de que seu foco na arte não é tão grande.

Mesmo tendo participado da Feira do Beco do Inferno apenas uma vez, Elis relata que financeiramente conseguiu atingir praticamente o mesmo montante que levou três dias para alcançar em outro evento de feira de artesanato semelhante. Atribui esse êxito principalmente ao perfil do público que frequenta a Feira do Beco do Inferno:

[...] o conceito das bijuterias, elas têm uma pegada sustentável, então claro que a gente não consegue fazer tudo de uma forma extremamente sustentável, mas a gente pensa nessa questão de sustentabilidade, e o público da Feira do Beco do Inferno é

⁵³ Carvalho Costa, cantora brasileira, nascida em 1945 e falecida em 1982. Foi uma das cantoras mais icônicas e influentes da música popular brasileira.

um público que se preocupa mais com essas questões, é um público que é mais pessoas jovens, são mais engajadas no meio político, socioeconômico, ambiental, então é um público que a gente quer atrair.

Quando ela fala desse engajamento do público com questões ambientais e o possível interesse do público em suas obras sustentáveis, reflete a existência de um movimento similar ao citado por Melucci (1989), que identifica os movimentos compostos por pequenos grupos que se engajam em temas da vida cotidiana e surgem para fins específicos, como no caso aqui a sustentabilidade. Esses grupos, apesar de separados, formam um sistema de troca onde a circulação de ideias e informações fortalece o movimento.

No que diz respeito ao público, acredita que os frequentadores são profundamente influenciados pelas obras disponíveis para compra e pela programação cultural oferecida durante o evento. Observa que várias manifestações políticas e sociais ocorrem, com críticas a políticos e governos, além de expressivo apoio a membros da comunidade LGBTQIA+, pessoas trans, mulheres, negros e indígenas. Além disso, Elis percebe que o evento é um ambiente altamente educativo:

Em cada barraca que eu parava e perguntava pros artesãos sobre os produtos deles eu aprendia uma coisa nova, do lado da nossa barraca tinha um estande de pessoas que estavam vendendo santos de umbanda e tals, e eu vi que elas estavam conversando com outras pessoas sobre a religião deles então eu acho que é um ambiente que ao mesmo tempo que você vai para passear você também aprende muita coisa sobre arte e política.

Assim como os outros entrevistados, ela afirma não estar envolvida em grupos, coletivos ou movimentos sociais, porém Elis reconhece a relevância dessas iniciativas e entende o ambiente da feira como um grande espaço coletivo de trocas. Ela compreende como a Feira do Beco do Inferno desempenha um papel integrador desses movimentos, servindo como um espaço valioso para apoiar e dar visibilidade às pessoas silenciadas. Elis destaca que a existência da feira não deveria causar tanto desconforto para a população ou para as autoridades municipais.

[...] não deveria ser um incômodo, porque a gente está gerando capital, porque as pessoas que vão na feira compram dos artesãos ou consomem algum produto e querendo ou não você está movimentando a economia da região, incomoda para quem vai contra tudo que a feira apoia, daí eu acredito que incomode. Porque se a pessoa não gosta, não apoia essas causas LGBT, feminismos, causas de visibilidade trans e se ela for numa feira e ela ver pessoas trans, pessoas gays, ela vai ficar incomodada e vai achar que aquilo é um incômodo público.

Justamente esse é o ponto de incômodo: não gostar, não apoiar, e exatamente é o destaque proporcionado pelo evento, demonstrando que embora exista quem não goste ou não apoie, essas pessoas existem e são parte integrante da sociedade, sujeitos de iguais direitos.

4.4 Cassia

A última entrevistada teve o nome escolhido em alusão a Cassia Eller⁵⁴, participante da programação cultural, Cassia além de artista musical, também está envolvida na produção de uma marca própria de roupas. Participou apenas uma vez recentemente do evento de forma voluntária, mas é frequentadora assídua da Feira desde seus 16 anos.

Tem 20 anos, mulher preta cis gênero, estudante de uma faculdade particular que oferece ensino a distância, e investe uma pequena quantia mensal em seu curso. Cássia também possui experiência anterior como aluna de teatro na academia Acrópole e no Sesi. Sua jornada musical começou ao organizar batalhas de música entre MCs em seu bairro, Eden, que faz parte da zona industrial da cidade. Foi nesse ambiente que ela perdeu a timidez e começou a gravar sua própria música.

Ao falar sobre sua participação, deixa claro que sua motivação está ligada a tudo que a Feira representa, e como ela acontece:

[...] eu sempre gostei de ir na Feira do Beco, desde quando eu era mais nova eu encostava, daí quando me chamaram eu achei

⁵⁴ Cássia Rejane Eller: Cantora e compositora brasileira, nascida em Brasília no ano de 1962. Sua carreira teve início com o violino e seu estilo musical era eclético, incorporando elementos do rock, pop, MPB (Música Popular Brasileira), e outros gêneros, o que a tornou uma figura singular na cena musical brasileira. Cassia Eller faleceu em 2001 com 39 anos de idade em virtude de um problema no coração.

muito legal, porque eu acho que é uma feira muito acolhedora com as pessoas, e eu gosto do que ela representa, então tipo eu quis, foi divertido para mim. Um lugar que a gente pode ser a gente, sem medo, e eu gosto de estar nesses lugares em que a gente é aceito e as pessoas respeitam a gente.

Cássia subsiste principalmente por meio de seus empreendimentos artísticos e projetos ocasionais como designer autônoma. Ela faz questão de enfatizar sua aversão ao emprego convencional com contrato CLT e expressa seu desejo de depender exclusivamente de sua expressão artística, mas ainda enfrenta receios relacionados às obrigações financeiras. Se considera pessoa muito dedicada e pensa em se estabelecer de forma duradoura na cena musical, mesmo percebendo que as pessoas não valorizam e não compreendem o trabalho artístico como legítimo e muitas vezes encaram como um trabalho marginalizado.

Conta com o apoio do namorado e de alguns amigos nessa empreitada da vida de artista e diz que percebe que Sorocaba é uma cidade muito fechada em suas próprias bolhas, apesar de ter uma grande quantidade de artistas potentes, indicando que as oportunidades sempre são ofertadas para as mesmas pessoas:

Sorocaba é tipo um ciclo muito fechado assim, tipo assim, as pessoas têm como fazer um role por exemplo, tem dinheiro para fazer o role e se fecham num ciclo que só ficam nas mesas pessoas, sabe assim, então é muito difícil, porque Sorocaba tem muita gente talentosa, mas nem um terço dessas pessoas são vistas e ouvidas. Eu acho legal a proposta do Diretoria, “todo artista é protagonista na cena” a parte que a Jessica fala e eu gosto muito disso, sabe?

A Diretoria 015, a qual ela se refere, é um coletivo de mulheres pretas com a finalidade de fomentar arte e trazer oportunidades para as artistas e empreendedoras pretas da cidade. Cassia não está diretamente envolvida nesse coletivo, mas participa muitas vezes e uma de suas amigas é a fundadora do movimento. Cassia também diz que a própria Feira do Beco é um ambiente que gera oportunidades, e que os artistas lá são reconhecidos e respeitados através de seus trabalhos, considera um ambiente democrático e cita que presta um serviço à sociedade.

Quando interrogada sobre o impacto político e social que o evento causa na comunidade, Cassia foi totalmente franca ao destacar a significativa importância desse evento ocorrer em uma localidade com tendências tão conservadoras.

Sim eu tenho certeza né, (que gera impacto político e social) tipo, pelo menos aqui nessa cidade com esse prefeito feio que a gente tem, ele fica muito atacado, porque tipo, mano, é todas as minorias juntas e, sabe, eles não gostam disso, e isso é muito legal, porque quando a gente vai contra coisas ruins assim sabe, obvio que vai gerar um desconforto para essas pessoas e principalmente para essas pessoas da política aqui dessa cidade que não sabem o que estão fazendo, tipo eu adoro (risos)

Cassia entende que uma considerável parcela da população com inclinações conservadoras tende a estigmatizar os artistas, categorizando-os de forma pejorativa. Quando esses indivíduos, porventura, se dirigem à praça em que o evento ocorre sem estarem cientes dos acontecimentos que ali ocorrem, ficam impactados, assim como se impactam ao sabem dessa Feira pela mídia ou outros meios de comunicação.

O impacto ocorre principalmente quando percebem que uma multidão de pessoas está prestigiando artistas variados, que geralmente não tem grande destaque, e que estes estão dando vida às suas expressões de forma única, sem sofrem preconceitos, mesmo tratando de temas estigmatizados.

O contraste entre essa realidade e a ideia preconcebida de que certas atividades não são permitidas, ou não podem ser realizadas por determinados grupos, provoca uma espécie de choque cultural, o que aciona um desconforto significativo, como afirma:

Essa é a parte mais legal, sabe, porque essas pessoas são minorias, ou pessoas de baixa renda, e eles não gostam de ver a gente ganhando nenhum espaço e essa que a parte mais legal, incomodar essas pessoas. E a Feira tem um respeito, que mesmo que incomode, já faz muito tempo, e acaba que ninguém sofre opressão, eles têm que respeitar, no final das contas ele tem que respeitar.

Além das dimensões políticas e sociais, Cassia percebe o evento como um ambiente de integração e que transmite valores. Ela se encanta com a inclusão de espaços destinados às crianças, reconhecendo que a participação

delas desempenha um papel crucial na construção de um futuro menos permeado por preconceitos.

4.5 (Todes) Juntos e misturados

Muito embora com trajetórias e caminhos diferentes e atravessados por passagens da vida de formas múltiplas e variadas, em termos de formação, vínculos com movimentos sociais e enfrentamento dos desafios financeiros e de reconhecimento no campo artístico, as histórias de Gil, Amy, Elis, e Cassia apresentam uma rica gama de experiências individuais que se entrelaçam em pontos comuns em suas participações na Feira do Beco do Inferno, como a percepção do espaço inclusivo e transformador que ela gera.

Os quatro jovens artistas trabalham a arte de maneira diversa, cada um dentro do seu campo, porém existe uma aproximação entre Gil, Elis e Cassia no quesito de evocar através da arte a insurgência de temáticas as quais consideram importantes. Tommasi (2020) afirma que a cultura além de ter se tornando um campo de trabalho para os jovens se tornou também um espaço de ativismo político, aponta os posicionamentos que ecoam desse ativismo, e percebemos serem os mesmos vistos emergir na Feira: lutas contra o machismo, defesa das mulheres e suas dignidades mentais e físicas, lutas contra as desigualdades sociais e pela valorização das identidades individuais de raça e gênero.

Gil como artista visual expressa em suas obras com naturalidade os corpos trans, enquanto Elis trabalha a questão da sustentabilidade em suas bijuterias, e Cassia através do Rap, do Rip Hop e do Funk busca a conscientização social, expõe a marginalização dos corpos negros e dos sujeitos periféricos. Cassia fez sua apresentação de forma gratuita, em prol de causas que ela acredita e pelo significado que lhe agrega pessoalmente estar nesse espaço do evento, nos fazendo perceber que jargão do “trabalhar no amor” (Tommasi, 2020), faz todo sentido para alguns desses jovens.

Mesmo Amy não utilizando o artesanato para impactar o público da mesma forma que os outros três, demonstrou-se muito engajada com as temáticas e dinâmicas do evento, reafirmando a importância da liberdade e inserção daquilo e daqueles que são diversos, enfatizando a importância da

liberdade política, sexual, religiosa e a luta incessante contra todas as formas de preconceitos existentes.

A trajetória desses quatro jovens é atravessada de maneira distinta. Amy é a única que mora com os pais, pai e mãe no estilo da família tradicional. Gil, que mora apenas com a mãe teve seu percurso atravessado pela sua orientação de gênero, Elis conta que já morou com a mãe, mas atualmente reside junto com os avós, demonstrando uma trajetória de dificuldades com o relacionamento familiar, enquanto Cassia perdeu a mãe muito cedo e não fala sobre o pai. A propósito o assunto família é um quesito o qual ela preferiu não abordar muito. Cada um deles demonstra que foi criando resiliência aos obstáculos da vida e tendo suas percepções de mundo afetadas pelos enfrentamentos individuais, os quais foram lhes possibilitando uma visão ampliada e uma percepção das diferentes relações e formas de serem indivíduos únicos, singulares e em certa medida podendo perceber que outros sujeitos também são únicos.

Ao que me parece, a liberdade e o sentimento de se sentirem inclusos, pertencentes e seguros em espaços e grupos tem um grande significado para os quatro jovens, em especial quando suas falas se encontram nesse sentido.

Podemos observar o seguinte trecho na entrevista com Gil: "...porque na Feira do Beco é gente como a gente, ne, então não tem ninguém que vai me olhar como superior..." (Gil, 18 anos, homem trans, branco). Em seguida na entrevista com Amy, ela diz: "eu vejo que a feira trata de maneira muito assim respeitosa, todos que eles incluem" (Amy, 22 anos, mulher cis, branca), já Elis, diz: "A Feira não discrimina ninguém, então acho que as pessoas se sentem acolhidas, e pela arte também, a arte tem teor político, econômico, ela é tudo na vida." (Elis 24, anos, mulher cis, branca), e para completar, Cassia fala: "tipo a gente vai na praça e está tudo bem, não precisa se preocupar se alguém vai tá olhando para você, falando de você, porque é um espaço que você pode estar ali sabe?" (Cassia, 20 anos, mulher cis, preta).

A vivência na Feira para eles, parece ter um valor simbólico, que envolve princípios e significados de vida a serem compartilhados, (Silverstone 2002, p.182) em seu livro *Por que Estudar Mídia?* aborda os sentidos de comunidade e sociedade e ao falar de comunidade diz que: "sonhamos com comunidade (...) com o comum e as realidades partilhadas que estão na base dela. Sonhamos com uma vida com os outros, com a segurança de lugar, familiaridade e cuidado"

e complementa (Idem, p.185) “comunidades sempre tiveram uma composição simbólica e também material. Elas são definidas pelas minúcias da interação cotidiana, assim como pela efervescência da ação coletiva”. Silverstone (2002, p, 187) enfatiza a dimensão simbólica do seu partilhamento e significados, assim como enfatiza as distinções e afirma que a comunidade é “essencialmente uma reivindicação por diferença”.

Esses pontos comuns não estão apenas entre os entrevistados, mas aparecem tanto em seus relatos como também em minhas próprias observações in loco. De modo semelhante, ao estudarem as experiências de jovens periféricos considerando os efeitos das políticas neoliberais da precariedade do trabalho e dos agravamento das fragilidade em virtude da pandemia Maria Carla Corrochano e Felipe de Souza Tarábola (2023) enfatizam a necessidade de considerar como os indivíduos constroem uma teia de relacionamento entre eles quando não são encontrados apoios institucionais:

[...] Desse modo, embora o esforço pessoal seja valorizado, ele não condiz totalmente com a tese do empreendedor de si ou da governamentalidade neoliberal, e sim com uma relação com as habilidades e as relações pessoais dos indivíduos com seus grupos de pertença, redes de relações e de suportes (Tarábola, 2016). Cada um cria seu modelo alternativo de inclusão social para aliviar as insuficiências sistêmicas, preenchendo lacunas e buscando superá-las sozinho ou com apoio de sua rede de relações familiares e pessoais [...] (Corrochano & Tarábola, 2023, p.6)

Ao mesmo tempo em que os artistas que fazem parte do evento parecem se aproximar em questões coletivas de reivindicações por uma sociedade mais justa, livre, inclusa e menos preconceituosa parecem se distanciar no que diz respeito aos seus objetivos pessoais de trabalho artístico, sendo a Cassia a artista que demonstra pela arte seu interesse principal como trabalho, fonte de renda e dedicação, seguida do Gil que tem grande interesse na continuidade do trabalho artístico.

O que chamamos aqui de trabalho artístico é o que Tommasi e Silva (2020) afirmam ser um segmento social que aderiu amplamente ao empreendedorismo, sendo composto por produtores culturais, grupos culturais, produtores de feiras, organizadores de batalhas e rimas etc, que eles entendem como um segmento de trabalhadores que empreendem através da cultura.

Jovens que possuem os atributos exigidos pela lógica empreendedora como criatividade, iniciativa, resiliência, capacidade de networking, adaptabilidade e habilidades de gestão. São os jovens:

Acostumados a “se virar”, precisam ter capacidades variadas para jogar seu talento criativo em projetos e demandas de múltiplos agentes precisam procurar seus patrocínios e os financiamentos necessários às suas produções, devem, ainda, “correr atrás” dos recursos possíveis, investir na ampliação de suas redes de contatos e em sua imagem pública. (Tommasi e Silva, 2020, p.199)

Os jovens dessa pesquisa parecem de fato estarem acostumados a “se virar”. Nas entrevistas alguns artistas se intitulam como empreendedores, alguns tem até a formalização como Microempreendedores Individuais e participam de vários eventos para conseguir atingir uma renda mais satisfatória, além disso vários deles acumulam outras atividades laborais. Também fica claro que o investimento necessário para as suas produções vem deles mesmo, de familiares, por vezes de amigos:

Agora eu tenho uma mesa, eu tenho uma barraca também que deu para investir nisso com um pouquinho do dinheiro do meu trabalho do trabalho da minha mãe, daí com muitas parcelas dá para alcançar. É isso mesmo, deu uma evoluída assim gigante. (Gil, 18 anos, homem trans, branco)

Com relação a rede de contatos e necessidade de ampliação de suas imagens de forma pública, Gil afirma que as redes sociais são aliadas do processo e que após o evento sempre aparecem novos seguidores em suas plataformas. Elis também afirmou que as pessoas passaram a conhecer mais a marca após a participação na Feira.

[...] visibilidade sim, seguidor é um pouco relativo, porque não é todo mundo que segue, mas a gente conseguiu espalhar a ideia da marca nosso conceito, as pessoas gostaram muito, mesmo as que não compraram, mas em termos de visibilidade eu acho que foi importante, ate porque não fomos só para vender mas para que as pessoas conheçam a marca. (Elis, 24 anos, mulher cis, branca)

Por fim, destaco que independentemente de suas trajetórias, motivações e aspirações, todos eles estão empenhados na luta por reconhecimento, por percepção das diferenças e pela vontade de poder existir e resistir como sujeitos na sociedade com suas particularidades e respeitando as particularidades de sujeitos outros, fazendo seus trabalhos e sendo parte do todo.

5 A FEIRA É UM EVENTO DE COLETIVOS CULTURAIS OU UM MOVIMENTO SOCIAL?

É Preciso sugar de arte
Um novo tipo de artista: o artista cidadão.
Aquele que na sua arte
Não revoluciona o mundo,
Mas também não compactua com
a mediocridade
que imbeciliza um povo
desprovido de oportunidades
Um artista
a serviço da comunidade, do país,
que armado de verdade, por si só,
exercita a revolução.

Sergio Vaz⁵⁵
(Trecho do “Manifesto da antropofagia periférica”)

5.1 Não só um evento, mas um movimento. (Tecendo conexões)

As ações que acontecem no evento são essencialmente organizadas e realizadas de forma coletiva, conjunta. Os artistas que montam seus estandes ou fazem suas apresentações de forma individual aparecem em menor número, pois em geral são duplas, trios ou grupos de pessoas, que não necessariamente fazem parte de um coletivo nomeado e estruturado, mas que trabalham de forma conjunta. De qualquer forma, mesmo os artistas e expositores individuais acabam por integrar esse grande coletivo de pessoas que se unem para a manifestação cultural da Feira.

No quadro abaixo podemos observar alguns grupos de pessoas que fazem parte de coletivos, grupos, e outros meios de colaboração e as formas

⁵⁵ Sérgio Vaz: Morador de Taboão da Serra, criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) e um dos criadores do Sarau da Cooperifa. É poeta, escritor e agitador cultural. Considerado o Poeta da periferia.

como eles se intitulam. As informações foram todas colhidas da página oficial de Instagram da Feira do Beco do Inferno, e cada atividade tem uma nota de rodapé explicativa.

Quadro 7: Quadro demonstrativo de alguns grupos presente no evento

TIPO DE CONSTITUIÇÃO	ATIVIDADE	ATIVIDADE NA FEIRA
Collab	Junção dos dois artistas que irão lançar uma pintura autoral durante o evento. Ghu, que trabalha com Graffiti, é artista plástico e Arte Educador, e Rafael que é Creative planning Intercultural connections ⁵⁶	Grafite Entre as Árvores
Coletivo dubplatesystem	Dubplate System é a junção do produtor cultural e pesquisador musical Rafael e do Dj e artista visual Ghu. Ambos com grande bagagem e repertório dentro da pesquisa da história da música e suas vertentes. O coletivo visa propagar o intercâmbio entre artistas e músicas que trazem como referência a cultura de rua, soundsystem, visual e todas as vertentes que saem das periferias e influenciam as massas. Com foco na história da música Jamaicana, Brasileira e Londrina, o Dubplate System traz muito Reggae, Jungle, Drum n Bass, Dubstep, Grime, Funk e muito mais. ⁵⁷	Apresentação musical no encerramento do evento
Kucetas do Kaos	As Kucetas Kaótykas é uma Trupe circense inteiramente formada por pessoas Trans y Travestis. Criada em Sorocaba, a Trupe iniciou suas atividades em 2023. Atualmente formada por 9 "Kucetas", realizam encontros em parceria com a NEC Brasil, Organização sem fins lucrativos com a finalidade de conectar comunidades e promover soberania alimentar, agroecológica e feminismo em territórios vulneráveis, e com a com a 7 Esferas, escola de artes marciais ⁵⁸	primeira apresentação do grupo em praça pública aconteceu na 25º Feira do Beco

⁵⁶ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Crlc244LFjG/> Acesso: 10.06.2024

⁵⁷ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxasI4LOjD2/> Acesso 10.06.2024

⁵⁸ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cu7oNhWujjV/> Acesso 10.06.2024

Valtinho da2 / Gio Santos	Valter Luiz de Souza, mais conhecido como Valtinho da 2 é natural de São Paulo - Diadema . É técnico de enfermagem e Massoterapeuta, começou a grafitar na década de 90 e desenvolve trabalhos artísticos até hoje em Sorocaba e região, é considerado uma lenda viva. Ja Gio Santos nasceu na Zona Oeste de Sorocaba, tem 23 anos e cursa Pedagogia na UFSCar de Sorocaba. Sempre gosteu muito de artesanato, especialmente costura e seu primeiro contato com graffiti foi há 5 anos atrás no Dia das Crianças, em uma ação comunitária realizada no Jardim Ipiranga (Zona Oeste de Sorocaba). ⁵⁹	Graffiti entre as Árvores
Coletivo Slam 015	As atividades do Slam 015 (inicialmente conhecido como Slam Sorocaba), começaram no ano de 2016, momento onde os Slams estavam em alta em todo o Brasil e também chegaram em Sorocaba. As primeiras batalhas que ocorreram na praça da Matriz, trouxeram momentos de reflexões e visibilidade, fazendo com que mais poetas se interessassem. Nos anos seguintes o Slam, ocupou como local principal de suas batalhas a Praça do Fórum Velho, que também sedia outros movimentos artísticos na cidade. Atualmente o Slam faz trabalhos de base através da poesia marginal, levando empoderamento e conhecimento para: escolas, feiras, universidades, festivais e pelas ruas de todas as cidades. "Poesia de Calçada Entre Becos e Quebradas: Slam 015 " ⁶⁰	Apresentação na programação cultural
Cofas Crew- Coletivo Feminista de Artes de Sorocaba-SP.	O Cofas nasceu do desejo de unir mulheres artistas. O intuito é levar arte e reflexão, abrir espaço para arte de mulheres e gerar empoderamento. ⁶¹	Graffiti entre as Árvores

⁵⁹ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIYoseuuW1e/> Acesso: 10.06.2024

⁶⁰ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CITkGibuXIn/> Acesso: 10.06.2024

⁶¹ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjEJ1I7ObGW/> Acesso: 10.06.2024

Turi Vimba. Grupo de Batucada	Turi Vimba é um grupo de batucada do Quilombo Cafundó, responsável pela manutenção das manifestações culturais da comunidade, em especial manutenção da CUPÓPIA dialeto africano remanescente no Quilombo Cafundó. Esse trabalho é feito através da musicalidade e da dança que reforçam os fundamentos e a valorização da cultura local. ⁶²	Apresentação na programação cultural
coletivo/festa Baixaria-Bassxment	sinônimo de inovação e qualidade dos mais diversos gêneros da cultura club e bass music mundial, foi fundado em 2019 por Samuel "Subcultura" ⁶³	Apresentação na programação cultural
Casa do Ritmo Coletivo	Fundado em 2010 pelo músico Barba Marques, a Casa do Ritmo é um coletivo que tem como base a pesquisa e propagação de culturas populares através da música. Trabalha continuamente no desenvolvimento de projetos sócio-culturais e educativos com base em cultura popular de Matriz Africana e Indígena. Localizado em Araçoiaba da Serra-SP, oferece oficinas de percussão, percussão corporal, shows, sarau de artes e intercâmbios culturais. ⁶⁴	Apresentação na programação cultural
Grupo Coral das Mulheres Negras de Sorocaba	O Coral das Mulheres Negras de Sorocaba é um grupo de prática vocal voltado ao empoderamento da mulher preta. Foi criado ainda em 1997, através da ONG MOMUNES, idealizada por Mazé Lima. Atualmente, o grupo está de volta e conta com a coordenação de Lourdes Lieji, com a maestrina Ananda Jacques e também com sua assistente Jéssica Moraes. ⁶⁵	Apresentação na programação cultural
Sujeito Coletivo	Formado por André Bof e Piobeatz, dizem que são "um coletivo, um projeto, um	Apresentação na programação cultural

⁶² Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Chu8JAJOLC6/> Acesso: 10.06.2024

⁶³ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Chu6izxOWJ4/> Acesso: 10.06.2024

⁶⁴ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CebmR7AO6c_/?img_index=1 Acesso: 10.06.2024

⁶⁵ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BwPgN3-HU5k/> Acesso em 10.06.2024

	objetivo, um caminho de emancipação". Músicos do RAP, Mc's. ⁶⁶	
Grupo Cia MilitArte	O grupo é composto por quatro artistas de Sorocaba, que se unem com o intuito de trocar experiências, unir forças e contribuir com a cultura pública da cidade. Pensando também em levantar questões sociais e políticas, a fim de construir diálogos simples e reflexivos para que possamos aprender e levar aprendizado, buscando novos métodos de expressão corporal e vocal, através de pesquisas externas e internas. ⁶⁷	Apresentação na programação cultural
O Krucató	Krucató é mais que um Bloco de Percussão ou uma Banda, é um negócio social que busca conectar pessoas através da arte. A proposta é unir as pessoas com suas mais diversas experiências e idades para tocar músicas predominantemente brasileira mas de diversos estilos, épocas e regiões e, assim combater com cultura e vivência a intolerância e desrespeito com o outro, aumento da depressão e síndrome de ansiedade que aumentam em nossa região. ⁶⁸	Apresentação na programação cultural

Fonte: Próprio autor

Assim, a colaboração é a essência da Feira do Beco do Inferno, desde que começou a existir, foi pensada e planejada de forma colaborativa, por um grupo de artistas que teve e segue tendo apoio de vários outros grupos além do próprio evento, estabelecendo laços e conexões firmes entre as pessoas participantes, colaboradoras e apoiadoras.

É possível notar que os artistas se apoiam e se inspiram uns nos outros; enquanto os organizadores lutam e trabalham muito para poderem evoluir e manter cada edição, eles deixam claro para o público participante que essa união é indispensável para fortalecer a comunidade. Isso fica explícito em seus

⁶⁶ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtqvHBxubW/> Acesso em 10.06.2024

⁶⁷ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtdswC6nCXm/> Acesso em 10.06.2024

⁶⁸ Informações extraídas da página de divulgação do Instagram do evento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1GluiWAPQ5/> Acesso em 10.06.2024

anúncios nas páginas de divulgação oficial do evento em meio eletrônico, como segue:

Uma satisfação imensa poder contar com artistas interessados em fazer parte de uma Feira que atua diretamente no fomento da arte autoral em Sorocaba e Região. Participar de uma edição da Feira Beco do Inferno é fazer parte de uma manifestação cultural maior que qualquer intenção individual. É o trabalho coletivo, a vontade de contribuir com a comunidade, que leva tantas pessoas envolvidas a estarem em harmonia e em acordo, proporcionando um dia de vendas para mais de 200 expositores, diversão para a família inteira, segurança e **visibilidade para a diversidade** sempre potente e pulsante. Contamos com vocês, público consciente e maravilhoso para mais uma vez estarmos **resistindo em praça pública.**⁶⁹

Os grifos do trecho acima não aparecem em destaque no texto original, foram feitos para que o leitor dessa pesquisa possa perceber com maior ênfase o quanto ressaltam a questão do trabalho coletivo, da luta pela diversidade e da questão de resistência, sobretudo em praça pública. Assim, evidencia-se que pulsa uma intenção de fazer com que as edições da Feira sejam relevantes socialmente e possam - para além das vendas e da diversão – ter a potência de transformação social, de legitimar pautas e transmutar vítimas da opressão em protagonistas.

Nesse sentido, parte da discussão desta pesquisa foi dedicada a pensar as possibilidades e potencialidades de refletir sobre este evento como um movimento social, entendido como "parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não estão cristalizadas em estruturas, onde a ação é portadora imediata de tessitura relacional da sociedade e do seu sentido" (Melucci, 1994, p. 155). Com isso, considera-se pensar sobre a Feira do Beco do Inferno como uma *personagem*, que atuaria na cena histórica de Sorocaba com alguma unidade de consciência e ação, mas tendo em vista que tal suposta unidade não é garantida uma vez que a análise deve levar em conta a existência e mobilização de recursos internos e externos, as formas de construção e manutenção das estruturas organizacionais, além dos conflitos e disputas internas resultantes em assunção e transição de lideranças (Melucci, 1989).

⁶⁹ Texto extraído da página de Instagram do Evento. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CzeHXVruBQX/> Acesso 20.03.2024

Assim, pensando nesta ação coletiva organizada e empreendida por um grupo de pessoas com objetivos específicos - objetivos estes relacionados a questões sociais, políticas, econômicas ou culturais - que surgem em resposta a injustiças, desigualdades, opressões ou, ainda, para promover mudanças sociais idealizadas de forma positiva ao longo do tempo, tenta-se compreender se a Feira se comporta como um movimento social. Para tanto, é essencial retomar conceitos com diferenciações ao longo da história que remontam a diferentes períodos e contextos, não havendo uma data única de início para todos, já que emergem em resposta a questões e demandas específicas em cada sociedade. O movimento operário, o movimento pelos direitos civis ou a luta pelo direito das mulheres são exemplos de como os interesses e necessidades podem mudar e movimentar as ações a serem realizadas pela sociedade.

Até o início do século XX, os autores se apoiavam apenas nos movimentos dos trabalhadores orientados por sindicatos, perspectiva que remonta ao Marxismo, à luta de classe entre os detentores dos meios de produção e os operários, porém novas lutas e outras perspectivas foram emergindo, tornando necessário considerar outras contribuições fundamentais à compreensão do tempo presente. Mas, sem esquecer, contudo, que estes não são objetos de estudo simples, uma vez que podem servir como uma espécie de lente através da qual problemas mais gerais - tais como as relações e interações sociais, as ações de conservação ou transformação do tempo presente, a relação entre sociedade civil e poder público, as relações intergeracionais, as transformações da juventude, do mundo do trabalho, da participação política, etc. - podem ser abordados (Melucci, 1994).

O sociólogo francês Alain Touraine, por exemplo estabeleceu diretrizes sobre os movimentos sociais que implicavam na combinação de princípios de identidade, oposição e totalidade, de forma a definir os movimentos sociais como: “a ação conflitante de agentes de classes sociais lutando pelo controle do sistema de ação histórica” (Touraine, 1977, p.336). Desta forma, Touraine passou a colocar a modernidade como central em suas análises, trazendo um olhar para os sujeitos com a noção de resistência à lógica do sistema e afirmando suas vontades e direito ao reconhecimento: deve-se olhar não apenas para a *reprodução social*, mas sobretudo para as propostas e ações de *produção* de novos modelos de sociedade, destaca o autor.

Em revisão da obra tourainiana feita por Maria da Glória Gohn, para o sociólogo francês em sua fase dos anos 1970, época da redação de *Production de la société*, os movimentos sociais não deveriam ser encarados como espécies de “heróis coletivos, acontecimentos dramáticos ou excepcionais, nem elementos ou forças novas na sociedade. São simplesmente partes do sistema de forças sociais dessa sociedade, disputando a direção de seu campo cultural” (Gohn, 2010, p. 99).

Alinhado a tal perspectiva, outra contribuição mais recente sobre os movimentos sociais é a de Manuel Castells (1999), que considera temas emergentes como a revolução das tecnologias das informações, a crise do capitalismo e do Estado e as pautas feministas, sexuais, ambientais, etc, em suas análises sobre os chamados “novos movimentos sociais”, pensados por Touraine no panorama do declínio das lutas relativas ao processo de produção e aumento do individualismo (Touraine, 1994), também abordados por Alberto Melucci (1999). Segundo este pensador italiano, a redefinição dos movimentos como ações coletivas, nos quais os sujeitos envolvidos passam a demonstrar para a sociedade os problemas, defini como ação coletiva: “um conjunto de práticas sociais e a capacidade das pessoas de incluir o sentido do que estão fazendo” (Melucci, 1996, p. 20), em consonância com a perspectiva de Touraine, para quem a sociedade civil seria um espaço de disputas, de lutas e de processos políticos.

Conforme afirma Gohn a respeito de suas ideias, seria este o espaço no qual:

[...] se localiza o processo de criação de normas, identidades, instituições e relações sociais de dominação e de resistência, porque ela tem uma capacidade de auto-reflexão. E é essa capacidade que é importante ser analisada nos movimentos sociais e não o repertório de suas ações. (Gohn, 2010, p. 105).

Deste modo, olhar para essas contribuições nos faz considerar que os movimentos sociais não se tratam apenas de uma dicotomia entre detentores de mão de obra e assalariados, mesmo as questões de classe social tendo sido consideradas como o principal motor da mudança social, e refletindo as contradições entre as classes dominantes e dominadas na sociedade capitalista

é importante ressaltar e analisar todos os meios e estratégias de dominação, exclusão e opressão além das mudanças históricas ocorridas nesse sentido.

De acordo com Maria da Glória Gohn (2011), na realidade histórica, os movimentos sociais sempre estiveram presentes, e continuarão a existir, em especial pelo fato de representarem forças sociais organizadas que reúnem indivíduos não apenas como um conjunto de trabalhadores em termos quantitativos, mas como um espaço de atividades e experimentação social com papel fundamental na geração de criatividade e inovações socioculturais.

Tendo em vista a ação de contestação da lógica da ordem do mundo social consoante à concepção de Touraine, percebe-se um desdobramento nas ideias do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos que, ao pensar nas lutas por justiça dos movimentos sociais na contemporaneidade afirma que:

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades". (Santos, 2003, p56).

Santos (2003) ao falar sobre não alimentar e reproduzir desigualdades e reconhecer as diferenças, nos abre uma brecha para compreender a necessidade de dar visibilidade, palco, voz e foco para determinadas situações ou grupos de pessoas, papel desempenhado durante a Feira do Beco do Inferno no sentido de lutar pelo reconhecimento das diferenças, colocando em prática uma política cultural, como fazem os movimentos sociais quando "intervêm em debates políticos, tentam dar novo significado às interpretações culturais dominantes da política ou desafiam práticas políticas estabelecidas" (Alvarez, Dagnino e Escobar, 2000, p. 23).

Isso se alinha, por exemplo, com uma concepção de cidadania associada a lutas democráticas portadoras de redefinição não apenas do sistema político, como também das práticas econômicas, sociais e culturais capazes de alterar o conjunto das vidas em sociedade, como presente em reflexões sobre as transformações sociais da América Latina após recente retorno da vida democrática, como segue:

[...] O campo de ação das lutas democratizantes se estende para abranger não só o sistema político, mas também o futuro do “desenvolvimento” e a erradicação de desigualdades sociais tais como as de raça e gênero, profundamente moldadas por práticas culturais e sociais. Essa concepção ampliada reconhece ainda que o processo de construção da democracia não é homogêneo, mas internamente descontínuo e desigual: esferas e dimensões diferentes têm ritmos distintos de transformação, levando alguns analistas a afirmar que esse processo é inerentemente “disjuntivo” (Alvarez, Dagnino e Escobar, 2000, p. 16).

Nas elaboração das programações do evento, percebe-se que essa inclusão do contra hegemônico e do não tradicional se faz presente. A exemplo disso, na XXIII edição, Andy Gabrielle, uma Drag Queen, cantora e produtora de músicas autorais, é anunciada nos meios de divulgação eletrônico do evento com destaque e de maneira afetuosa, quando chamada de “doce Andy Gabrielle”.

Figura 9: Divulgação da Drag Andy



Fonte: Instagram⁷⁰

⁷⁰ Texto extraído da página de divulgação on line do evento, Instagram: Na nossa parceria com a [@traga_drag](#) colocaremos em foco a doce Andy Gabrielle - às 15h . [@andy_gabrielle0](#)

De maneira mista, englobando os mais diversos eixos dessas pautas se fazem presentes na Praça Frei Baraúna, pessoas pretas dando dignidade a seus corpos, suas origens, identidades, culturas e histórias, mulheres vociferando às suas lutas e suas dores, grupos exibindo a cultura popular brasileira que tem sido engolida pela indústria cultural de massa, além de acontecerem ações sociais, incentivo ao consumo consciente e estímulo a apreciação de produções locais, dentre tantas iniciativas que podem ser observadas.

As contribuições de Alberto Melucci são fundamentais para compreender os sentidos e meios de movimentação deste evento que, a meu ver, busca intensamente estabelecimento de solidariedade e construção de identidade (Melucci, 1982), podendo ser visto conforme enfatiza o pensador italiano: “um sistema de ação que liga orientações e significados plurais” (Melucci, 1986).

Na agenda do evento é possível observar esses significados plurais, com o intuito de enaltecer diferenças, trazer à tona pautas importantes e resgatar memórias e identidades, como exemplificado na programação abaixo da XXIV edição, que tem início com os cuidados aos cabelos cacheados e crespos e segue com olhar para identidade cultural e gênero.

Existe uma importância política, e social e democrática de colocar esses assuntos em pauta e incluir essas atividades na programação, o cuidado com o cabelo crespo estando intrinsecamente ligado à luta contra o racismo estrutural e à promoção da diversidade e da auto aceitação. Por séculos, os padrões eurocêntricos de beleza têm dominado as representações midiáticas e influenciado a percepção de beleza da sociedade, marginalizando e

- Olá, Me chamo Andy Gabrielle tenho 19 anos, sou da cidade Sorocaba , comecei a cantar com 7 anos de idade, aos 14 comecei a escrever minhas próprias músicas autorais, já participei de grupos e corais e hoje sigo carreira solo, eu amo escrever aquilo que sinto no momento e foi assim que surgiram algumas músicas, aonde vou apresentar pela primeira vez para o público, a música me inspira e espero inspirar vocês também, então bora fazer parte dessa minha trajetória
❤️❤️❤️ work feira do beco 2022 🌟 Fonte: <https://www.instagram.com/p/CIII1-rLTT/> acesso: 15.02.2024

discriminando os cabelos crespos e cacheados, que são naturais de pessoas negras.

Nilma Lino Gomes afirma que, no processo de construção da identidade pessoal, o corpo pode ser visto como um suporte ou base para a identidade negra. Especificamente, o cabelo crespo é destacado como um símbolo poderoso e importante dessa identidade não sendo apenas uma característica física, mas também um elemento significativo e representativo da identidade cultural e étnica das pessoas negras (Gomes, 2003).

Ao dar centralidade à valorização dos cabelos crespos e cacheados, desafia-se esses padrões estéticos discriminatórios, e se enaltece sua valorização, o que gera um impacto significativo na autoestima e na identidade de muitas pessoas negras, que historicamente foram ensinadas a enxergar seus traços naturais como inferiores ou inadequados contribuindo para o empoderamento dessas pessoas. É uma forma de reivindicar o direito à representatividade e à igualdade de oportunidades.

Em sua obra: “Alisando nosso cabelo”, bell hooks (2005) fala sobre toda questão de opressão, racismo, machismo e sexismo inserida nas relações individuais que as mulheres têm com os seus cabelos, a partir de suas memórias de infância e história de vida, nos mostra como as mulheres sentem-se obrigadas a se inserirem em padrões brancos de beleza para se serem melhor aceitas no âmbito social, profissional e afetivo, nos mostrando o quanto a autoestima de mulheres negras é afetada em virtude das características de seus cabelos, e o quanto o mercado de cosméticos se aproveitou disso.

Hooks (2005) nos mostra o quanto a sociedade, as próprias mulheres negras e suas famílias vão aceitando e reproduzindo os diálogos sobre a necessidade de se alisar os cabelos, seja pela suposta facilidade com o cuidado dos fios, seja pelas maiores chances de se conseguir um emprego ou um bom relacionamento afetivo. O fato é que fica exposto através de seus depoimentos sobre sua vida de suas conversas com outras mulheres o quanto é difícil para elas e para os outros a aceitação de corpos femininos negros, deixando claro “como dói perceber a relação entre a opressão racista e os argumentos que usamos para convencer a nós mesmas e aos outros de que não somos belos ou aceitáveis como somos” (Hooks, 2005, p.5). Ao mesmo tempo o quanto é

importante e uma forma de resistência para pessoas negras manterem seus cabelos naturais, afirmando que:

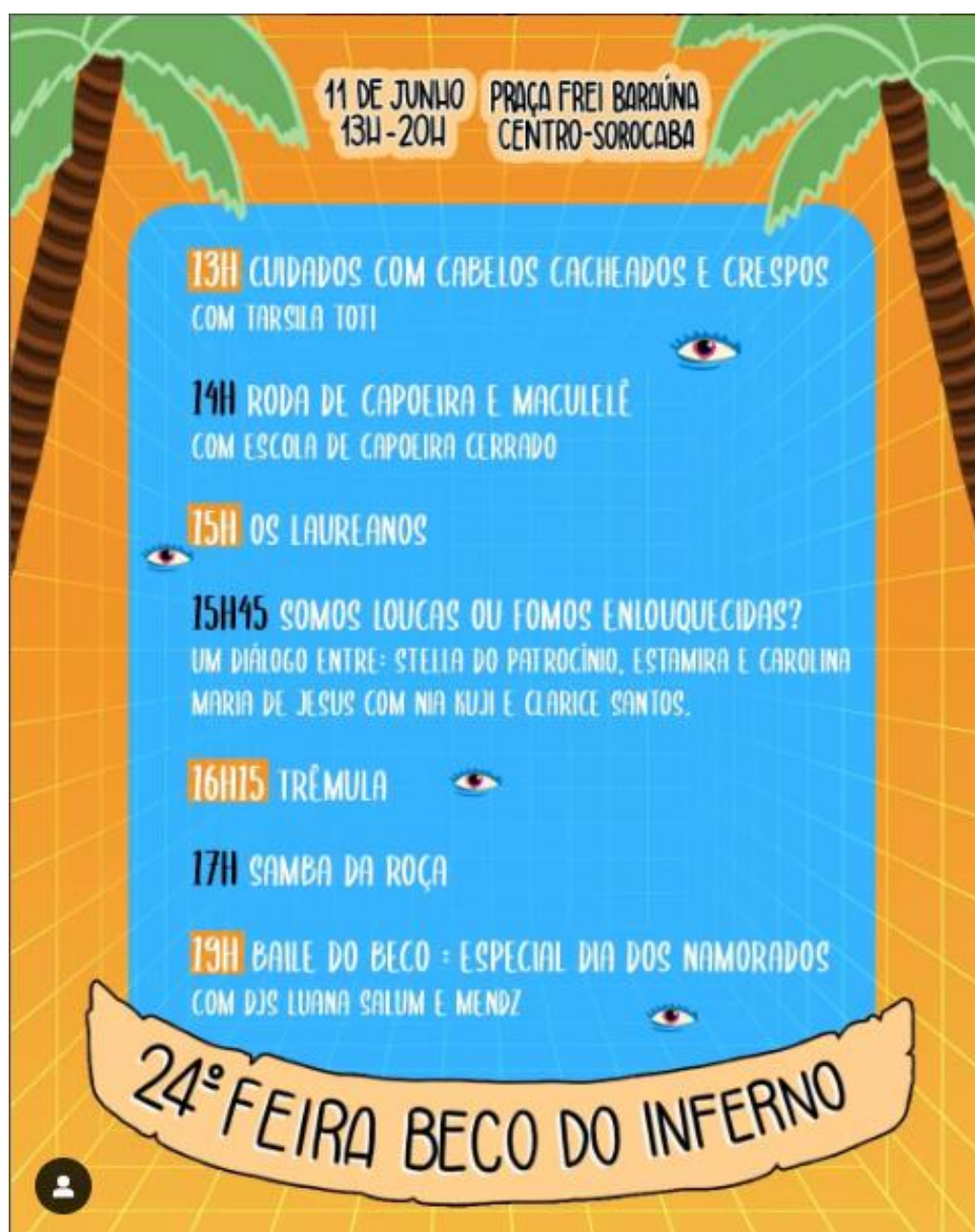
Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nos mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que freqüentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração. (Hooks, 2005, p. 8)

A mesma autora ainda traz um incentivo poderoso à compreensão dessa representatividade e o reconhecimento da identidade negra em um livro infantil “Meu crespo é de Rainha”, que através de frases doces e cheias de efeito como “Menininha do cabelo lindo e cheiro doce”, ou “Cheio de chamego” e de uma ilustração cativante feita por Chris Raschka, mostra que desde a infância a importância dessa valorização e reconhecimento pode ser trabalhada. (Hooks, 2018).

Ao retomar o olhar para a Feira, na mesma edição, de número XXIV, a programação do evento segue com apresentação de uma roda de Capoeira e Maculelê, manifestações tradicionais da cultura afro-brasileira com uma história marcada pela resistência e pela luta contra a opressão. Por muito tempo, essas manifestações foram marginalizadas e estigmatizadas no Brasil, o que transforma uma simples apresentação em um ato político, de representação social e valorização cultural.

Outros exemplos podem ser percebidos na sequência das atividades previstas na programação da Feira (como se nota na imagem abaixo), apenas separado por uma apresentação musical novamente as pautas importantes aparecem, um diálogo intitulado: “Somos loucas ou fomos enlouquecidas?”, enunciação que trouxe à tona as questões da desigualdade de gênero e do silenciamento das mulheres, buscando encorajar tanto mulheres como homens a refletirem sobre seus próprios comportamentos e atitudes.

Figura 10: Programação do 24º evento



Fonte: Instagram⁷¹

Assim, como percebe-se na discussão especializada do tema, as maneiras, motivos, objetivos e repertórios de manifestações têm se alterado ao longo dos anos. Atualmente, múltiplos temas fazem parte das ações coletivas que se apresentam de diversas formas: nas ruas, em atos, passeatas, reuniões,

⁷¹ Programação onde é possível perceber a diversidade de temas incluídos. Fonte: https://www.instagram.com/p/Cr_ZyYJOAn5/ data de acesso: 16.09.2023

em músicas, no teatro. No caso analisado por esta pesquisa, vemos que acontecem também potencialmente dentro do evento e através de meios eletrônicos de comunicação.

Em balanço sobre essa mudança nos modos de manifestar-se, de militar, de engajar-se política e socialmente da juventude, as autoras explicam que devido às mudanças sociais e à evolução das identidades e subjetividades dos jovens, refletindo uma variedade de contextos, as formas tradicionais de participação e engajamento político também são afetadas. Isso não significa que as formas clássicas tenham desaparecido, como partidos políticos e sindicatos, mas novas maneiras aparecem e trazem nomenclatura diferente, “coletivos”, “ocupas”, “frentes”, “levantes” etc” (p.2) também outros modos de participação. Assim, percebe-se que os jovens atribuem diferentes significados às categorias de participação e envolvimento político (Sposito, Tarábola e Ginzel, 2021).

De acordo com Melucci:

A situação normal do "movimento" hoje é ser uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana que requerem um envolvimento pessoal na experimentação e na prática da inovação cultural. Eles surgem apenas para fins específicos, como, por exemplo, as grandes mobilizações pela paz, pelo aborto, contra a política nuclear etc. A rede submersa, embora composta de pequenos grupos separados, é um sistema de troca (pessoas e informações circulando ao longo da rede, algumas agências, como rádios livres locais, livrarias, revistas que fornecem uma determinada unidade). (Melucci, 1986, p. 61).

O que se tem notado é uma explosão de movimentos que clamam por igualdade ou ao menos pela diminuição das desigualdades, opressões e preconceitos passando por debates de classe, gênero e raça, questões ambientais, animais, de migração, consumo entre outras, e como forma dessas expressões estão as ações coletivas e movimentos culturais assim como as mídias digitais vindo diversas vezes unidas no processo. Percebe-se uma emergência nesses assuntos no sentido de retomar a construção democrática de um país que se viu atolado em ideologias de extrema direita.

Não é possível responder se essas novas formas de ações são mais ou menos eficazes no sentido de culminar em mudanças sociais, ou resultar em políticas públicas eficientes que tragam dignidade para os múltiplos sujeitos, tendo em vista que como qualquer ação coletiva, onde pessoas estão unidas,

elas trazem consigo suas vontades, necessidades, egos e prioridades, o que pode causar certa dificuldade de engajamento nas lutas.

Nilma Lino Gomes em seu livro “O movimento Negro Educador”, fala sobre a dificuldade de articulação, comunicação, e engajamento nos movimentos, que acabam se concentrando na especificidade daquilo que os diferencia uns dos outros, assim como a dificuldade com relação aos avanços da agenda capitalistas e do neoliberalismo. (Gomes, 2018).

Mas o que se percebe na Feira do Beco do Inferno é que ela é um espaço no qual as pessoas mesmo com diferenças se unem em uma proposta que disputa os sentidos históricos da sociedade. Deste modo, este achado corrobora a ideia de Melucci (1995) de que os movimentos têm características de identidade coletiva entre seus participantes, afirmando que “a identidade coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões, conflitos entre os atores” (Melucci, 2002, p. 23).

A Feira também nos possibilita dialogar com o trabalho de Euzineia Carlos, (2009) que retoma as teorias dos movimentos sociais e aborda o conceito de Rede de Movimentos Sociais e seus três pilares: Redes Informais, Conflito social e Identidade Coletiva:

Os movimentos são formados por densas redes informais as quais permitem aos atores (indivíduos e organizações) as trocas de práticas e recursos simbólicos, através da coordenação de mecanismos de intercâmbio e distribuição que são negociados entre os próprios atores. Conflito social. Atores de movimentos sociais são engajados em conflito político e/ou cultural para promover ou se opor a uma mudança social. Conflito significa aqui uma relação de oposição entre atores que disputam um mesmo interesse (se político, econômico ou cultural); por exemplo, cuja demanda quando realizada por um, amarga o interesse do outro. Identidade coletiva. O movimento social toma corpo na medida em que desenvolve uma identidade coletiva, a qual vai além de um evento específico, de uma iniciativa ou campanha. A identidade coletiva é construída com base em interpretações e narrativas e permite que cada ator se identifique como parte do esforço coletivo, enquanto mantém sua própria identidade como ativista individual. Ela está associada ao reconhecimento mútuo entre os atores, o qual define as fronteiras de um movimento que são, por consequência, inerentemente instáveis.” (Carlos, 2009, p. 6 apud Diani, 2003b; della Porta e Diani, 2006)

Esses itens são percebidos nos envolvidos no evento, já que os artistas parecem fazer parte desse esforço coletivo, cada um com sua identidade buscando juntos, nesse caso, mudanças sociais. Ao fazerem isso, parecem atingir a identidade coletiva e se compreenderem como parte integrante do todo no processo.

5.2 Movimentar também educa

Os movimentos sociais e a educação estão interligados por um fio condutor que perpassa a busca por transformações sociais e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde podemos tecer uma possível conexão entre os assuntos.

A educação desempenha um papel fundamental na formação de consciências críticas dos cidadãos, ao mesmo tempo em que é influenciada pelas demandas e lutas dos movimentos sociais em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Miguel Arroyo afirma que, originalmente, os movimentos sociais nasciam e aconteciam através dos sindicatos exercendo um papel pedagógico na formação de lideranças políticas, além de contribuírem para educar as camadas populares, cumprindo uma função educativa (Arroyo 2003, p. 31).

Em nossa compreensão, os movimentos sociais estão postos no campo da educação não escolar, servindo como uma verdadeira arma para ampliar horizontes. Vale ressaltar que foi através de muitas lutas que se deu a expansão da escola pública e a educação como um direito de cidadania.

Tratando da educação formal, a professora Nilma Lino Gomes fala da constituição histórica da escola como um ambiente regulador, marcado por regras, normas e rituais, um ambiente em que prevalece o conhecimento científico e o entende como única forma do saber, além de ser um local de disciplinamento dos corpos (Gomes, 2018, p.134). A afirmação de que "a escola não é para todos" pode ser interpretada de várias maneiras, mas geralmente se refere ao fato de que nem todas as pessoas se adaptam ou se beneficiam do sistema educacional tradicional da mesma maneira.

Como amplamente discutido pela chamada teoria da reprodução social, da qual Bourdieu é um dos representantes (Nogueira, 1990), a escola é um

ambiente preparado para receber as pessoas que foram socializadas a partir de saberes que estejam compatíveis com aqueles que serão apresentados no ambiente escolar, para aqueles que saibam se portar e se comportar nesse espaço. A escola se torna uma instituição excludente para aqueles que não estão preparados para vivenciá-la.

A sociedade é historicamente diferenciada por suas condições sociais e culturais. Essas diferenças são fortemente afetadas pelas desigualdades, que se tornam cruéis quando a população é guiada por regimes autoritários, conservadores e elitistas, acentuando o sofrimento humano com a baixa qualidade de vida, sanções da liberdade em diferentes aspectos e diminuição dos direitos humanos.

No enfrentamento às desigualdades sociais, os movimentos sociais podem desempenhar um papel educativo de várias maneiras relevantes, incluindo a promoção da aprendizagem e a criação de uma plataforma para que diversas pessoas se identifiquem com pautas ou situações em que se sentem excluídas do ambiente escolar, não se identificam culturalmente ou que são negligenciadas no contexto educacional. Nesse sentido, Arroyo afirma que:

A teoria pedagógica se revitaliza sempre que se reencontra com os sujeitos da própria ação educativa. Quando está atenta aos processos de sua própria formação humana. Quando a ação educativa escolar ou extra-escolar, de formação da infância, adolescência ou de jovens e adultos se esquece deles e de seus processos, movimentos e práticas sociais, culturais e educativas e se fecha em discussões sobre métodos, conteúdos, tempos, instituições, calendários, avaliação... se perde e desvirtua. Perde suas virtualidades como teoria e prática educativa. (Arroyo, 2003, p. 34)

Em outro trabalho mais recente, ao abordar a diversidade dos movimentos sociais o autor argentino afirma que não é possível falar em apenas uma pedagogia, mas sim de “pedagogias antagônicas construídas nas tensas relações políticas, sociais e culturais de dominação/subordinação e de resistência/afirmação” (Arroyo, 2012, p. 29), indo ao encontro da perspectiva de Boaventura Sousa Santos (2002) sobre trajetória do conhecimento e as formas do saber, que se caracterizam por essa trajetória.

Desta forma, a Feira em questão, entendida como um grande movimento cultural produzido coletivamente, é um ambiente que pode ser considerado

extremamente pedagógico, um espaço em que a diversidade humana é exposta; os saberes outros, aqueles não acadêmicos, mas de lutas, de vidas atravessadas por dificuldades, são enaltecidos e evidenciados.

As trocas e conexões que acontecem de artista para artista e de artista para público são ricas e cheias de detalhes que podem produzir efeitos sobre a cultura política, sobre aquilo que conta como político e na busca por reconfigurar a cultura política dominante:

As políticas culturais dos movimentos sociais tentam amiúde desafiar ou desestabilizar as culturas políticas dominantes. Na medida em que os objetivos dos movimentos sociais contemporâneos às vezes vão além de ganhos materiais e institucionais percebidos; na medida em que esses movimentos sociais afetam as fronteiras da representação política e cultural, bem como a prática social, pondo em questão até o que pode ou não pode ser considerado político; finalmente, na medida em que as políticas culturais dos movimentos sociais realizam contestações culturais ou pressupõem diferenças culturais - então devemos aceitar que o que está em questão para os movimentos sociais, de um modo profundo, é uma transformação da cultura política dominante na qual se movem e se constituem como atores sociais com pretensões políticas (Alvarez, Dagnino e Escobar, 2000, p. 26).

O esforço que existe em manter o evento como um local democrático, participativo e acolhedor se dá no sentido de ofertar um tempo e espaço de qualidade em trocas de saberes entre os sujeitos, um espaço de construção de narrativas, encontros identitários e de fuga da perversidade de uma sociedade que vem sendo estrategicamente moldada aos ideais conservadores, elitistas e neoliberais.

Em minhas anotações ao observar a Feira, trago uma especial lembrança ao ver uma adolescente encantada ouvindo cada explicação de uma Mãe de Santo que estava em um estande de venda de imagens (feitas artesanalmente) que representam entidades das religiões de matriz africana.

Nessa mesma banca estavam disponíveis e à venda uma variedade de figuras que representam divindades, orixás e entidades espirituais veneradas no Candomblé e na Umbanda. Imagens com significados profundos para os praticantes dessas religiões, pois representam a conexão com o divino e são usadas em rituais e cerimônias religiosas, inclusive frequentemente usadas em altares domésticos.

O olhar e escuta atenta dessa menina, que permaneceu ali por largos minutos, nos mostra a importância do diálogo, do conhecimento adquirido com essa troca, um aprendizado que não está nos bancos das escolas e cumpre funções mútuas de conhecimento e de minimização de preconceitos, que traz os saberes não científicos, e demonstra que existem possibilidades várias de conexão com a fé e com a convivência democrática com as diferenças.

Pensando na Feira como esse grande espaço de movimentos sociais, vale lembrar que os movimentos sociais aparecem dentro da lei de diretrizes e bases da educação (LDB), Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que define em seu artigo primeiro que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, e organizações da sociedade civil nas manifestações culturais” (Brasil, 1996).

Em nossa perspectiva, esse evento acaba se comportando como um ambiente de educação não-escolar, os jovens estão construindo espaços de formação profissional, artística, cultural, social, identitária que dão a eles ferramentas e elementos de participação no contexto social. Sobre esses espaços Martins (2016, p.55) traz uma importante contribuição:

Há diferentes iniciativas educacionais não escolares que se orientam pela Tendência Pós-Moderna, mas as mais relevantes são as desenvolvidas por “coletivos” e organizações sociais – Novos Movimentos Sociais - articuladas em torno do “Fórum Social Mundial”. Embora este seja espaço plural de concepções práticas educativas, em seu interior encontram-se grupos que se referenciam em Sousa Santos, Castells, Wallerstein, Hardt, Negri, Touraine, etc. Destaque-se que as iniciativas educativas deles contribuíram, sobremaneira, para educar jovens que no Brasil produziram os movimentos de junho de 2013. Esta e as demais lutas sociais anticapitalistas protagonizadas por esses sujeitos revelam que, na pluralidade que os caracteriza, há um germe de perspectiva transformadora da estrutura social (Freitas, 2005)

As contribuições de Sposito (2000) nesse sentido retomam a importância e impacto que movimentos feministas e movimentos negros tiveram no âmbito da esfera pública e da educação, ressaltando que mesmo sendo de difícil

avaliação e de efeitos não facilmente verificáveis, afirma que “algumas das reivindicações chegam a ser incorporadas em currículos do sistema público de alguns estados, municípios ou nas propostas inovadoras de formação de professores” (Sposito, 2000, p.75).

Existe um processo educativo estritamente ligado ao que se apresenta na Feira, a própria participação comunitária e a troca de conhecimentos através de atividades culturais, oficinas e palestras e até mesmo da apreciação das obras de arte expostas para venda. Tudo isso proporciona um ambiente de aprendizagem colaborativa e informal, com troca de saberes e valorização das experiências vividas fora do ambiente escolar tradicional, que por muitas vezes inclusive não seriam contempladas nas salas de aula. Essas experiências vão sendo traduzidas em significados que potencialmente farão parte do campo de disputa das narrativas sociais e políticas de construção da cidade, de seus planos de governo e políticas públicas municipais.

Fica mais uma indagação sobre os embates que o evento tem com o poder público: será que as dificuldades e falta de apoio também não acontecem prevendo que desse espaço coletivo possam sair sujeitos que se pretendam mais participativos, engajados e dispostos a lutar pela mitigação de um projeto perverso de Estado? O que veem e absorvem com as trocas na Feira pode acarretar um desenvolvimento pessoal possível de acreditar e cobrar uma sociedade mais justa e democrática.

Esse movimento chamado de Feira do Beco do Inferno se ampliou ao longo dos anos e ganhou força em quesito de participação de público e de artistas, continua sendo um movimento que resiste e persiste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta dissertação foi investigar "A Feira do Beco do Inferno" em Sorocaba, revelando sua significância como fenômeno cultural e social. Essa análise foi motivada pela hipótese de que a Feira transcende sua aparente função de evento artístico para se estabelecer como um importante veículo de expressão e engajamento juvenil em um ambiente conservador, refletindo sobre as possibilidades e limites de compreendê-la como um movimento social

transgressor na promoção de arte e cultura. Ao iluminar as dinâmicas culturais e sociais presentes no evento, este estudo tentou contribuir para a compreensão dos espaços urbanos como cenários de articulação coletiva e transformação social e para os modos como as ações coletivas organizadas “transitam, fluem e acontecem em espaços não-consolidados das estruturas e organizações sociais”, tal qual Melucci caracterizou os movimentos sociais (Melucci, 1994).

O trabalho revelou que a Feira do Beco do Inferno é mais do que um evento cultural: ela se configura como um espaço de resistência e expressão para a juventude e grupos marginalizados, fomentando diálogos importantes que geram impacto para a população da cidade. A Feira tem sido uma plataforma para que jovens artistas e ativistas exponham suas obras e ideias, promovendo a diversidade e estimulando a reflexão crítica em meio a um contexto social conservador. Este evento facilita o encontro de diferentes vozes, permitindo a emergência de uma consciência coletiva voltada para a inclusão e a justiça social.

A pesquisa contribui para a teoria relacionada à discussão sobre participação política e movimentos culturais, evidenciando como eventos locais podem atuar como catalisadores de mudança social. A Feira do Beco do Inferno exemplifica a potência dos espaços culturais em desafiar o *status quo*, ao proporcionar um ambiente onde a arte e a expressão política podem convergir e incitar ao diálogo e à ação, questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política local, por vezes disputando a esfera pública numa perspectiva habermasiana, na qual cabem aos autores da sociedade civil além da preservação a ampliação da infraestrutura comunicativa por meio da denúncia de problemas e produção de informações capazes de produzir mudanças (Avritzer e Costa, 2004)

Assim, este estudo ressalta a importância de disputar políticas públicas que reconheçam e apoiem iniciativas culturais como a Feira, pois elas desempenham um papel crucial em nutrir o tecido social e cultural de uma comunidade.

Os impactos sociais e culturais da Feira do Beco do Inferno em Sorocaba são notáveis se tornando um marco na cidade, desafiando concepções tradicionais de arte e cultura e promovendo uma inclusão social mais ampla. O evento demonstra como a cultura pode servir como um meio de reflexão e crítica

social, ao mesmo tempo em que fortalece laços comunitários e fomenta a cidadania ativa. Esse espaço cultural proporciona uma plataforma vital para a expressão da juventude, oferecendo oportunidades para a experimentação artística e o engajamento político.

Contudo, este estudo, centrado em um único evento e local, tem suas limitações: pesquisas futuras poderiam adotar uma abordagem mais ampla, considerando múltiplos eventos culturais em Sorocaba ou outras cidades para entender melhor a dinâmica entre cultura, sociedade e política. Além disso, uma perspectiva longitudinal poderia proporcionar uma visão mais aprofundada das mudanças na cultura local e seu impacto na comunidade ao longo do tempo.

Para aprofundar o entendimento das interações culturais e sociais em eventos como a Feira do Beco do Inferno, recomenda-se a realização de estudos comparativos em diferentes contextos geográficos e sociais. Investigar como eventos similares funcionam em outras cidades ou países pode revelar padrões universais ou peculiaridades locais no uso da cultura como meio de expressão e resistência social. Ademais, explorar a perspectiva dos participantes, incluindo artistas, organizadores e público, forneceria pistas valiosas sobre o significado e o impacto desses eventos.

Este estudo permitiu uma compreensão do papel dos eventos culturais na sociedade, particularmente em contextos urbanos em que a cultura pode ser uma força de mudança social. A Feira do Beco do Inferno é um testemunho vivo do potencial da arte e da cultura como instrumentos de engajamento social e político, que podem ser utilizados através de um evento.

Destaco a necessidade de reconhecer e valorizar esse espaço como legítimo e necessário para exercício da cidadania e para além, como afirma Elaine Moraes em sua Dissertação de Mestrado que versa sobre os eventos utilizados como estratégia de comunicação em movimentos sociais: “os movimentos sociais utilizam os eventos para comunicar e reivindicar, tornando público os seus ideais e lutas” (Moraes, 2013, p. 15).

Ademais, percebemos assim como afirma Moraes, que os eventos são ações que refletem a vontade coletiva, e contribuem para dar visibilidade aos movimentos e ainda ao expressarem suas reivindicações, pressionam o poder público e influenciam a opinião pública. (Moraes, 2013).

O estudo da Feira do Beco do Inferno em Sorocaba desvendou um panorama rico e complexo de interações sociais e culturais, articuladas por jovens em um espaço que transcende a mera celebração artística. Esta investigação destacou o evento não apenas como uma arena de expressão cultural, mas também como um fórum de resistência, aprendizado e engajamento social.

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que a Feira do Beco do Inferno constitui um microcosmo representativo das dinâmicas da juventude em ação, cada um dentro de suas causas e com seus objetivos. Os jovens participantes não só compartilham e celebram suas obras artísticas e culturais, mas também se engajam em diálogos críticos sobre sua realidade social, política e econômica dentro de um ambiente no qual se sentem pertencentes, criam e modificam identidades. Deste modo, nossa análise sobre tais jovens está em acordo com a afirmação de Silva (2014), quando diz que aqueles que reivindicam uma identidade não se limitam a serem posicionados por ela, sendo capazes de “reconstruir e de transformar identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum” (Silva, 2014, p. 29).

Assim, o evento serve como um estímulo para o desenvolvimento de uma consciência crítica entre os jovens, fomentando um senso de comunidade e pertencimento. O clima do evento e o modo como ele transcorre, mostra que os participantes vão fazendo trocas: trocam histórias, saberes, angústias, valores, crenças, modos de execução de trabalho, se inspirando e sendo inspiração para os outros artistas. Deste modo, vão sendo percebidos pelo público ali presente, que nessa interação pode se identificar (ou não) com cada arte exposta, ou com as apresentações que ocorrem, sendo assim um ambiente de estímulo a reflexão e possível transformação.

A Feira, além de ser um espaço de lazer, emerge como um laboratório social onde os jovens experienciam e exercitam formas de organização, ativismo e manifestação cultural, configurando o exemplo de lente para transformações sociais mais amplas, como afirma Melucci (1990). Essa vivência coletiva na feira reforça identidades, promove a inclusão social e estimula a reflexão e a crítica sobre as questões que afetam seu cotidiano e sua comunidade.

Um aspecto crucial identificado na pesquisa é o papel da Feira do Beco do Inferno na quebra de barreiras conservadoras na cidade de Sorocaba, ao

proporcionar um espaço em que a liberdade de expressão prevalece, o evento desafia as normas e convenções locais, promovendo uma cultura de resistência coletiva. A feira, portanto, não é apenas um evento local, mas um movimento coletivo que reflete e influencia as dinâmicas culturais e sociais mais amplas, e que pode ao longo do tempo se tornar um movimento social específico.

Através das vozes e experiências dos jovens envolvidos, o estudo revelou que a Feira do Beco do Inferno é percebida e significa um espaço vital para a articulação de ideias, emoções e aspirações. Essa percepção reitera a importância de eventos culturais como ferramentas de empoderamento e transformação social, particularmente em contextos urbanos marcados por desafios socioeconômicos, culturais e políticos.

O que parece estar em jogo aqui não é a igualdade, mas sim a possibilidade de não ser igual, fazer a diferença ser a forma motriz que impulsiona os sujeitos a manifestarem-se, a se tornarem visíveis para o próximo e para a sociedade.

Pensar a Feira do Beco do Inferno como um grande coletivo cultural/social também faz pensar em como ela estabelece relações com outros coletivos e como ela participa dos conflitos por legitimidade junto à sociedade civil e ao poder público da cidade.

Em conclusão, a Feira do Beco do Inferno em Sorocaba pode ser considerada um fenômeno social que ilustra o poder da cultura e da arte como meios de expressão, educação e espaço de disputas por transformações. Este estudo sublinha a necessidade de reconhecer e apoiar tais espaços, que oferecem oportunidades valiosas para o crescimento, aprendizado e engajamento cívico da população sobretudo da juventude.

Por fim, os resultados deste trabalho ressaltam a relevância de pesquisas futuras que continuem a explorar a intersecção entre cultura, juventude e transformação social, política e movimentos sociais, adicionando os eventos como uma ferramenta estratégica.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ABRAMO, Helena. Wendel; LEÓN, Oscar. Dávila **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 1. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 37-72.

AGUM, Ricardo; RISCADO, Priscila; MENEZES, Monique. Políticas públicas: conceitos e análise em revisão. *Revista Agenda Política*, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 12-42, jul./dez. 2015.

ALMEIDA, Alúcio de - **História de Sorocaba**. Sorocaba: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1969.

ALVAREZ, Sonia., DAGNINO, Evelina., & ESCOBAR, Arturo. O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In: S. Alvarez, E. Dagnino & A. Escobar (Eds.) *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos (novas leituras)*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.

ANDRADE DE SOUZA, Maria José; NOGUEIRA VIEIRA LIMA, Adriana; SILVIA DE VIVEIROS E OLIVEIRA, Liana. O Direito nas trincheiras da cidade: urbanismo corporativo e práticas contra-hegemônicas / The law in the city's trenches: corporate urbanism and counter-hegemonic practices. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 612-644, mar. 2020. ISSN 2179-8966. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/48189>. Acesso em: 10.07.2023.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em Movimento – O que Temos a Aprender dos Movimentos Sociais? – **Currículo sem Fronteiras**, v3, n.1, pp28-49, jan/jun 2003

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados**, v. 47, n. 4, p. 703–728, 2004.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BORGES, Vera; FARIA, Ivan. Jovens, formação e mercados artísticos: Dois contextos entre Portugal e Brasil. **Cidades, Comunidades e Territórios**. p. 42-54, junho de 2015.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da Cultura e Políticas Públicas. São Paulo em **Perspectiva (Online)**. 2001. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011 Acesso: 02.03.2024

BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. **Gosto de classe e estilo de vida**. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos De Pesquisa**, 39(138), 715–746. 2013. disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/209>. Acesso: 20.08.2023

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei n  9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei N 12.852**, 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – **SINAJUVE**, 2013

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARLOS, Euzineia. Das teorias de movimentos sociais   análise de redes sociais. **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires. 2009.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Folclore em Sorocaba**. Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1999.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural. **O direito à cultura**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 16, núm. 2 pp 221-236, 2003

COLI, Jorge. O que é arte. 8º edição, São Paulo: **Brasiliense**. 1987

CORROCHANO, Maria. Carla. [et al.]. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa, Instituto IBI, 2008.

CORROCHANO, Maria. Carla. **O trabalho e a sua ausência: narrativas juvenis na metrópole**. São Paulo: Annablume; Fapesp. 2012.

CORROCHANO, Maria. Carla.; ABRAMO, Helena. Wendel.; ABRAMO, Lais. Wendel. O trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões e limites. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo**, v. 22, n. 36, p. 135-169, 2017.

CORROCHANO, Maria. Carla; TARÁBOLA, Felipe. de Souza. Neoliberalismo, Trabalho e Pandemia: Experiências e Enfrentamentos de Jovens das Periferias. **Educação & Sociedade**, v. 44, p. e274390, 2023

DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura**. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, p. 121-128, 1986.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventude? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DIAS, Mauricio Sergio. **Minha Rua, Nossa História: Personagens e fatos que dão nome às ruas de Sorocaba**. 1. ed. Sorocaba: Linograf, 2002. 236 p.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, n115, p. 139-154, março de 2002.

DURKHEIM, Émile – **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.20 n.36, p 166-178, jan./jun. 2016.

FERREIRA, Vitor Sérgio; NUNES, Cátia. Para lá da escola: transições para a idade adulta na Europa. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, vol. 18, n.3, p. 169-206, nov. 2013/fev.2014.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos**. 1. ed. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. Política, isolamento e solidão: práticas sociais na produção da violência contra jovens. In M. A. Sales, M. C. Matos & M. C. Leal (Orgs.), **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 81-103.

FREIRE, Paulo. **A importância de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986

GARCIA, Neiva Rosa. "Espetáculo de rua": manifestações culturais no Largo Glênio Peres e no Brique da Redenção na cidade de Porto Alegre-RS. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2005. DOI: 10.22456/1984-1191.9200. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9200>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais.**, SP: Ed. Loyola, 2010.

GOHN, MARIA DA GLÓRIA. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011

GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afro-brasilidade em tempos de incertezas. **Revista ABPN**, v. 10, n. 26, p. 111-124, jul./out. 2018. Disponível em www.abpn.org. Acesso em 20 fev. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa [online]**. 2003, vol.29, n.1, pp. 167-182.

GONÇALVES, Júlio; GONZALEZ, Jorge Luis Cammarano. Escola política e poder local: antecedentes do primeiro ginásio público de Sorocaba. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, n.27, p.179 –199, set. 2007. Disponível em [art15.27\(unicamp.br\)](http://art15.27(unicamp.br)) Acesso em 5 de Agosto de 2023

GROPPO, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese, Florianópolis**, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. ISSN: 1806-5023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética Volume I**. Trad.: Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

HERMES, Hernani Silvério; SILVA, Denise Almeida. "I Belong to this Place of Words": Memória, Pertencimento e Escrita em Bell Hooks. **Revista de Literatura, História e Memória**. Vol. 15 N.25. P117-129. Unioeste. Cascavel - PR. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/21116> Acesso: 26.09.2023.

HOOKS, bell. *Bone Black: memories of girlhood*. New York: Holt, 1996.

HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y artista de Cuba, jan-fev. 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos.

HOOKS, bell. **Meu crespo é de rainha**. Tradução: Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018. Disponível em: <https://www.unifesp.br>. Acesso em: 19 de Junho de 2024

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA (2007) **Boletim de Políticas Sociais** – Acompanhamento e Análise nº 13, Edição Especial, Brasília: IPEA.

JAPIASSÚ, Hilton.; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Sete vereadores eleitos são ligados a doutrinas religiosas**. Sorocaba, 09 out. 2012. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/425258/sete-vereadores-eleitossaoligados-a-doutrinas-religiosas>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LECCARDI, Carmem. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo social**, Nov. 2005, v17, n.2, p.35-57

LEFEBVRE, H.. **O direito à cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LIMA, Renato Rodrigues. O conceito de cultura na visão do antropólogo Laraia. **Revista Desafios**, 1(2), 199-203. Jan/Jun 2015. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-53158-4> Acesso: 25.09.2023.

MANNHEIM, Karl. "El problema de las generaciones" [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, pP. 193-242.

MARTIN, Monique de Saint. A Noção de Campo em Bourdieu. **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 10 n.26. set/dez 2022, p. 222-235.

MARTINS, Marcos Francisco. Educação não escolar: discussão terminológica e mapeamento dos fundamentos das tendências. **Contrapontos [online]**. 2016, vol.16, n.1, pp.40-61. ISSN 1984- 7114.
Disponível em: <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v16n1.p40-61>. Acesso em 06.08.2023

MARTINS, Tiago Leal; NETO W. A. S. Cidades são pessoas: o espaço público como garantia constitucional do cidadão. **Revista Ciências & Saberes**. Brasil, v2, n4, 2016.

MATIAS, Marlene. Organização de eventos: procedimentos e técnicas. 3ª ed. Barueri: Manole, 2004.

MAY, T. **Pesquisa social. Questões, métodos e processos**. 2001. Porto Alegre, Artemed.

MEIRA, Sandro Ivo. **Planejamento e Gestão Urbanos em Sorocaba-Sp: Análise das Políticas Públicas de Habitação Popular**. Dissertação (mestrado) UFPA, Paraná. 2005

MELLO, Maria Benedita Portugal e. O campo artístico e a produção dos gostos culturais nas sociedades modernas. **Revista da Universidade Fernando Pessoa**, 4, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/6845>. Acesso em 25.09.2023

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Criatividade em eventos**. São Paulo: Contexto, 2000

MELUCCI, Alberto. **L'Invenzione del presente. Movimenti, Identità, Bisogni Individuali**. Bolonha, Il Mulino, 1982

MELUCCI, A.. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 17, p. 49–66, jun. 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/g4ySjtRNsbiW73tXTR4VNNs/> Acesso: 10.05.2024

MELUCCI, Alberto. Movimentos Sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento – entrevista a Leonardo Avritzer e Timo Lyra. **Novos Estudos. Cebrap**. São Paulo: Cebrap, n. 40, p. 152-66, 1994.

MELUCCI, Alberto. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia**. El Colégio de México, 1999.

MELUCCI, Alberto. Acción colectiva, vida cotidiana y democracia. México: El Colegio de México, **Centros de Estudios Sociológicos**. 2002

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade degli Studi di Milano, Tradução de Angelina Teixeira Peralva. Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, n. 2, 1996, p. 3-14. Disponível em: Acessado em: 21 ago. 2023.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. **Revista Lua Nova**, nº 17, São Paulo, CEDEC, 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/g4ySjtRNsbiW73tXTR4VNNs/#> Acesso: 10.05.2024.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MORAES, Elaine Cristina Gomes. **Os eventos como estratégia de comunicação em movimentos sociais: um estudo de caso sobre a Parada da Diversidade de Bauru** / Elaine Cristina Gomes de Moraes, 2013

NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia Da Educação Do Final Dos Anos 60 / Início dos Anos 70: O Nascimento Do Paradigma Da Reprodução. **Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 46, abr. jun. 1990.

NOVAES, Regina Reys. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In Osmar Fávero, Marília Pontes Spósito, Paulo Carrano & R. R. Novaes (Orgs). **Juventude e contemporaneidade** Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 253-281.

OLIVEIRA, Marco Antônio Nunes. **Sarau Palavra Encantada no Cantinho do Girassol: um espaço cultural na periferia da cidade de Sorocaba**, 2018. 116p. dissertação (mestrado), Universidade Federal de São Carlos - centro de ciências humanas e biológicas departamento de ciências humanas e educação programa de mestrado em educação. 2018.

PAIS, José Machado. As múltiplas “caras” da cidadania. In: CASTRO, Lucia Rabello de; CORREA, Jane (orgs.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU editora: FAPERJ, 2005. p. 107 - 133.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 15 a 24, 1997.

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARRIERI, Alexandre de Padua; LEITE DA SILVA, Alfredo Rodrigues; JUNIOR, Claudio Borges Abate. Mudanças simbólicas: análise discursiva das transformações identitárias e espaciais em uma feira. **Cadernos Ebape**. Br. V5, nº1, Março 2007.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. A invenção da “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914) / Arnaldo Pinto Junior. -- Campinas, SP: 2003. Dissertação (mestrado) – **Universidade Estadual de Campinas**, Faculdade de Educação.

PUGEN, B. A inserção da comunidade na gestão de eventos como forma de desenvolvimento local, In: **V SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM TURISMO**, 2008, ANPTUR anais. INSS 23596805. Disponível em: anptur.org.br/anais/anais/sumario.php?versao=5
Acesso: 13.05.2023

REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE. Novo Ensino Médio e indução de desigualdades escolares na rede estadual de São Paulo [Nota Técnica]. São Paulo: **REPU**, 02 jun. 2022. Disponível em: www.repu.com.br/notas-tecnicas. Acesso 17.05.2024.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 103–118, maio 2003.

SÁ-SILVA, Jackson. Ronie.; ALMEIDA, Cristovão Domingos de.; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009

SANTOS, Boaventura de Sousa – **Pela Mão de Alice: o social e o político na pósmodernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2003

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: **Revista Brasileira de Educação**. Jan./Abr. v. 12, n. 34 Campinas/São Paulo: Editora Autores Associados Ltda. p. 152-165, 2007.

SILVA, Gleicy Mailly da. **Empreendimentos sociais, negócios culturais: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo**. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2017.tde-06022017-113032. Acesso em: 20.02.2022

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A cidade, a Igreja e a escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.48.2010.tde-14062010-161439. Acesso em: 2024-06-17.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, SP: **Fundação Perseu Abramo**, 2009

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações públicas: função política**. São Paulo: Summus, 1995

SOROCABA. Lei Ordinária 11326 de 18 de Maio de 2016. **Institui o Plano Municipal de Cultura de Sorocaba para o decênio 2017-2026**. Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais, 2016. Disponível em: <https://www.camarasorocaba.sp.gov.br/propositura.html?id=5e3f0e0a05d7040f28b45501> Acesso em 18/04/2022

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo. nº 24, Set/Out/Nov/Dez 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. & SOUZA, Raquel. Desafios da Reflexão Sociológica para a Análise do Ensino Médio no Brasil. In: KRAWCZYK, Nora (Org.). **Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 33-62.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. & SOUZA, Raquel. Desafios da Reflexão Sociológica para a Análise do Ensino Médio no Brasil. In: In: KRAWCZYK, Nora (Org.). **Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 33-62.

SPOSITO, Marília Pontes.; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 44, 2018.

SPOSITO, Marília Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria. Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. **Educação e Sociedade**., Campinas, v. 41, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/ES.228732>. Acesso em 12 jan 2023.

SPOSITO, Marília Pontes; Tarábola, Felipe de Souza; GINZEL, Flávia. Jovens, participação política e engajamentos: experiências e significados. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e36719, 2021. DOI: 10.26512/lc27202136719. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36719>. Acesso em: 15 fev. 2024.

TAVOLARI Bianca. **Direito à cidade: uma trajetória conceitual**. São Paulo: Editora Novos Estudos – Cebrap, 2016.

TOMMASI, Livia. CULTO DA PERFORMANCE E PERFORMANCE DA CULTURA: Os Produtores Culturais Periféricos E Seus Múltiplos Agenciamentos. **Crítica E Sociedade Revista de Cultura Política**. Dossiê - Maio, 2016. ISSN: 2237-0579

TOMMASI, Livia De. **Empreendedorismo cultural nas margens da cidade**. In: ROCHA, Lia et al. (org.). *Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção*. Rio de Janeiro: Mérua, 2018. p. 179-202

TOMMASI, Livia.; MORENO DA SILVA, G. . EMPREENDEDOR E PRECÁRIO: a carreira “correria” dos trabalhadores da cultura entre sonhos, precariedades e resistências . **Política & Trabalho: revista de ciências sociais**, [S. l.], v. 1, n. 52, p. 196–211, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n52.51018. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/51018>. Acesso em: 9 jun. 2024.

TOURAINÉ, Alain. (1977), Os movimentos sociais. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.

TOURAINÉ, Alain. 1994. *Qu'est-ce que la démocratie?* Paris: Fayard

ZITTA, Carmem. **Organização De Eventos: da ideia à realidade**. Brasília: Senac-DF, 2011

APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice A - Modelo aprovado de TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

ARTICULAÇÕES E MOVIMENTOS JUVENIS: Análises no evento artístico e cultural a Feira do Beco do Inferno

Nome do Pesquisador Principal e Orientador(a): Vânia Gutierres Siems Bonatto / Felipe de Souza Tarábola

1. **Natureza da pesquisa:** O convite à participação desta pesquisa traz uma proposta de análise qualitativa na investigação das subjetividades dos sujeitos envolvidos na Feira do Beco do Inferno, com a finalidade de compreender os movimentos dos jovens e suas articulações individuais e coletivas relacionadas ao trabalho artístico e cultural no que tange as relações econômicas, políticas e sociais.
2. **Participantes da pesquisa:** Organizadores do evento e jovens artistas (expositores e indivíduos que se apresentam durante a programação cultural). A pesquisa será realizada em duas frentes diferentes, separando os organizadores dos artistas para não haver comprometimento nas respostas.
3. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo os organizadores permitirão que a pesquisadora aborde as questões pessoais e sociais para a realização do evento e que explore as questões de planejamento, produção e desenvolvimento do evento, esmiuçando questões burocráticas e legais. Já os envolvidos nas vendas e apresentações culturais serão abordados sobre seus interesses sociais e políticos no evento assim como interesses econômicos e possibilidades de ganhos monetários. A investigação também irá abranger questões sobre as formas de organização dos artistas, tanto de maneira individual como coletiva com finalidade de compreender os caminhos e os entraves de se viver da arte.

Todos os participantes têm liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Sempre que julgarem necessário, podem e devem solicitar mais informações sobre a pesquisa diretamente a pesquisadora ou ao Comitê de Ética em Pesquisa, através dos canais de comunicação que constam no final deste termo.

Sobre as entrevistas: as entrevistas poderão ser realizadas presencialmente ou de forma remota dentro da plataforma do Google Meet: software que permite fácil acesso e gravação da reunião, que só será realizada com a devida autorização do participante e assinatura do termo de consentimento de uso de imagem e som para o fim específico da pesquisa e apenas para acesso do orientador e pesquisador.

4. **Riscos e desconforto:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Podendo ser considerado como desconforto questões de locomoção para os encontros presenciais ou acessos a plataforma Google Meet, o que será sanado pelo pesquisador em comum acordo com o entrevistado de modo que viabilize sua participação sem gerar custos ou prejuízos.
5. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.
6. **Benefícios:** Ao participar desta pesquisa os envolvidos não terão nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a trajetória que esse grupo tem seguido, tanto de maneira individual como coletiva utilizando como ferramenta principal sua capacidade de criação e expressão. Socialmente pensando, é um fértil caminho de análises que pode contribuir com ideias e ações para políticas públicas voltadas aos jovens, a fim de garantir que os processos de autonomia e independência sejam amparados e viabilizados dentro das esferas governamentais. Além do mais de forma direta ou indireta a investigação de um evento que ocorre em espaço público urbano pode trazer benefícios e desenvolvimento para a população da cidade, pensando em como colabora para suprir algumas demandas específicas sobre a necessidade de atividade criadora, de simbolismo e de ludicidade.
7. **Custos e Pagamentos:** Os envolvidos não terão nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação, qualquer custo fica a cargo do pesquisador.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

OBS: ASSINE ESSE TERMO APENAS COM SUAS DÚVIDAS SANADAS.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

**Pesquisador Principal: Vânia Gutierrez Siems Bonatto - Cel.: (15) 981337987 –
Email: vania.bonatto@estudante.ufscar.br
Comitê de Ética em Pesquisa: Rua Guajajaras, 175, 4º andar – Belo Horizonte/MG
Telefone do Comitê: (31) 35089110**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE CAPTAÇÃO E USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a pesquisadora Vânia Gutierrez Siems Bonatto, a capturar minha voz e imagem durante o processo de pesquisa para sua dissertação de Mestrado, que está sendo realizada sob orientação do Professor Doutor Felipe de Souza Tarábola, através da instituição UFSCAR campus Sorocaba.

A autorização é designada exclusivamente para utilização durante o processo de pesquisa, análise e transcrição de dados, não estando autorizado nenhum tipo de veiculação do material.

Declaro, portanto, que estou de acordo com as gravações, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente a pesquisadora.

Sorocaba, ____ de ____ de 20 ____.

Assinatura do Cedente

Anexo 1 - Documento produzido pela organização do evento

FEIRA BECO DO INFERNO

Evento cultural independente de arte e cultura organizado por artistas no espaço público desde 2016

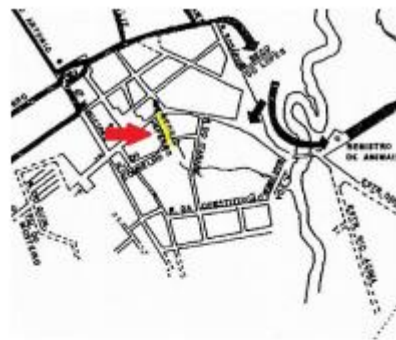
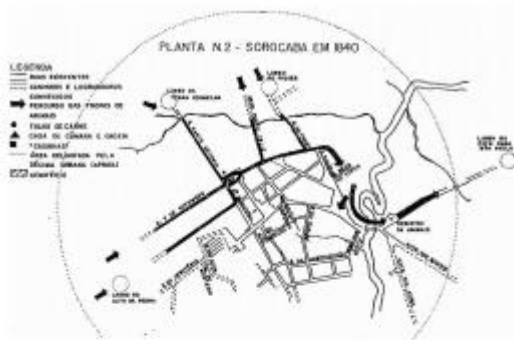


Instagram: @afeirabecodoinferno

Facebook /feiradobecodoinferno



Em 2016 por meio das redes sociais na internet, um grupo de artistas e artesãos de Sorocaba começava a formar a criação de uma feira independente de artes que pudesse promover a união, o intercâmbio artístico e estimular a exposição e venda de produtos exclusivamente autorais e artísticos. A primeira edição da feira ocorreu em junho de 2016, na rua Leite Penteado (antigo Beco do Inferno) - Centro, reunindo muitos artistas e artesãos e a partir daí passamos a fazer a feira bimestralmente. Em 2018 com a expansão do público fomos para a praça Frei Baraúna, local que permanecemos até hoje pelo conforto, espaço e arborização.



Mapa da planta de Sorocaba feito pela pesquisadora Cássia Maria Baddini onde retrata o **Beco do Inferno** dentro do perímetro urbano da cidade em 1840.

mais cruzeiro

CRUZEIRO DO SUL
EDIÇÃO 13480 - 1 DE JUNHO DE 2015 - C1

BECO DO INFERNO

Feira reúne mais de 100 artistas da região

Evento, que está em sua primeira edição, ocorre amanhã na rua Leite Penteado, que tinha fama de ser mal assombrada

Daqui, Brasília

Com base de um local assombrado, segundo lendas e superstições do século 19, a rua Leite Penteado, renomeada por vir a rua São Bento e 18 de Setembro, no Centro de Sorocaba, no dia seguinte, dia 18 de 2015, a primeira edição da Feira do Beco do Inferno. O nome do evento faz alusão à história local e sua história populacional colonial iniciada no século XVIII, sob o domínio português até 1808.

A feira reuniu artistas produtores por mais de 100 artesãos e artistas de Sorocaba e região. A feira de obra feita, os artesãos e artistas que a feira será interrompida o trabalho para o próximo domingo (12), no mesmo local.

Realizado de maneira gratuita e independente, a feira começou a ser planejada por um grupo de arte urbana com intuito de se contrapor a cidade vazia, que catava toda sorte de migrantes e artistas regionais. "No momento que quis fazer uma feira de arte e artesanato em São Paulo, não precisava de dinheiro adicional, mas

foi organizado assim gente interessada e ela cresceu muito (que a gente se surpreendeu)", comenta Flávia Aguiar, uma das organizadoras. Além da Feira, a Feira do Beco do Inferno está sendo organizada por Dêa Faria, Rafael Amis, Lúcia Marinho, Pedro Ribeiro, Carol Puffen e Amanda Joaquim.

No dia, a público poderá adquirir obras artesanais, fotografias, pinturas, tapetes, murais, cerâmicas, e arte única, costuraria e bordado. Além de peças de artesanato e obras de arte, a feira terá uma área de shows com música acústica, performances, intervenções e divulgação de paróias. Entre os shows estão as bandas Alacantara (folk, rock e blues), O grupo de música acústica e experimental, a cantora Anaísa Jacques (MPB e sertanejo) e o grupo Chico de Deus (blues) além de apresentação do duo mineiro, palhaço e declamador de poemas com os grupos Nômade Teatro e Pôrta em Quêbra. O evento tem apoio do Prefeitura, por meio do Secretariado de Desenvolvimento Social (Desos), que disponibiliza localidade gratuita aos visitantes. É válido dizer que no local a oferta de espaço é um desafio.



Entregadores de jornal na rua que era conhecida como Beco do Inferno. A foto é de década de 1950.

Acervo Jornal Cruzeiro do Sul: <https://cdn-banca.sflip.com.br/files/flip/CRUZEIRO/34167/up20/15413366654871.jpg>

Feira do Beco do Inferno estimula a produção artística em Sorocaba

17/07/17 | Felipe Siskara - felipe.siskara@montas.com.br 28



Imagem de Francisco Chaves, que expõe na feira - PEDRO NEZES/AGÊNCIA FCB

Acervo Jornal Cruzeiro do Sul, 11 de fevereiro de 2017: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/764462/feira-do-beco-do-inferno-estimula-a-producao-artistica-em-sorocaba>

REFERÊNCIAS:

- 11-02-2017 - **Feira do Beco do Inferno estimula a produção artística em Sorocaba**

<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/764462/feira-do-beco-do-inferno-estimula-a-producao-artistica-em-sorocaba>

- 17/07/17 - **Feira Beco do Inferno completa um ano e promete se expandir**

<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/803887/feira-beco-do-inferno-completa-um-ano-e-promete-se-expandir>

- 22-09-2018 - **Em cena: Sophia Andrezza**

<http://www.rtdigitalfilms.com.br/blog/em-cena-sophia-andrezza/5->

"6- Como é para você ser uma artista independente em uma cidade e um mercado onde a arte não tem tanta valorização?

Nunca é fácil, né? De fato, os artistas aqui têm poucos espaços e oportunidade pra expôr seus trabalhos, por isso que iniciativas como a Feira Beco do Inferno são tão importantes, é um espaço de troca, de arte, de conhecimento, a gente precisa cada vez mais dessas coisas, a cidade está cheia de gente muito talentosa."

- 9-11-2019 - **Colmeia Doc - Feira Beco do Inferno**

https://www.youtube.com/watch?v=G_oPH3SElg

- 2019 - **FEIRA BECO DO INFERNO USO DO ESPAÇO PÚBLICO PELOS AGENTES CULTURAIS INDEPENDENTES NO CENTRO DA CIDADE DE SOROCABA**

CRUZ, Bianca Cristina Pupo 1 ; BURGOS, Rosalina 2 .

1 Bolsista e Graduada de Licenciatura Plena em Geografia pela UFSCar 2 Orientadora e Professora Doutora do Curso de Licenciatura Plena em Geografia na UFSCar

<https://www.copict.ufscar.br/congressos/cic-cidi-2019-1/trabalhos-apresentados/arquivos-trabalhos-apresentados/apresentacao-cic-cidi-2019-banner-beco-convertido-bianca-pupo-pdf.pdf>

- 22-02-2022 - **Morar em Sorocaba: como é, onde ficar?**

<https://direcional.com.br/blog/lugares-para-morar/morar-em-sorocaba/>

"Lazer

Morando em Sorocaba você também pode desfrutar de bons momentos de lazer, tanto em áreas verdes e parques quanto em bares, restaurantes, teatros, casas de show e museus. Portanto, a cidade proporciona uma intensa lista de atividades sociais e culturais para quem não gosta de ficar em casa.

Além disso, muitas localidades também investem em feiras independentes, como é o caso da **Feira Beco do Inferno** que tem exposições de artistas da cidade."

10 Edições na rua Leite Penteado 2016 - 2017



10 edições na Praça Frei baráúna 2018-2022





Espaço Criança: Todas as edições na Praça Frei Baraúna contamos atividades infantis coordenadas por arte-pedagogas



PERFIL DO EVENTO:

6.450 artistas inscritos em 6 anos.

250 INSCRITOS EM 24HS

20 EDIÇÕES PRESENCIAIS REALIZADAS

1 EDIÇÃO ONLINE (Dia das mães 2021 durante a pandemia)

EM CADA EDIÇÃO:

- Em média 120 expositores de Artes Visuais, Artesanato e Literatura (a partir de 2018)
- 30 feirantes de alimentação vegana e vegetariana.
- 7 apresentações artísticas que variam entre Música, Teatro, Dança, Performance, Poesia, etc

MÉDIA DE PÚBLICO: 3000 PESSOAS POR EDIÇÃO

FAIXA ETÁRIA: 18 A 46 ANOS

TURISMO- Visitantes de: CURITIBA/ SÃO PAULO/ UBATUBA/ RIO DE JANEIRO/ MINAS GERAIS E TODA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA

85%
MULHERES

IMPACTO ECÔNOMICO:

Evento em área central que facilita o deslocamento por transporte público, transporte compartilhado e com acesso por veículos não poluentes (bicicletas, etc)

45% Expositores(as) (Artes Visuais e Artesanato) conseguem rentabilizar 80% da margem de investimento, gerando lucros.

92% Área de Alimentação conseguem margem de mais de 150% comparado ao investimentos na produção dos produtos/alimentos vendidos

76% dos Expositores **relatam contar com o calendário anual da Feira como respiro financeiro e suprimento de contas domésticas** (pagamentos de aluguel, água/luz, insumos básicos e cuidados pessoais)

Pesquisa feita no início de 2020 com 300 feirantes.

4 EDIÇÕES BIMESTRAIS CONFIRMADAS PARA 2022:

4 edições até o final de 2022 já autorizadas pela SEDETUR- Secretaria de Desenvolvimento Econômico Trabalho e Turismo e Sorocaba.

Ao todo serão:

- **28** apresentações artísticas
- **640** feirantes de Arte, Artesanato e Literatura (revezamos todas as edições)
- **120** Feirantes de Alimentação Vegana e Vegetariana
- Público estimado durante as 4 edições: **12 mil pessoas**

Anexo 2 - Documentos oficiais da Câmara Municipal de Sorocaba



CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO

PROJETO DE LEI Nº /2022

Inclui no calendário oficial do município de Sorocaba a Feira do Beco do Inferno.

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta:

Art. 1º Fica incluído no calendário oficial do município de Sorocaba, "A Feira do Beco do Inferno" a ser realizada anualmente, no segundo domingo dos meses de fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro.

Art. 2º Fica a Secretaria da Cultura do Município responsável pela curadoria da Feira.

Art. 3º As despesas decorrentes da aprovação deste Lei correrão à conta de verba orçamentária própria.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

S/S., 18 de maio de 2022.


FERNANDA GARCIA
Vereadora

CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA
18/05/2022 14:11:22
DADOS



CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO

JUSTIFICATIVA:

A Feira Beco do Inferno surgiu em 2016 por iniciativa de um grupo de artistas com o desejo de utilizar o espaço público para fazer um evento onde se pudesse mostrar, compartilhar e vender seu próprio trabalho, promovendo o encontro e o pertencimento cultural à cidade. O local escolhido é justamente o Beco do Inferno, denominação antiga e marginalizada da Rua Leite Penteadado, que pertence ao princípio do arruamento urbano no centro de Sorocaba. Desta forma o evento também procura resgatar a memória popular da cidade, tão esquecida e intencionalmente enterrada e descaracterizada.

Desde então a feira só tem crescido e por volta de 2018 alteraram para um espaço maior no mesmo centro, a praça Frei Baraúna (que já foi Largo do Jardim, Jardim dos Bichos, Fórum e por fim a tão importante Oficina Cultural Grande Otelo). Esta praça tem acolhido a proporcionado domingos maravilhosos a todos e ao mesmo tempo deixa nua a falta de vontade do poder público em preservar nossa memória, praças e lugares de cultura. Assim os artistas seguem, de maneira voluntária e organizada, a promover estes encontros bimestrais aos domingos e a cavar espaços para que a cultura, arte e memória floresçam e artistas possam mostrar livremente seu trabalho.

A feira já se tornou um marco na cidade, assim como o Beco do Batman em São Paulo. A reafirmação de espaços culturais e eventos como este, aproxima as pessoas da sua própria cultura, como já visto que mesmo sem o apoio municipal devido, a participação de pessoas nos eventos só cresce. A Feira do Beco é essencial para Sorocaba também pelo incentivo à economia local e pela sensação de pertencimento.

Contando com o apoio da nobre colega e dos colegas vereadores para aprovação deste projeto que visa a incluir este evento no calendário oficial do município.

S/S., 18 de maio de 2022.


FERNANDA GARCIA
Vereadora



CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO


EMENDA N° 01

MODIFICATIVA ADITIVA SUPRESSIVA RETRITIVA

Altera a redação do art. 2º do PL 166/2022 para constar:

"Art. 2º A curadoria da Feira do Beco do Inferno será de responsabilidade dos feirantes e organizadores independentes do evento do município de Sorocaba.

S/S., 25 de maio de 2022.


FERNANDA GARCIA
Vereadora

EMENDA N.º 01 - PROJ. Nº 166/2022 - 1349 222406 2/2



CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO

COMISSÃO DE JUSTIÇA
RELATOR: Luis Santos Pereira Filho
PL 166/2022 e Emenda 01

Trata-se de projeto de lei, de autoria da nobre Edil Fernanda Schlic Garcia, que *"Inclui no calendário oficial do município de Sorocaba a Feira do Beco do Inferno"*.


De início, a proposição foi encaminhada ao Jurídico que, em reexame da exarou parecer opinando pela **constitucionalidade**.

Vem, agora, a esta Comissão de Justiça para ser apreciada.

Em análise da propositura, verificamos que em que pese o pleno exercício dos direitos culturais, esta Comissão de Justiça, em divergência entende que o evento em questão **"Feira do Beco do Inferno"**, **pela sua nomenclatura, contradiz o espírito normativo trazido pela Constituição Federal e pela Lei Orgânica** (vide art. 4º, VIII), que em seus preâmbulos trazem a **proteção de Deus** que norteiam todo o ordenamento jurídico.

Ante o exposto, **esta Comissão de Justiça entende pela ilegalidade.**

S/C., 04 de julho de 2022.


LUIS SANTOS PEREIRA FILHO
Presidente-Relator


CRISTIANO ANUNIAÇÃO DOS PASSOS
Membro


JOÃO DONIZETI SILVESTRE
Membro



CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA

ESTADO DE SÃO PAULO

COMISSÃO DE CULTURA E ESPORTES

SOBRE: O Projeto de Lei nº 166/2022

Trata-se do Projeto de Lei nº 166/2022, da Edil Fernanda Schlic Garcia, que inclui no calendário oficial do município de Sorocaba a Feira do Beco do Inferno.

De início, a proposição foi encaminhada à Douta Secretaria Jurídica para o exame da matéria quanto aos aspectos legais e constitucionais, que exarou parecer favorável ao projeto. No mesmo sentido, a Comissão de Justiça também não se opôs à tramitação do Projeto.

Na sequência de sua tramitação legislativa, vem, agora, a esta Comissão de Cultura e Esporte. o art. 48-E do RIC dispõe:

Art. 48-E. À Comissão de Cultura e Esportes compete emitir parecer sobre proposição que trate de: (Redação dada pela Resolução nº 405/2014)

I - assuntos culturais e artísticos; (Redação dada pela Resolução nº 405/2014)

II - matérias ligadas à esportes, recreação e lazer. (Redação pela Resolução nº 410/2014)

A Comissão de Justiça se posicionou pela constitucionalidade da proposição e esta Comissão de Mérito não se opõe à tramitação desta matéria.

S/C., 29 de Outubro de 2022

FAUSTO SALVADOR PERES
Presidente da Comissão

ANTONIO CARLOS SILVANO JÚNIOR
Membro

FABIO SIMOÁ MENDES DO CARMO LEITE
Membro